

A SOLUÇÃO ELEGANTE DE LACAN:
uma formalização do “Além do Princípio do Prazer”

Henri Kaufmanner

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Henri Kaufmanner

A SOLUÇÃO ELEGANTE DE LACAN:
uma formalização do “Além do Princípio do Prazer”

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Estudos Psicanalíticos
Orientador: Prof. Jésus Santiago
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2006

Kaufmanner, Henri

A Solução Elegante de Lacan: uma formalização do “Além do Princípio do Prazer” – Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2006. 147p.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Estudos Psicanalíticos Orientador: Prof. Jésus Santiago
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

A Jésus Santiago, pelo lastro, pela paciência e, principalmente, pela aposta decidida que sustentou em sua orientação. Sua atenção e amizade foram imprescindíveis para que este trabalho seguisse sua trajetória.

A Jefferson Machado Pinto pela acolhida e riqueza de discussão que me permitiram vislumbrar um caminho em meu retorno à Universidade.

A Luis Flávio Couto pela pertinência de seu cuidado com a metodologia, que se revelou fundamental para dar corpo a esta pesquisa.

Aos colegas Andréa Milagres, Ercília, Fernando Casula, Romina, Sérgio Campos e Tereza Cristina, interlocutores de primeira hora, parceiros de discussões que, além de deliciosas, ampliaram os horizontes desta investigação.

A Eliza Alvarenga, Oswaldo França Neto e Antônio Teixeira pela atenção e precisão dos comentários em minha qualificação.

Ao pequeno João, cujo alegre e contagiante brilho tem a idade deste projeto.

A Marina por sua perspicácia e curiosidade, além da desconcertante e adolescente paciência.

A minha querida Simone, por seu jeito tão singular de dar o que não tem.

Pra Simone, pra Marina e pro João

Geometry has two treasures: one is the theorem of Pythagoras; the other, the division of a line into extreme and mean ratio. The first we may compare to a measure of gold; the second we may name a precious jewel.

Kepler [1571-1630]

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A chave do problema	17
2. Plano de trabalho.....	18
Capítulo I – A disjunção entre o simbólico e o imaginário.....	21
1. A “Questão preliminar”	21
1.1 Crítica à unicidade do Eu	21
1.2 A predominância do simbólico	25
1.3 A apresentação do Esquema L	27
2. A função imaginária do eu e o discurso do inconsciente.....	29
2.1 O <i>Mênon</i> e o descentramento	29
2.2 A hiância entre o simbólico e o imaginário.....	32
3. O infinito na matemática	38
3.1 O infinito e seus paradoxos	38
3.2 Uma breve história do infinito na matemática	43
3.3 O contínuo e o infinito	45
4. "Energética lacaniana"	47
4.1 O simbólico e o <i>Além do Princípio do Prazer</i>	49
4.2 O imaginário humano não é sem o simbólico	53
Capítulo II – Pulsão de morte: a supressão da hiância.....	57
1. O sujeito e o Eu: modelos para entender o descentramento	58
1.1 O impasse imaginário	58
1.2 A atemporalidade da mensagem simbólica	60
1.3 O tríodo	61
2. Mais de uma maneira de morrer	65
2.1 A Síndrome de Cotard	65
2.2 A tragédia de Édipo	67
2.3 O horror do Sr. Valdemar	69
3. O Esquema L e a lógica estrutural	71
3.1 O sonho da injeção de Irma	72
3.2 A análise e o lugar do analista	81
3.3 O esquema L e a psicose	84
Capítulo III - O problema e suas soluções	93
1. O problema de Schreber	94
1.1 A dimensão simbólica do problema.....	94
1.2 A decomposição imaginária e a frase simbólica	95
1.3 A dialética do engano e o esforço de Schreber	99
2. O Eu e o falo	101
2.1 A simbolização primordial.....	102
2.2 A série simbólica	105
2.3 A metáfora paterna e o falo	107
2.4 Neurose e psicose	111
3. O falo como razão	113

3.1 O segmento áureo	114
3.2 A incomensurabilidade da “razão”	117
3.3 A “Divina Proporção”	120
4. A solução de Lacan	122
4.1 O ϕ e o ϕ	122
4.2 A solução neurótica.....	128
4.3 A solução elegante de Schreber	130
CONCLUSÃO.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

RESUMO

Tomando como ponto de partida o texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* nossa investigação centrou-se na elucidação dos elementos matemáticos presentes no Esquema R e no Esquema I, que Lacan apresenta como topologias referentes à constituição da realidade na Neurose e na Psicose, respectivamente. Em ambos os esquemas foi possível localizar elementos gráficos que dizem respeito à noção de infinito, pois, os dois apresentam assíntotas em sua constituição. Na busca da origem desses esquemas encontramos o Esquema L, apresentado por Lacan no *Seminário 2*. Com o desenvolvimento de nosso trabalho percebemos que esse esquema é um organizador de seu pensamento nos anos 50, e tem como elementos principais em jogo, a disjunção do simbólico e do imaginário, e a persistência de uma hiância insuplantável. Lacan diz que essa topologia refere-se ao *Além do Princípio do Prazer* e verificamos em nossa discussão, que é justamente esse impossível da pulsão de morte, o responsável pela manutenção da dessa hiância. Iniciando com o diálogo *Mênon* de Platão, discorremos sobre os passos que Lacan utilizou para nos apresentar essa disjunção entre o simbólico e o imaginário, bem como salientamos a importância da manutenção dessa disjunção. O simbólico nesse momento do ensino de Lacan é tomado como uma frase contínua. A manutenção da hiância mostrou-se fundamental pelo fato de que esta funciona como um impedimento à redução do sujeito a essa frase contínua simbólica. O imaginário desempenha aí, um importante papel, pois, é por atravessar o simbólico que ele funciona também como um estabilizador desta hiância e sua relação com a estrutura do psiquismo. Através da utilização de alguns apólogos e fragmentos clínicos pudemos mostrar os efeitos que uma superação dessa hiância produz no sujeito. A completude simbólica ou a totalidade do imaginário conduzem o sujeito perigosamente à experiência de morte. Foi o que vimos na tragédia de Édipo, no Sonho de Injeção de Irma, em Schreber, na Síndrome de Cotard entre outros. Estudamos então os artificios do sujeito para manter a disjunção. Vimos que na neurose, isto se faz possível, pois o falo, significante que Lacan aproxima da matemática aproximando-o da noção de média e extrema razão da divisão harmônica, é capaz de, como esta razão, funcionar como elemento estabilizador da relação entre imaginário e simbólico. Pois, assim como a razão do chamado Segmento Áureo, o φ , o falo, como razão, apresenta uma vertente irracional que permitiria a articulação com o simbólico e uma outra vertente que conduziria o sujeito a busca da beleza da forma. Vimos que na psicose, é exatamente a forclusão dessa razão, que abre a possibilidade do colapso da disjunção, levando a toda uma gama de sintomas que podem ser articulados à noção de Automatismo Mental. Vimos que ao psicótico, restar encontrar uma outra razão, para estabilizar o campo de sua realidade. Vimos como que isso se faz em Schreber, e como que a solução por ele encontrada, também permite articular a dimensão irracional do simbólico e a aposta no Um do imaginário. Os elementos presentes na estabilização tanto da neurose como da psicose permitiram-nos encontrar a simplicidade da articulação lacaniana nesse momento a qual chamamos de Solução Elegante de Lacan.

ABSTRACT

We took as a starting point in our work, Jacques Lacan's writing *On a Question Prior to Any Possible Treatment of Psychosis*. Our investigation was centered on the study of the mathematical elements found on Scheme R and Scheme I, considered by Lacan as topologies referred to how reality is constituted in neurosis and psychosis, respectively. In both schemes it was possible to find some graphics references to the notion of infinity, since they both have asymptotes in their constitution. As we followed on, searching for the origin of those schemes, we found Scheme L, presented by Lacan on *Seminary 2*. This scheme works, in our point of view, as an organizer of Lacan's thought during the fifties, and it brings us two main ideas. First, there is a disjunction between the symbolic and the imaginary, and second, there is an insurmountable hiatus between them. According to Lacan, that topology is based on Freud's *Beyond the pleasure principle* and it was possible for us to verify that the impossible of the death drive is what keeps the hiatus in its place. We followed the steps Lacan took to show us the disjunction between symbolic and imaginary, beginning with his discussion on Plato's *Menon* and we emphasized the importance of maintaining this disjunction. At this moment, in Lacan's teaching the symbolic is taken as a continuous phrase. The maintenance of the hiatus is fundamental because it avoids the reduction of subject to this continuous symbolic phrase. The imaginary plays an important role there. It crosses the symbolic, and this crossing conciliates the hiatus with the structure of the psychism. Through the use of some apologues and clinical reports we could show, in our work, what kinds of effects on the subject are produced surpassing this hiatus. A completed symbolic or an imaginary totality leads the subject "dangerously" to a death experience. This is what we can see, for example, in Oedipus tragedy, in Freud's dream known as Irma's Injection Dream, in Schreber, or in the Cotard Syndrome. We followed studying what kinds of artifices are usually used by the subject to keep the disjunction. It is possible in neurosis, because there is the phallus, significant used by Lacan in a mathematical way when he compares it to the medium and extreme ratio of the harmonic division. The phallus is able to work as a stabilizer element in the relationship between symbolic and imaginary. So, just like the Golden Section ratio, the ϕ , the phallus, as a ratio, presents us an irrational side which could allow an articulation with the symbolic and another side that could lead the subject to search the beauty of the form. We also showed that, in psychosis, is exactly the forclusion of this ratio that opens the way for collapsing this disjunction, bringing a large number of symptoms related to the idea of Mental Automatism. The psychotic needs to find another ratio to keep the field of his reality stable. We could demonstrate how Schreber worked on it, and how the solution he found also made possible to articulate the irrational dimension of the symbolic with the imaginary efforts to make One. The elements we could find in the neurosis even in the psychosis stabilization allowed us to find the simplicity of Lacan's articulation at these times. We called it Lacan's Elegant Solution.

INTRODUÇÃO

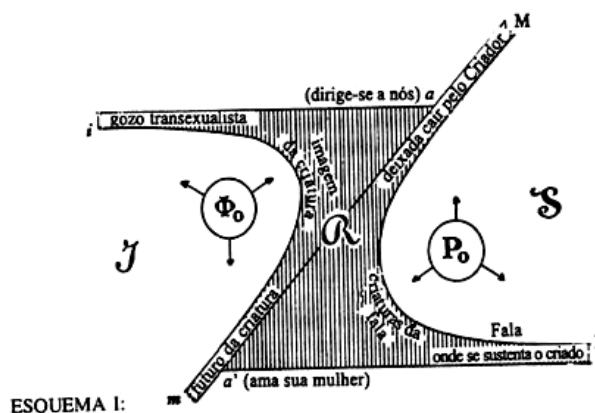
A elegância é uma idéia utilizada freqüentemente na matemática. Diz-se que ela está presente quando, diante de um problema complexo e repleto de variáveis, encontra-se uma solução por intermédio de uma fórmula simples, reduzida a poucos elementos e que por sua elegância presta-se muito bem à sua própria transmissão.

Sabemos do rigor com o qual Lacan buscava formalizar a psicanálise, e como tentava aliar esse rigor a seu esforço de transmissão. O uso de matemas, grafos e figuras topológicas dá um retrato desse esforço de formalização e transmissibilidade. Contudo, como o próprio Lacan sempre ressaltou, em psicanálise há sempre um resto que não se escreve, e muitas das vezes somos, em nossa experiência com seu ensino, levados a concluir que, embora seu esforço tenha permitido a retomada do campo discursivo estabelecido por Freud, a sua transmissão não se fez sem lacunas, pontos obscuros e restos que se apresentam para nós como um convite e um desafio, se quisermos continuar, no campo por ele delimitado, mantendo o espírito e a ética de sua elaboração.

Ao final do texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (LACAN, 1955), Lacan nos mostra que a solução encontrada por Schreber em sua reconstrução delirante não é um caos, e de forma bem diferente do que se poderia pensar, trata-se de um problema de solução elegante (1998:578).

Durante todo o percurso desse texto, Lacan ocupa-se em resgatar o que seria a originalidade do pensamento de Freud, e para tanto se contrapõe à ciência e sua crença no *percipiens*, aos pós-freudianos e sua aposta no Eu, e tenta restabelecer qual seria a verdade do pensamento freudiano no que diz respeito às psicoses.

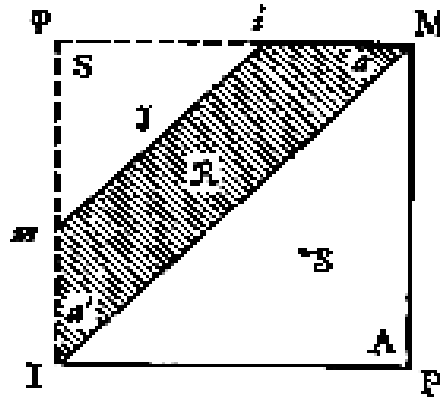
Propondo a si mesmo não ir além de Freud, Lacan formaliza uma série de elementos presentes na história de Schreber, elementos esses que desde então passaram a funcionar como guia àqueles que seguem sua orientação, no que diz respeito à condução da cura nas psicoses. Ali ele nos apresenta suas idéias relativas à estrutura do fenômeno alucinatório, apresenta-nos ainda o conceito de metáfora paterna, as conseqüências de sua forclusão, bem como a importância do encontro com *un père*¹ para o desencadeamento de uma crise psicótica. Mostra-nos a importância dos fenômenos de código e de mensagem, como também momentos cruciais da doença do Presidente Schreber, como sua “morte” e o “milagre do urro”, e ainda nos conduz em questões fundamentais sobre o manejo da transferência na psicose. Para organizar toda essa complexidade de variáveis e vicissitudes da psicose do Presidente Schreber, apresenta-nos, em determinado momento do texto, um esquema, chamando-o de Esquema I.



Nesse esquema, pode-se perceber que Lacan, sem qualquer esclarecimento, utiliza-se de algumas referências matemáticas, sobretudo, de referências à idéia de infinito. Isso se torna mais evidente quando ele nos fala de assíntotas, bem como quando utiliza hipérbolas

¹ Que pela sonoridade em francês pode ser lido como um pai, ou ainda ímpar.

no desenho de seu esquema. No mesmo texto, ele já nos havia apresentado o Esquema R, um plano projetivo, que, portanto, traz referências matemáticas, e que, pela estrutura mesma desse plano, contempla também a idéia de infinito².



A respeito desses esquemas, é o próprio Lacan quem nos convida a ir além da mera apreciação:

"Mais valeria, no entanto, jogar esse esquema no lixo, se ele tivesse, à semelhança de tantos outros, que ajudar alguém a esquecer numa imagem intuitiva a análise que a sustenta" (LACAN, 1998:581).

Foi exatamente na busca da sustentação desses esquemas, tentando ir além da mera imagem intuitiva, que encontrei, no ensino de Lacan, uma série de referências, que me alertaram para o caminho que seu pensamento então tomava, e a importância que a noção de infinito apresentava na pavimentação desse caminho.

Logo nos seus primeiros seminários, mais especificamente em "O *Seminário*, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise" (LACAN, 1985), ele utiliza-se do

² Podemos encontrar um melhor desenvolvimento sobre o estatuto infinito da hipérbole e do plano projetivo, e sua utilização por Lacan, em DARMON, M., *Ensaio sobre topologia lacaniana*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p.148. e em FRANÇA NETO, O.F., "Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose" in *Agora – Estudos em teoria psicanalítica*, vol. II, n. 2, jul./dez. 1999, p.86.

Mênon de Platão (PLATÃO, 1999), para estabelecer os estatutos do simbólico e do imaginário, lançando os parâmetros que permitiriam estabelecer também os conceitos de sujeito e Eu, respectivamente.

No *Mênon*, encontramos Sócrates em sua maiêutica tentando extrair de um escravo, a partir das reminiscências deste, a solução do seguinte problema:

De quanto deve ser aumentado o lado de um quadrado, para que a área obtida com o novo quadrado seja o dobro da área do quadrado anterior.

O problema, operado a partir de um desenho na areia, é solucionado pelo escravo de maneira intuitiva, porém, também equivocada. É Sócrates quem se põe a conduzi-lo à resposta. Esta somente pode ser alcançada, se à geometria intuitiva que se desenha na areia forem acrescentados os conhecimentos aritméticos de Sócrates.

Essa disjunção entre o que um desenho pareceria ser suficiente para resolver e o equívoco decorrente dessa resolução e a necessidade de cálculos matemáticos para a solução do problema, é utilizada por Lacan para nos remeter à disjunção existente entre a geometria e a aritmética, sendo este, ao que parece, o ponto que lhe interessa particularmente.

Essa disjunção inaugura, no *Seminário 2*, toda uma linha de raciocínio que, mesmo sofrendo modificações ao longo de seu ensino, permanecerá como fio organizador de suas idéias ainda por muitos anos.

Aproximando o imaginário da geometria, e o simbólico da aritmética (ou da *doxa* e *epistemé* respectivamente), Lacan nos mostra a existência de uma hiância insuplantável entre os dois, e ao longo do desenvolvimento do seminário, ele nos leva a reconhecer que essa hiância é o real que escapa ao recobrimento a partir do entrecruzamento do simbólico como contínuo e o imaginário em sua ilusão de unidade.

Tal noção vai ser sustentada no Esquema L, que funcionará como uma topologia básica para toda uma gama de variações sobre essa articulação: simbólico, imaginário e real, e as vicissitudes as quais ela está sujeita. O esquema L nos é apresentado como uma topologia do discurso, e manter essa estrutura, com o sujeito tensionado nos quatro cantos do esquema, é fundamental para preservar a função da hiância. Esta, por sua vez, mantém-se como obstáculo à pulsão de morte, e dessa forma, à morte sujeito.

Para fazer a articulação entre o múltiplo e o uno, Lacan recorrerá ao uso de uma conhecida referência matemática, prevalente tanto na geometria como na aritmética, que é o Segmento Áureo.

O falo, por exemplo, peça fundamental do quebra-cabeça lacaniano, nos é apresentado no escrito *A significação do falo*, como sendo a razão do desejo, razão aqui entendida como média e extrema razão da divisão harmônica (LACAN, 1998:700). Essa divisão se articula intimamente com o segmento áureo, e a razão de ambas é o “Número de Ouro” que tem como grafia a letra grega ϕ (HUNTLEY, 1970). O Número de Ouro é um número irracional, incomensurável, e que pelas relações geométricas ordenadas pelas proporções por ele estabelecidas introduz-nos na discussão sobre a beleza da forma, e que na geometria será conhecida como a “Divina Proporção”. O falo, derivado lacaniano do Número de Ouro, seria então um número, um elemento simbólico, que funcionaria como operador de uma proporção, como elemento externo, mas estabilizador da forma, da bela forma.

Com esses elementos da matemática e seu aproveitamento na clínica, Lacan nos fornecerá subsídios que nos permitirão operar numa clínica diferencial neurose/psicose.

Um dos objetivos de nossa investigação é demonstrar que ao se utilizar da matemática, Lacan nos mostra que o neurótico assim o é porque ancorado no falo, acredita na forma e sua beleza, acredita nas imagens com as quais se identifica, por supor necessárias para calar o desejo do Outro, apresentação do insuportável da hiância. O falo, φ , assim como o Número de Ouro nos segmentos contínuos, seria a significação desse desejo, introduzindo o neurótico no mundo das proporções. Tais proporções, da mesma maneira que permitiriam ao neurótico destinar uma forma a seu corpo e a tudo com o que ele se relaciona, delimitando o campo da fantasia e tamponando a hiância, também o condenariam a essa mesma fantasia, à compulsão à repetição e a uma busca virtual, infinita da beleza, da forma perfeita. A beleza, a ser encontrada sempre mais além, tem nesse infinito mesmo uma aposta, a aposta em uma garantia de evitação de um encontro com a sua castração. Todo esse trabalho da neurose estaria contemplada no Esquema R.

O psicótico, em função da forclusão do Nome-do-pai, estaria desprovido da razão matemática, estaria sem o recurso ao φ . Sem a proporção do desejo do Outro, estabelecida pelo falo, o psicótico sofreria com a experiência da dissolução imaginária, e com o horror da presentificação da hiância. Como consequência, encontrar-se-ia muitas das vezes reduzido ao “rasgamento” da cadeia simbólica que se faz real, como na esquizofrenia, ou, então, aderido a uma imagem infinitamente projetada, megalômana, e que também se faz real, como na paranóia. Caberia ao psicótico a formulação de uma nova maneira de operar com essa tensão, efeito da hiância entre imaginário e simbólico; caberia a ele quem sabe uma nova razão, uma nova proporção. Seria essa nova proporção o que Schreber constrói de forma elegante em seu trabalho de delírio e que Lacan nos apresenta em seu Esquema I?

É nossa hipótese que a solução elegante de Schreber demonstrada por Lacan se constitui em apenas uma faceta da própria solução elegante de Lacan. Ou seja, em *De uma*

questão preliminar ao todo tratamento possível da psicose temos a oportunidade de perceber como ele fazia uso da matemática, não somente na organização de seu ensino, bem como na solução de impasses por este enfrentados. Explorar as razões matemáticas de Lacan, suas relações com o infinito, bem como sua formalização teórica, parece-me um caminho bastante profícuo no intuito de esclarecer e ampliar as dimensões, os efeitos e as conseqüências da influência da matemática em seu ensino.

1. A chave do problema

Na segunda lição de *O Seminário*, Livro 10: A angústia, Lacan (2005:27) fala de suas idéias sobre como poderia se dar a sistematização e o ensino em psicanálise. Inicialmente nos diz que o ensino pode se dar pela via que ele chama de catálogo. Nessa via, organiza-se o saber numa série de categorias, numa tentativa de abarcar toda a produção teórica sobre o tema. Segundo ele, essa via termina em impasse e infecundidade. Afinal, não se trataria na psicanálise de um mero acúmulo de saber.

Depois Lacan nos fala de uma via que se organiza em torno dos níveis em que o tema se apresenta. Busca-se, nessa via, através da similitude entre os níveis independentes (por exemplo, o cultural, o biológico, entre outros), desprender algo da ordem de um tipo que especifique o tema. Ele nomeia essa via como a do análogo. Diz que assim não se faz psicanálise, e sim antropologia, e cita Jung como um representante dessa corrente de ensino.

Nem catálogo, nem análogo, Lacan prefere ensinar pela via que ele denomina de chave:

A chave é o que abre e o que para abrir funciona. A chave é a forma segundo a qual deve operar ou não operar a função do significante como tal, é o “que torna legítimo que eu

a anuncie e a distinga e ouse introduzi-la como aquilo em que podemos confiar...” (LACAN,2005:30).

Acreditamos que os esquemas de Lacan são chaves que fazem funcionar o seu ensino. Assim, decifrar o funcionamento dessas chaves, entender como elas funcionam, pode nos permitir fazer operar os significantes dessa "solução elegante".

Por isso, ao longo deste trabalho, ocupar-nos-emos dos elementos constitutivos desses esquemas-chave e da demonstração de seu funcionamento. Com essa demonstração pretendemos esclarecer como que essa chave faz funcionar não somente o texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*, no qual os referidos esquemas estão presentes, mas também uma parte importante do ensino de Lacan.

2. Plano de trabalho

Após este desenvolvimento inicial, no *Capítulo I: A disjunção entre o simbólico e o imaginário*, mostramos como que a partir do *Seminário 2*, o ensino de Lacan toma como base o que ele expressa no Esquema L. Para a demonstração desse esquema ocupamo-nos em deslindar o estatuto que o simbólico e o imaginário apresentavam para Lacan naquele momento, ressaltando a relação disjunta entre os dois. Assim, desenvolvemos a noção do simbólico articulado às noções de contínuo, irracional, e o imaginário com referência à unidade ilusoriamente alcançada, ressaltando ainda a tipicidade que o imaginário tem no humano, pois neste, ele não é sem o simbólico. Ainda nesse capítulo, operamos com a idéia de hiância, aquela que persiste na disjunção entre simbólico e imaginário. Finalmente, trabalhamos a elaboração de Lacan que coloca o Esquema L como o esquema do *Além do*

princípio do prazer, articulando-o à pulsão de morte e revelando como ela era pensada nos anos 50, fazendo uso da noção de compulsão à repetição.

Com o *Capítulo II: Pulsão de morte: a supressão da hiância*, tivemos a oportunidade de avançar no estatuto da pulsão de morte. Mostramos como que toda a tensão por ela produzida se faz no sentido de ultrapassar a hiância fundamental, acabando com o distanciamento de simbólico e imaginário. Ao longo do capítulo utilizamo-nos de uma série de exemplos em que esse ultrapassamento da hiância acontece. Nesses casos temos a precipitação do sujeito à morte, seja por sua redução à frase simbólica, seja por sua redução ao duplo especular. Como exemplos dessa tensão da pulsão de morte, e de algumas conseqüências desse ultrapassamento, utilizamos como exemplos, particularmente o Sonho da Injeção de Irma, Édipo em Colona e alguns fenômenos psicóticos.

No *Capítulo III: O problema e suas soluções*, tivemos a oportunidade de ver como que o neurótico e o psicótico lidam com a demanda incessante da pulsão de morte. O que nos interessa é mostrar como que cada um se trata do padecimento que é o domínio do além do princípio do prazer. Assim abordamos as soluções encontradas sustentando a hiância como lugar do sujeito. Interessa-nos o falo como solução neurótica, e em decorrência disso abordamos sua função recorrendo ao Número de Ouro mostrando a afinidade lógica que os dois apresentam. Com Schreber discutimos os efeitos da forclusão do Nome-do-pai, e como fica o psicótico em sua relação com a pulsão de morte. A partir desses problemas, mostramos a solução neurótica e a solução psicótica tomando como referência a solução elegante de Schreber. Vimos que o falo como solução neurótica permite uma modulação possível do infinito, já para Schreber foi preciso fazer uso de outros recursos para se haver com esse infinito real. Esses recursos são bem mais singulares, e sua utilização não se fez aleatoriamente como tivemos nesse capítulo a oportunidade de demonstrar.

Na *Conclusão*, afirmamos as dificuldades e riscos de uma dissertação em psicanálise, e fundamentamos as articulações finais com as quais verificamos se os diversos momentos da nossa discussão se fizeram suficientes para sustentar a idéia da solução elegante em Lacan, e se nossos objetivos e hipóteses foram alcançados.

Capítulo I – A disjunção entre o simbólico e o imaginário

1. A “Questão preliminar”

Como foi a leitura do texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1955) o que nos provocou a série de perguntas que abriram o caminho para a escrita deste trabalho, faremos uma passagem inicial por ele, tentando delimitar os pontos que funcionaram como os provocadores iniciais. Uma interrogação que logo surgiu na sua leitura, refere-se a seu título. Qual seria a questão preliminar estabelecida por Lacan como presente em todo tratamento possível da psicose? Qual o *a priori*, ou seja, qual a condição que ele estabelece como prévia e necessária a qualquer possibilidade de tratamento da psicose e que desenvolve ao longo do texto, e que, como em outros textos de seus *Escritos*, não se oferece muito facilmente a seus leitores?

Começamos por delimitar esse ponto que nos parece fundamental. Com essa delimitação pretendemos não somente deixar evidente as razões que nos fizeram escolher o caminho a percorrer nesta investigação, como também fazer com que essas razões sejam elas mesmas o início dessa trajetória.

1.1 Crítica à unicidade do Eu

Em "Rumo a Freud", primeira parte desse texto, Lacan expõe sua discordância com o tratamento que a psicose vinha recebendo, não sendo difícil localizar nessa discordância referências à psicologia ou à psiquiatria.

"Meio século de freudismo aplicado à psicose deixa seu problema ainda por repensar, ou, em outros termos, no *status quo ante*... Assim é que a teoria da abstração, necessária para dar conta do conhecimento, fixou-se numa teoria abstrata das faculdades do sujeito, que as mais radicais petições sensualistas não conseguiram tornar mais funcionais no que tange aos efeitos subjetivos" (LACAN, 1998:537).

No primeiro momento de seu texto, Lacan já nos anuncia sua inquietude com a dominância de um pensamento que, apesar de todo o esforço de Freud, não conseguiu ir além de uma teoria das faculdades mentais, incapaz de avançar em qualquer nova elaboração sobre a subjetividade na psicose. Seguindo o texto, vemos que ele deixa mais explícita a sua condenação a esse pensamento. Ele desenvolve toda uma articulação a partir da noção de alucinação presente na ciência. Destaca o fato de que "nos bancos da escola" aprendemos a eludir essa questão, "mesmo admitidas as alternâncias de identidade do *percipiens*, sua função constitutiva da unidade do *perceptum* não é discutida" (LACAN, 1998:538).

Sua interrogação é feita a partir da constatação de que o conceito de alucinação é apresentado "nos bancos da escola" apenas em seu estatuto de percepção. A alucinação, desta maneira, não passa de uma percepção sem objeto. Tal concepção parte do pressuposto de que o *percipiens*, ou seja, aquele que percebe o estímulo, é um dado estabelecido aprioristicamente, sendo o *perceptum*, aquele que podemos tomar aqui como o objeto capaz de provocar alterações apenas ao nível dos sentidos, ou seja, do *sensorium*. Assim, tal elaboração parte de uma idéia naturalista do ser e também do objeto. O *percipiens* já está lá, às voltas com uma apreensão objetiva da realidade. Em "O *Seminário*, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise" encontraremos a seguinte citação de Lacan:

“Na perspectiva clássica, teórica, há entre sujeito e objeto cooptação, co-nascimento... É num registro de relações totalmente diferente que o campo da experiência freudiana se estabelece” (LACAN, 1985:280).

Podemos dizer, mesmo de maneira sintética, que segundo a esta concepção, positivista, há um ser, e que esse ser já nasce com o homem.

Lacan discorda veementemente de tal idéia. Tomando como exemplo a alucinação verbal motora³ ele insiste em que o *sensorium* é "indiferente na produção de uma cadeia significante", e que "esta se impõe por si ao sujeito em sua dimensão de voz". Ela "assume como tal uma realidade proporcional ao tempo que sua atribuição subjetiva comporta", e que o que a determina é sua estrutura mesma de significante, que é distributiva, ou seja, apresenta-se com vozes diversas, "colocando portanto o *percipiens* como tal, pretensamente unificante, como equívoco" (1998:539).

Torna-se possível, então, vislumbrar o trajeto que Lacan parece fazer ao longo de seu texto. Primeiramente podemos estabelecer que não há anterioridade nem unicidade do *percipiens*, nem uma realidade objetiva do objeto. O que podemos caracterizar a partir do fenômeno alucinatorio é a relação do sujeito ao significante, e o papel determinante desse último na estrutura mesma do fenômeno. Para demonstrar isso, Lacan utiliza-se de uma apresentação de paciente, por ele já utilizada anteriormente em “*O Seminário*, livro 3: As psicoses” (LACAN, 1985a). Trata-se de uma mulher que ouve numa alucinação a injúria “porca!”, quando ao sair de sua casa defronta-se com seu vizinho no corredor. Logo em seguida surge em seu pensamento a frase alusiva, “eu venho do salsicheiro” (LACAN, 1998:540). Continuando sua demonstração, Lacan ainda se utiliza dos fenômenos

³ A alucinação verbal motora foi assinalada por Jules Séglas. Ele observou que alguns pacientes apresentavam muscitações e que estas eram, na verdade, a fala alucinatoria escutada por eles. Lacan utiliza-se deste achado de Séglas para defender sua idéia de que a alucinação é verbal e não auditiva.

de código e de mensagem, por ele assim nomeados, presentes em Schreber(1998:543). Com esses exemplos, que ganham valor paradigmático para a clínica das psicoses, ele nos demonstra que o sujeito não apresenta qualquer anterioridade ao significante. O sujeito é na verdade designado em sua relação com o significante.⁴

Em "Depois de Freud", segunda parte do texto, Lacan mantém o tom, agora numa discussão com os pós-freudianos.

“O que nos trouxe Freud aqui? Entramos no assunto afirmando que, quanto ao problema da psicose, essa contribuição levava a uma recaída. Ela é imediatamente sensível no simplismo dos recursos invocados em concepções que se reduzem, todas, a este esquema fundamental: como fazer passar o interior para o exterior? O sujeito, efetivamente, pode até englobar aqui um *isso* opaco, pois de qualquer modo é como *eu*, isto é, de maneira inteiramente expressa na atual orientação psicanalítica, como esse mesmo *percipiens* indestrutível, que ele é invocado na motivação da psicose. Esse *percipiens* tem todo o poder sobre seu correlato não menos inalterado - a realidade -, e o modelo desse poder é buscado num dado acessível à experiência comum, a da projeção afetiva” (LACAN, 1998:547).

Nessa citação ele nos mostra que o conceito pós-freudiano de *eu* tem o mesmo estatuto indestrutível do *percipiens*. A idéia unificadora do *eu*, para ser sustentada, não pode prescindir da noção de projeção, que vem em socorro aos pós-freudianos, que diferentemente dos representantes das psicologias, não eram totalmente inocentes quanto à presença de um outro nas relações do sujeito. Lacan utiliza-se aqui também de Schreber, mostrando como que os pós-freudianos se fixaram nas idéias contidas em Freud e em seu apêndice sobre o caso Schreber, onde ele aponta as alterações da estrutura gramatical da frase “eu o amo” como forma do sujeito operar as suas diferentes relações com o outro. Insensíveis às novidades trazidas por Freud em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914), os pós-freudianos, diz Lacan, preferem apostar na idéia da

⁴ Não é minha intenção aprofundar o estudo das alucinações. Apenas quis acentuar o trabalho de Lacan em apontar o equívoco da idéia de um *percipiens* unificador.

homossexualidade, sem conseguir se aperceber que Freud ali nos apresentava uma primeira teoria de como o eu se constitui a partir do outro, ou seja, da não unicidade do eu.⁵ Os pós-freudianos preferem apostar no "reencontro do bom e velho *percipiens*, resistente a tudo, e da função de síntese" (LACAN, 1998:549).

A questão preliminar de Lacan vai passo a passo se delimitando. Diante de todo tratamento possível da psicose pela psicanálise, não podemos tomar como ponto de partida a anterioridade histórica ou mesmo lógica de um eu, ou de um *percipiens* único e indestrutível, sensível aos estímulos naturais de um objeto.

1.2 A predominância do simbólico

É importante ressaltar que nesse período de seu ensino, Lacan encontrava-se ocupado em retomar o valor da invenção freudiana, que para ele estava sendo depreciado devido aos equívocos dos seguidores de Freud.

No texto *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*, ele expõe sua preocupação:

"Freud, nisso como em toda parte, é gritante: todo o seu esforço, de 1897 a 1914, foi o de levar em conta o imaginário e o real nos mecanismos do inconsciente. É curioso que isso tenha levado os psicanalistas, em duas etapas, primeiro a fazer do imaginário um outro real e, em nossos dias, a encontrar nele a norma do real. Sem dúvida, o imaginário não é o ilusório e fornece material para a idéia. Mas o que permitiu a Freud fazer a descida por ele até o tesouro com que seus seguidores enriqueceram foi a determinação simbólica, na qual a função imaginária se subordina e que, em Freud, é sempre poderosamente lembrada, quer se trate do mecanismo do esquecimento verbal, quer da estrutura do fetichismo. E podemos dizer que, ao insistir em que a análise da neurose fosse sempre reconduzida ao nó do Édipo, ele não almejou outra coisa senão garantir o imaginário em sua concatenação simbólica, pois a ordem simbólica exige pelo menos três termos, o que impõe ao analista não esquecer o Outro presente entre os dois que, pelo fato de estarem ali, não envolvem aquele que fala.

⁵ Lembramos que nossa intenção aqui é mostrar como Lacan se colocava discordante da idéia unificadora do eu.

Mas, apesar do que Freud acrescentou a essa advertência através de sua teoria da miragem narcísica, o psicanalista continua a se embrenhar cada vez mais na relação dual, sem que o impressione a extravagância da ‘introjeção do bom objeto’ pela qual, como um novo pelicano, ele se oferece, felizmente sob aparências fantasísticas, ao apetite do consumidor...”(LACAN,1998:466).

É exatamente por restabelecer, naquele momento de seu ensino, a predominância da função simbólica que Lacan, após um breve elogio a Ida Macalpine, tradutora de Schreber para o inglês, critica-a por ter se recusado em buscar as referências freudianas do Édipo e sua articulação simbólica, para se apoiar numa primitiva fantasia heliolítica de procriação, em suas elaborações sobre o delírio de Schreber⁶ (1998:552).

Em "Com Freud", terceira parte, Lacan explicita ainda mais a sua intenção. Após denunciar o equívoco presente nas concepções pré e pós-freudianas da psicose, ele nos afirma que é na relação com o A (Outro) que isso se define:

“... Pois, retirem-no dali e o homem nem sequer consegue sustentar-se na posição de Narciso. O *anima*, como que pelo efeito de um elástico, reduz-se ao *animus*, e o *animus*, ao animal, o qual, entre S e a, mantém com seu *Umwelt* ‘relações externas’ sensivelmente mais íntimas do que as nossas, sem que se possa dizer, de resto, que sua relação com o Outro seja nula, mas apenas que ela não nos aparece de outro modo senão em esporádicos esboços de neurose” (LACAN, 1998:557).

Lacan nos relembra a invenção freudiana do inconsciente, ou seja, que isso pensa, pensa um bocado mal, embora com firmeza, e pensa sem que sequer se pense nisso. O inconsciente é esse alhures, *ein anderer Schauplatz*⁷, e não reconhecer isso não passa de uma aversão. Dessa forma, todo tratamento possível da psicose deve ter como questão preliminar a noção de que a psicose é um fato de linguagem, uma vicissitude da relação do

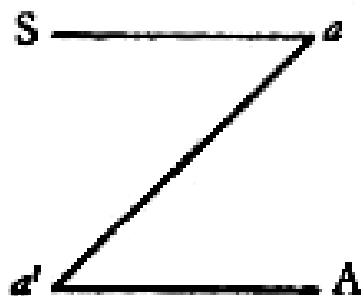
⁶ “... in Schreber’s the sun is feminine... When Freud assumed the sun to be a father symbol and God equivalent to an earthly father. He failed to see that Schreber was preoccupied with the origin and giving life, i.e. creation and procreation in the primitive, presexual sense which precedes knowledge of sexual reproduction both in history of the individual and of mankind...These “prephalic speculations gave rise to the belief in sun gods in the sky who hold the life-substance...” (MACALPINE,1955:378).

⁷ Uma outra cena.

sujeito com o Outro, esse alhures, e não o padecimento de um *percipiens*, ou de um Eu, único e originário.

1.3 A apresentação do Esquema L

Para "fixar as idéias" Lacan aplica a relação do sujeito ao Outro ao Esquema L Simplificado (LACAN, 1998:555):



Ele diz que esse esquema significa que o estado do sujeito S, neurose ou psicose, depende do que se desenrola no Outro, e o que se desenrola é um discurso. Assim, o Esquema L seria uma representação do inconsciente como discurso do Outro. O sujeito seria parte integrante desse discurso, repuxado para os quatro cantos do esquema. Em S, sua estúpida e infável existência, em a seus objetos, e a', seu eu, e A, o lugar de onde pode ser formulada a questão de sua existência. Assim, em contraposição ao *percipiens*, e ao Eu dos pós-freudianos, Lacan nos apresenta um sujeito dividido, que não se confunde com o eu, repuxado que é por sua relação com o Outro.

É importante ressaltar essa oposição entre neurose e psicose já estabelecida nesse momento. O estado do sujeito depende do que vai acontecer em sua relação com o Outro,

pois é no Outro que pode ser formulada a questão de sua existência. Essa questão se apresenta articulada desta forma:

" 'Que sou eu nisso?', concernente a seu sexo e sua contingência no ser, isto é, a ele ser homem ou mulher, por um lado, e por outro, ao fato que poderia não sê-lo, os dois conjugando seu mistério e enlaçando-o aos símbolos da procriação e da morte. Que a questão de sua existência inunde o sujeito, suporte-o, invada-o ou até o dilacere por completo, é o que testemunham ao analista as tensões, as suspensões e as fantasias com que ele depara; mas resta ainda dizer que é sob a forma de elementos do discurso particular que essa questão no Outro se articula" (LACAN, 1995:555).

Portanto, diferente do que muitos parecem acreditar, nos anos 50, Lacan não nos falava de uma psicose como um déficit diante da neurose. Por isso talvez tenha insistido tanto na importância da presença da dimensão simbólica na estrutura e nos impasses da psicose, como tentamos demonstrar anteriormente. Sabemos da importância que as questões referentes ao sexo, à procriação, à vida e à morte têm para qualquer sujeito, seja ele neurótico ou psicótico. O que Lacan nos mostra é que neurose ou psicose dependem de como vai se operar essa questão no campo do Outro. Ao longo da "Questão preliminar" ele vai mostrar, através do Esquema R, como essa relação do sujeito ao Outro se estrutura na neurose, e através do Esquema I, como, tomando como referência o caso Schreber, ela se estrutura na psicose. Embora não seja intenção deste trabalho ocupar-se do diagnóstico diferencial neurose/psicose, acreditamos que ao longo da discussão essa oposição, da maneira como se apresentava para Lacan naquele momento, restará bem mais clara.

A partir de deste ponto tentamos mostrar como que essa oposição se desenvolve em torno de um fio condutor que organizava o pensamento de Lacan nesse momento de seu ensino, e que se explicita numa outra oposição, a oposição Esquema R/Esquema I.

2. A função imaginária do eu e o discurso do inconsciente

É com esta apresentação que, pela primeira vez, o Esquema L aparece no *Seminário 2* (LACAN, 1985:142). Ele vem em seqüência a três outros apresentados por Lacan. O primeiro é o esquema produzido por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1977:429), e que Lacan designa como o primeiro esquema do aparelho psíquico. Depois vemos o esquema presente na carta 52 (FREUD, 1977:317), que Lacan diz ser o esquema da *Traumdeutung*⁸. Em seguida temos o esquema ótico, produzido por Lacan, e que ele nos diz ser o esquema para a teoria do narcisismo, e, finalmente, o Esquema L, com a nomeação à qual nos referimos.

A colocação em seqüência desses esquemas demarca uma certa trajetória da psicanálise, e, ao longo desse seminário, Lacan em vários momentos acentua que o Esquema L refere-se ao momento tão fundamental na obra de Freud, que é a produção do *Além do princípio do prazer*. Acreditamos que essa relação se esclarecerá à medida que a própria construção do Esquema L também ficar esclarecida.

2.1 O *Mênon* e o descentramento

O desenvolvimento do *Seminário 2* inicia-se com o recurso que Lacan faz do *Mênon*, diálogo de Platão (PLATÃO, 1999), que teria sido apresentado em trabalho realizado na noite anterior, por Alexandre Koyré. Trata-se de um diálogo em que Platão, mais uma vez, refere-se às “proezas” de Sócrates. A respeito de Sócrates, encontramos a seguinte referência de Lacan:

⁸ Interpretação dos sonhos

"É aquele que inaugura na subjetividade humana este estilo de onde surgiu a noção de um saber ligado a determinadas exigências de coerência, saber prévio a todo progresso ulterior da ciência experimental... Pois bem, no mesmo momento em que Sócrates inaugura este novo ser-no-mundo, que denomino aqui uma subjetividade, ele se dá conta de que o mais precioso, a *areté*, a excelência do ser humano, não é a ciência que vai poder transmitir os caminhos para se chegar aí. Aqui já ocorre um descentramento..." (LACAN,1985:11).

É esse descentramento que interessa a Lacan, e interessa na medida em que ele está nesse momento, como foi visto quando nos referimos a esse ponto na "Questão preliminar", tentando restaurar o estatuto freudiano da noção de Eu, que não é único, e que na verdade é um outro, descentrado, o que implica que "o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo" (1985:16). Para tanto, o *Mênon* presta-se muito bem. Nele é possível perceber que a *epistemé* não cobre o campo todo da experiência humana, e que, sobretudo, não existe uma *epistemé* da virtude. A virtude, particularmente a virtude política, seria alcançada por intermédio da *ortodoxa*. Assim, para Sócrates, estaria clara a rachadura existente entre a ciência, a *epistemé* e a opinião verdadeira, sentido possível para o grego *ortodoxa*.

No diálogo de Platão, encontramos Mênon, um rico habitante de Larissa, na Tessália, aluno dos sofistas e interessado em matemática, mais especificamente em geometria, interrogando a Sócrates, se a virtude poderia ser ensinada. A resposta de Sócrates atenta para o fato de que haveria homens que alcançariam a virtude não pelos caminhos da ciência, mas pelos da opinião verdadeira. Ele se põe a mostrar a Mênon, como um escravo, tendo em sua alma despertadas as idéias aí adormecidas, seria capaz de encontrar um certo número de verdades relacionadas, por exemplo, à geometria. Transparece então, nesse momento do diálogo, a teoria platônica da reminiscência, pela qual tanto a opinião verdadeira como a ciência são apenas uma lembrança das Verdades Eternas que um dia a nossa alma contemplou (TANNERY, 1999).

Lacan, ao que parece, não se mostra muito interessado na questão da reminiscência. Como dissemos logo acima, ele interessa-se fundamentalmente pela questão do descentramento. E é em torno desse descentramento que ele nos esclarecerá sua posição sobre a noção platônica da reminiscência. Ao longo de seu comentário sobre o *Mênon*, ele acrescentará à oposição *epistemé/ortodoxa*, ou ciência/opinião verdadeira, as oposições:⁹ saber/intuição e simbólico/imaginário. Mais à frente ocupar-nos-emos um pouco mais do desenvolvimento dessa série, mas neste momento, gostaríamos de ressaltar esse ponto em que Lacan, abordando a idéia de reminiscência, vai explicá-la como sendo uma ilusão produzida pelo simbólico. Ele diz que quando "uma parte do mundo simbólico emerge, ela cria, efetivamente, seu próprio passado. Mas não do mesmo jeito que a forma no nível intuitivo. É justamente na confusão dos dois planos que reside o erro, o erro de crer que aquilo que a ciência constitui por intermédio da intervenção da função simbólica estava aí desde sempre, de crer que está dado" (LACAN,1985:29) .

Todo saber esquece que é uma cristalização da atividade simbólica, esquecendo-se assim que existe uma "função criadora da verdade em sua forma nascente" (1985:30). Lacan, em tom de alerta, diz que enquanto analistas, trabalhamos na dimensão da verdade em estado nascente, e, portanto, não podemos esquecê-la. E conclui: "Tudo o que se opera no campo da ação analítica é anterior à constituição do saber... o que se descobre na análise está no nível da *ortodoxa*". Ele não esconde sua preocupação de que o analista se deixe levar pelo saber produzido pela psicanálise, dizendo que se este não deve ser desprezado, o analista, contudo, deve se formar num outro âmbito que não aquele onde esse saber se sedimenta. Exemplifica dizendo que se para Sócrates, Temístocles e Péricles foram grandes

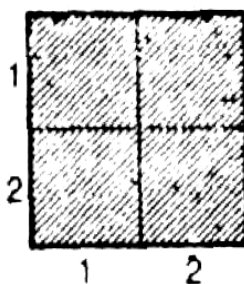
⁹ Lembramos que, aqui, o termo oposição é empregado em sua referência ao significante.

homens é porque eram grandes psicanalistas, na medida em que teriam encontrado no registro deles o que quer dizer a opinião verdadeira.

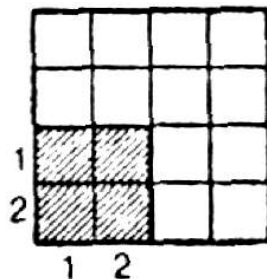
Assim, se nos anos 50, estamos diante de um Lacan que privilegia o registro do simbólico, é nítido também que ele não se deixa enganar sobre os limites desse mesmo simbólico, principalmente a impossibilidade de abarcar o todo da experiência analítica.

2.2 A hiância entre o simbólico e o imaginário

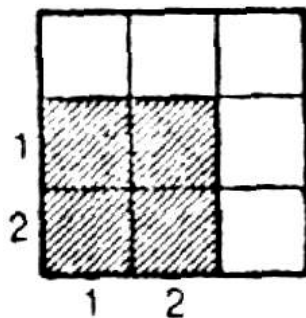
Lacan ocupa-se, particularmente no *Mênon*, do problema apresentado por Sócrates ao escravo, e por isso vamos apresentá-lo de forma simplificada, privilegiando apenas o ponto ressaltado por Lacan, sem nos ocuparmos do desenvolvimento da maiêutica socrática. Trata-se basicamente de saber quanto se deve aumentar o lado de um quadrado para que este tenha sua área duplicada. Sócrates apresenta esse problema ao escravo representando-o através de um desenho na areia, e é através também do desenho que a solução deverá ser encontrada.



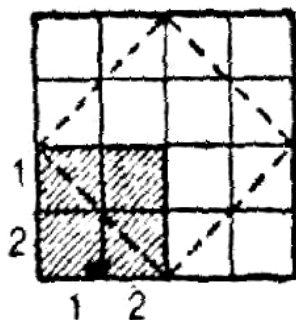
A resposta inicial do escravo foi de que, para se duplicar a área desse quadrado, bastaria a duplicação da medida do lado do mesmo.



A resposta do escravo, como lhe mostrou Sócrates, produziu um quadrado de área quatro vezes maior do que o quadrado inicial. Sócrates perguntou-lhe então se, devido ao fato de a duplicação do lado do quadrado ter produzido um outro de área quatro vezes maior, um aumento de apenas metade do lado não produziria um quadrado com o dobro da área, como se queria. O escravo intuitivamente concordou.



Novamente, contudo, a solução mostrou-se errada. O quadrado produzido não possuía o dobro da área do primeiro. Finalmente Sócrates apresentou a solução para o problema, dividindo ao meio o quadrado produzido na primeira resposta do escravo, divisão essa que foi feita pelo encontro das diagonais do quadrado original.



Lacan chama-nos a atenção para o fato de que é Sócrates quem mostra ao escravo o erro por ele cometido. O escravo, a partir do desenho feito na areia por Sócrates, percebe o equívoco da idéia de que duplicando o lado do quadrado ele teria o dobro da superfície, erro decorrente da utilização da idéia de equivalência. Contudo, sem o mestre ele não teria como encontrar a solução. É este quem lhe mostra o caminho, a partir da noção de que a metade de uma área de 16 quadrados-medida é 8 quadrados-medida. Portanto, um conhecimento sobre os números se fez necessário. Além disso, não foi uma simples divisão, o que foi demonstrado por Sócrates. Foi necessário a divisão pelas diagonais do quadrado, o que segundo Lacan introduz o simbólico no problema, a partir do número irracional $\sqrt{2}$. Esse número não estaria no plano intuitivo, o que revelaria uma falha existente entre este plano e o plano simbólico¹⁰. O que vemos na demonstração presente no *Mênon* de Platão seria uma passagem do plano intuitivo de ligação ao plano simbólico de ligação, ou melhor dizendo, do imaginário ao simbólico.

¹⁰ Aqui se faz necessário lembrar o teorema de Pitágoras. No triângulo retângulo, a soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa. Portanto, se cada cateto mede 1(um), a hipotenusa mede $\sqrt{2}$.

“O escravo, com toda sua reminiscência e sua intuição inteligente, vê a boa forma, se é que se pode dizer isto, a partir do momento em que a designam a ele. Mas fica aí palpável a clivagem entre o plano do imaginário ou do intuitivo - no qual, com efeito, funciona a reminiscência, ou seja, o tipo, a *forma eterna*, o que também se pode denominar as intuições *a priori* - e a função simbólica que não lhe é absolutamente homogênea, e cuja introdução na realidade constitui um *forçamento*.” (LACAN, 1985:28 – grifos nossos).

É inquestionável afirmar que ao escravo somente é possível acompanhar o desenvolvimento do pensamento de Sócrates a partir do forçamento que esse produz, introduzindo a dimensão simbólica, irracional, presente na $\sqrt{2}$ da diagonal do quadrado. Não fosse essa intervenção, o escravo estaria impossibilitado de dar esse passo, de superar a pura crença na forma, persistindo na impossível tarefa de duplicar a área do quadrado pela duplicação de seu lado.

Segundo Lacan, não se trata de quadrados ou quadrículas, mas de linhas que se introduzem na realidade, sendo este o segredo que Sócrates não revela ao escravo. Ele traça linhas, e serve-se delas, como se estas estivessem lá desde a origem, supostamente real:

"Introduziram-se números inteiros quando, no entanto, se tratava simplesmente de maior e de menor, de quadrículas reais. Em outros termos, as imagens dão um aspecto de evidência ao que é essencialmente manipulação simbólica. Se se chega à solução do problema, ou seja, ao quadrado que é duas vezes maior que o primeiro quadrado, é por se ter começado destruindo o primeiro quadrado como tal, ao lhe tirar um triângulo e por se ter recomposto com ele um segundo quadrado. Isto supõe um mundaréu de assunções simbólicas que estão ocultas por detrás da falsa evidência à qual se faz aderir o escravo” (LACAN, 1985:322).

Portanto, o imaginário e sua boa forma, as formas eternas, e mesmo os números inteiros, são apenas um aspecto de evidência ao que é essencialmente manipulação simbólica. Para que Sócrates pudesse interferir no futuro da vida daquele escravo, "foi preciso que uma multidão de agrimensores, exercícios práticos, precedessem as pessoas que discorrem com tanta sabedoria na ágora de Atenas..." (1985:323).

O simbólico por sua vez não é inteiro, é irracional, no sentido matemático do termo, incomensurável como incomensurável é $\sqrt{2}$. Pois, lembra-nos Lacan, por mínima que seja, não existe medida comum entre a diagonal do quadrado e seu lado, e é exatamente isso que se denomina irracional. Essa noção de simbólico é essencial para o desenvolvimento desta investigação, contudo, para preservar o encadeamento das idéias, deixaremos para um momento posterior uma elaboração mais detalhada sobre este ponto. No momento parecemos importante seguir a linha do pensamento de Lacan, quando ele nos diz que assim como as imagens utilizadas na demonstração geométrica do problema presente no *Mênon* são fruto da elaboração simbólica, no sujeito do inconsciente, as imagens estão lastreadas no texto de sua história, presas na ordem simbólica. Esse intrincamento entre o simbólico e o imaginário é tão precoce e mesmo coalescente, diz Lacan, quanto a chamada relação original, que, nos diz ele ainda, temos que admitir como sendo uma espécie de resíduo do real:

"Logo que existe no ser humano este ritmo de oposição, escandido pelo primeiro vagido e por seu cessamento, algo se revela, que é operatório na ordem simbólica"(1985:323).

Como dissemos, a solução do problema no *Mênon* é possível pelo fato de que as imagens não se apresentam tão "inocentemente" ao pensamento humano. Se assim fosse, fazendo um exercício imaginativo, podemos supor que provavelmente nosso escravo estaria, até hoje, multiplicando em proporções geométricas a área de seu quadrado, conseqüência inevitável da inocente duplicação de seus lados.

O imaginário, entretanto, não é inefável. Ele se inscreve numa ordem simbólica resultando numa relação ternária. Estaria aí um sentido, entre outros, da fala na análise.

Desde o início, a experiência do sujeito esta organizada na ordem simbólica. Ao falar de si mesmo, aparecem "rasgões" na fala, rasgões que se produzem no texto mesmo do discurso, permitindo ao analista ir além daquilo que lhe é falado. "É na medida em que algo de irracional aparece no discurso que vocês podem fazer intervir as imagens em seu valor simbólico" (1985:321). Convém lembrar que a essa determinação simbólica, que confere sua significação às relações imaginárias do sujeito, Lacan denomina Discurso Inconsciente do sujeito.

"É aqui que a análise se efetua - na fronteira do simbólico e do imaginário" (1985:321).

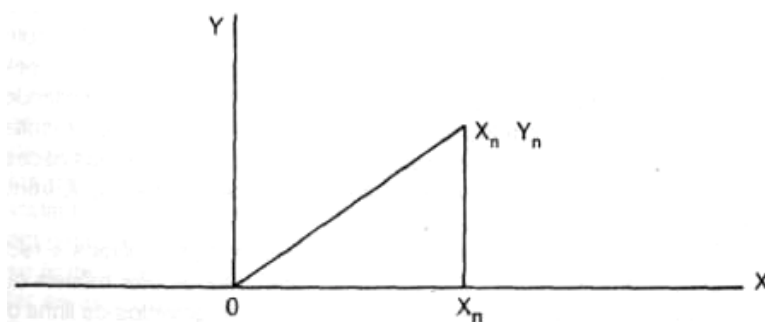
Partindo da constatação de que entre o imaginário e o simbólico existe uma hiância, e com a idéia de fronteira que essa citação traz, é necessário concluir que é nessa hiância mesma que a análise se efetua. Isso estabelece uma diferença fundamental com os defensores da idéia de que a psicanálise deveria se ocupar da chamada relação de objeto, noção que tem como condição teórica uma autonomia do imaginário. Lacan ao longo de todo o *Seminário 2* contrapõe-se a esta corrente. Segundo ele, "não se trata de procurar uma melhor economia das miragens" (1985:320). A indicação presente nesta citação estabelece ainda uma outra diferença com aqueles que sustentam a idéia de que Lacan, nesse momento de seu ensino, acreditava num tratamento absoluto pelo simbólico. Não nos apareceu, em qualquer momento de nossa leitura, um simbólico todo, o *A*, como grande Outro não barrado. Até então nos encontramos, isto sim, com um simbólico irracional, incomensurável, e que, portanto, nos aproxima das questões relativas ao infinito.

3. O infinito na matemática

Não é nossa intenção fazer um estudo aprofundado sobre o infinito nem esgotar as infindáveis questões que este conceito suscita. Temos unicamente o intuito de mostrar que a escolha feita por Lacan, de inaugurar sua exposição no *Seminário 2* com o *Mênon* de Platão, deve-se sobretudo a uma série de questões referentes à matemática, questões essas que lhe servirão de instrumento para a formulação de seu pensamento. E, para alcançarmos esse intuito, faz-se necessário um pequeno trajeto por algumas elaborações matemáticas sobre o infinito.

3.1 O infinito e seus paradoxos

No livro *Estudos de História do Pensamento Filosófico*, Alexandre Koyré (1991:12) apresenta-nos um gráfico bem simples, mas que é capaz de deixar clara a afirmação, utilizada por Lacan, de que não há qualquer medida comum entre a diagonal do quadrado e seu lado¹¹.



Trata-se de um quadro de coordenadas cartesianas. Se tomarmos como referência $X=Y$, teremos como resultante dessa fórmula a reta OX_nY_n . Como diz Koyré, "cada ponto dessa reta tem necessariamente um ponto correspondente na linha das abscissas, e

¹¹ A não relação entre a diagonal de um quadrado e seu lado encontra-se demonstrada no décimo livro dos "Elementos" de Euclides (DOR, 1988: 108). Contudo, pela complexidade matemática que essa demonstração apresenta, optei pelo gráfico de Koyré, por sua simplicidade e clareza.

reciprocamente nenhum falta e nenhum sobra” (1991:12). Curiosamente, apesar dessa correspondência dos pontos entre as duas retas, a reta OXn , constituída na abscissa, é menor do que a reta resultante da fórmula, a reta $OXnYn$.

Encontramo-nos novamente diante da hiância ressaltada por Lacan. Há um descompasso entre a relação que percebemos na imagem das linhas traçadas, na geometria do gráfico, e a medida, o número, enfim, o estatuto simbólico destas linhas.

Koyré nos mostra esse gráfico ao longo de suas elaborações sobre os paradoxos de Zenão. Esses argumentos, apresentados ao mundo há mais de dois mil anos por Aristóteles em sua Física (ARISTÓTELES,1941), foram inicialmente entendidos como paradoxos sobre o movimento. Koyré nos esclarece que o problema levantado por Zenão diz respeito não somente ao movimento, como também ao tempo e ao espaço (que, conforme veremos mais à frente, eram, para os gregos, dados reais e imutáveis). Essas referências, contudo, somente são possíveis na medida em que as noções de infinito e continuidade estão contidas nele.

De maneira resumida, estes seriam os quatro argumentos apresentados por Zenão:

1. Argumento da Dicotomia:

Não haveria verdade no movimento. Afinal, é impossível atravessar uma reta, porque, antes de se atingir a meta, deve primeiro alcançar-se o ponto intermédio da distância a percorrer; antes de atingir esse ponto, deve atingir-se o ponto que está a meio caminho desse ponto; e assim *ad infinitum*.

Em outras palavras, se admitirmos que o espaço é infinitamente divisível e que, portanto, qualquer distância finita contém um número infinito de pontos, chegamos à conclusão de que é impossível alcançar o fim de uma série infinita num tempo finito.

2. Aquiles e a Tartaruga:

Dois corpos que se movem numa direção, dos quais um está na frente e outro o segue numa determinada distância, movendo-se, porém, mais rapidamente que aquele, sabemos que o segundo alcançará o primeiro. Contudo, nesse argumento, Zenão nos diz que Aquiles nunca pode alcançar a tartaruga, porque na altura em que atinge o ponto de onde a tartaruga partiu, ela ter-se-á deslocado para outro ponto; na altura em que alcança esse segundo ponto, ela ter-se-á deslocado de novo; e assim sucessivamente, *ad infinitum*.

Deste modo, numa corrida, o perseguidor nunca poderia atingir o perseguido, mesmo que fosse mais rápido que este. A teoria do espaço que está aqui implícita é a que o supõe infinitamente divisível.

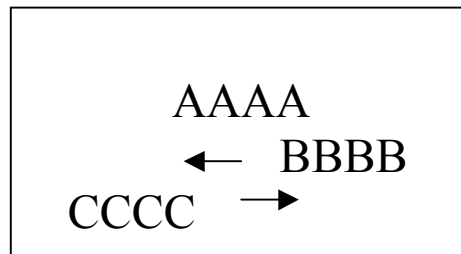
3. O argumento da flecha:

Um objeto está em repouso quando ocupa um lugar igual às suas próprias dimensões. Uma flecha em vôo ocupa, em qualquer momento dado, um espaço igual às suas próprias dimensões. Conseqüentemente, uma flecha em vôo está em repouso.

O objetivo deste argumento é provar que a flecha voadora está em repouso, como nos quadros na película de um filme, resultado de se admitir a hipótese de que o tempo é composto de momentos; se não admitirmos esta hipótese, a conclusão não tem viabilidade.

4. O argumento do estádio:

Corpos iguais que se movem no estádio ao lado de um igual, com velocidade igual, um a partir do fim do estádio, o outro a partir do meio, um em direção do outro; disto se deveria concluir que a metade do tempo é igual ao dobro.



Quando a fileira dos Bs e a dos Cs passam uma pela outra, o primeiro B alcança o último C no mesmo momento em que o primeiro C alcança o último B. Neste momento, o primeiro C passou todos os Bs, enquanto que o primeiro B passou apenas metade dos As e, por consequência, gastou apenas metade do tempo despendido pelo primeiro C, uma vez que cada um dos dois leva o mesmo tempo a passar por cada corpo. Para Zenão, isso implicaria na constatação de que metade de um dado tempo é igual ao dobro desse tempo.

O erro da conclusão consiste no fato de admitir que, no que se move e no que está em repouso, a coisa percorre uma mesma extensão em tempo igual, com velocidade igual; isto, porém, é falso.

Os paradoxos sobre o movimento apresentados por Zenão nos servem extremamente por apresentarem, em suas demonstrações, isso que Koyré nos aponta como questões relativas ao contínuo e ao infinito. Lançaremos mão apenas do paradoxo da dicotomia, que nos parece suficiente para discutir as questões levantadas.

Retomemos então o problema da dicotomia.

Se uma reta AB qualquer pode ser dividida em sua metade, e essa metade pode ser dividida em sua metade, e assim sucessivamente, a um número infinito de divisões, somos obrigados a concluir que uma reta é composta por um número infinito de pontos. Essa conclusão, por sua vez, nos leva a alguns impasses, no que diz respeito ao movimento:

Antes que um elemento móvel qualquer possa atingir a extremidade de uma linha, ele deve atingir a sua metade. Contudo, antes de atingir essa metade, ele deve atingir a outra metade dessa metade, e assim sucessivamente, de forma infinita. Não há, dessa maneira, qualquer possibilidade desse móvel sequer iniciar seu movimento. Uma outra face desse impasse pode ser pensada se levarmos em conta o fato de que esse móvel, para atingir a extremidade oposta de uma linha, deve chegar primeiro a uma metade, que por sua vez apresenta outra metade, que apresenta outra metade, e assim sucessivamente, o que resulta no fato de que esse móvel jamais alcançará a outra extremidade dessa linha.

Todos estamos acostumados a percorrer distâncias, a ir de um ponto a outro de nossas casas. Pelo argumento da dicotomia, tal mobilidade, como vimos, seria impossível.

Segundo Koyré, as dificuldades trazidas pelos argumentos de Zenão somente dizem respeito ao movimento em decorrência do fato de que este se desenvolve no tempo e no espaço, duas entidades essencialmente contínuas.

Para tentar alcançar o cerne dos argumentos de Zenão, Koyré elimina o tempo e o espaço do problema, reduzindo seu objeto de pesquisa ao "*quantum* contínuo ou o próprio

contínuo” (KOYRÉ,1991:11). Para tanto ele traduz os paradoxos de Zenão para geometria, para as grandezas matemáticas, como no gráfico já apresentado.

O problema da dicotomia ganha então a seguinte configuração:

"A distância, o caminho - não o caminho percorrido, mas o caminho que deve ser percorrido - é divisível ao infinito antes de qualquer medida e de qualquer movimento; ele contém uma infinidade real de pontos. Se 'compusermos' a reta como a 'soma' de uma infinidade de pontos ou, pelo contrário, se a tratarmos como uma unidade dada e primordial, limitando-nos a ressaltar nela os pontos a título de elementos secundários, o resultado é o mesmo. Nos dois casos, trata-se do infinito real. Não temos necessidade do movimento e do movente: a reta geométrica nos coloca, já, frente a todas as dificuldades da dicotomia" (KOYRÉ, 1991:11).

Ou seja, uma reta, como as presentes no gráfico, apesar de aparentar ser finita, composta por um número finito de pontos, na verdade "esconde" um número infinito de pontos, um infinito real. Koyré chega mesmo a afirmar que os paradoxos de Zenão se ocultam em todo teorema geométrico, em toda forma algébrica, em toda proposição aritmética.

3.2 Uma breve história do infinito na matemática

Para a matemática moderna, os primeiros princípios, ou seja, os axiomas, definições ou postulados, não são mais que convenções. O espaço, por exemplo, é entendido pelos matemáticos modernos como relativo e mesmo amorfo. Para os matemáticos da antiga Grécia, contudo, o espaço era imutável e absoluto, o que, segundo Paul Henri Michel (MICHEL, 1950:52), explica o motivo pelo qual os geômetras antigos falavam tão pouco do espaço, enquanto os modernos falam dele constantemente.

Para os gregos, a verdade absoluta dos primeiros princípios não havia como ser questionada. Portanto, se os conceitos iniciais fossem criados pela atividade do espírito humano, isso não aconteceria por mera arbitrariedade, e mesmo que houvesse um erro

nessa criação, este não impediria a verdade de existir por si só. Os elementos matemáticos podiam ser entendidos como conceituais, porém jamais como produto de uma ficção. Os gregos não acreditavam que criavam sua ciência, mas que descobriam um aspecto do real, de uma ordem real.

Os geômetras gregos, fossem eles discípulos de Pitágoras ou Euclides, admitiam os fenômenos geométricos naturais, que na verdade seriam uma resultante daquilo que o espírito é capaz de constituir e da natureza das coisas. Para eles, uma noção suficientemente clara não necessitaria de provas. Uma figura geométrica não precisaria ser demonstrada para efetivamente existir.

Para Platão, de maneira ainda mais radical, a figura geométrica não seria mais do que uma imagem grosseira da figura real. Haveria, por exemplo, o círculo em si cujo desenho não passaria de uma sombra, um reflexo. A figura geométrica sugeriria a figura real, sem, contudo, representá-la. Se seguirmos tal pensamento somos inevitavelmente levados à constatação de que o geômetra, apesar de partir de um mundo de fatos naturais, se engaja na verdade em um mundo ideal.

A partir dessas referências do pensamento grego, não é exatamente de surpreender, sabermos, que o encontro com as grandezas incomensuráveis tenha produzido efeitos destabilizadores para o pensamento matemático da época.

Para Pitágoras, particularmente, havia uma relação direta entre o número e a intuição espacial, ou seja, uma reciprocidade entre a aritmética e a geometria, que se ocupava do contínuo (DOR, 1988:106). Inclusive, havia entre os pitagóricos a teoria dos números figurados: os números triangulares, retangulares, e assim por diante. Toda grandeza conhecida deveria possuir um número que seria inclusive o responsável mesmo

pelo conhecimento dessa grandeza. Dessa maneira, toda grandeza teria uma estrutura numérica, racional (na medida em que é composta por números inteiros) e comensurável.

O encontro dos pitagóricos com as grandezas incomensuráveis, a partir da descoberta da "não relação" entre a diagonal do quadrado e seu lado, colocará em questão essa relação entre o contínuo e o número. Como consequência, a aritmética vai separar-se da geometria, ciência do contínuo, dividindo, assim, a matemática em dois campos.

Posteriormente, no século V(a.C.), descobre-se que é possível construir um número ilimitado de irracionais entre duas grandezas contínuas (DOR, 1988:109), e no quarto final desse mesmo século já se tem plena consciência das grandezas irracionais. Só assim, o até então impensável ganha o estatuto de incomensurável, e o encontro de números como $\sqrt{2}$, $\sqrt{3}$ torna insustentável a noção de que o número seria uma coleção de unidades. A irracionalidade passa definitivamente a ser associada à noção de infinito. Contudo, somente no século XVII de nossa era, a dicotomia existente entre a geometria e a aritmética vai encontrar sua equação no cálculo infinitesimal¹².

3.3 O contínuo e o infinito

Para Koyré, as contradições sobre o infinito são apenas aparentes. Elas são consequência de duas confusões: a identificação do indefinido com o infinito e a aplicação de conceitos finitistas, como a igualdade numérica, ao infinito.

¹² A $\sqrt{2}$ é 1, 4142.....Um número ilimitado. Contudo, a multiplicação de $\sqrt{2}$ por $\sqrt{2}$ tem como resultado 2, um número inteiro, natural.

"Os conceitos de infinito virtual, de crescimento infinito, e de variação sem fim aos quais se quis conduzir o infinito real ou que se pretendem mesmo substituir a ele, repousam, pelo contrário, nele, e logicamente o pressupõem. O infinito virtual só é possível logicamente sobre a base do infinito real. É apenas no infinito (real) que uma grandeza, uma variável, pode aumentar e variar ao infinito" (KOYRÉ, 1991:14).

O que ele tenta nos mostrar é que o infinito enquanto é entendido como indeterminado, não pode ser visto como acabado. Tal noção, contudo, se aplica muito bem ao infinito real. Koyré exemplifica:

"Se podemos designar, sobre uma reta, um número infinito de pontos, é porque eles estão lá. Se podemos contar até o infinito, é porque o número de números finitos é infinito"(1991:14).

A afirmação de que um número finito possa ser igual a sua metade é absurda, contudo, com a noção de infinito real, de acordo com Cantor, podemos afirmar que um todo infinito é equivalente a uma de suas partes. Por exemplo, o número de todos os números racionais não é maior do que o de todos os números. A noção de igualdade é uma noção que se refere ao finito, enquanto a noção de equivalência, que não significa igualdade, é uma referência ao infinito.

Já sobre o contínuo, Koyré nos diz ser este uma idéia simples e irreduzível a qualquer outra, da mesma forma que a idéia de infinito. Contudo, é necessário distinguir o contínuo da grandeza contínua. Pois o contínuo mesmo escapa de qualquer determinação de grandeza ou número. Ele é a alteridade em si. Não se pode enumerá-lo ou medi-lo. O princípio da equivalência não lhe serve, pois é indivisível, não há todo, não há partes. Não é multiplicidade, nem também é unidade.

“É, exatamente, essa propriedade quase *inefável* da expressão contínua que aparece nas grandezas contínuas e que faz com que o

espaço infinito corresponda na sua totalidade a qualquer uma de suas partes, e que transposto para um segmento qualquer de uma reta geométrica, ele possa ser representado por ela. É exatamente aqui, na passagem do contínuo puro, em si, para a grandeza contínua, para a parte limitada do espaço, que se situa o 'abismo' – este abismo que, de fato, está preenchido de todas as suas partes reais, as retas, os corpos, etc" (KOYRÉ, 1991:18 – grifo nosso).

Para Koyré, a questão fundamental não é se perguntar como um corpo consegue atravessar o abismo de um espaço divisível ao infinito, pergunta a que somos inicialmente levados a pensar a partir dos paradoxos de Zenão. Para ele, a questão fundamental é como que o contínuo, que transcende a qualquer determinação de grandeza, pode se tornar uma reta ou um corpo. Diz ele: "O que não podemos apreender é a idéia de contínuo".

4. "Energética lacaniana"

Até então nos deparamos com tratamentos diversos para as questões suscitadas pelos paradoxos do contínuo e do infinito. Zenão aborda esses paradoxos a partir dos argumentos sobre o movimento. Koyré, por razões que me parecem sobretudo didáticas, nos mostra que os problemas relativos ao movimento estão diretamente relacionados ao tempo e ao espaço. Isolando essas variáveis, ele consegue nos apresentar esses paradoxos a partir de suas referências matemáticas. Lacan inicia por esta vertente a elaboração presente em seu *seminário 2*. A escolha do *Mênon* de Platão mostra-se como uma bela introdução a toda essa problemática.

As referências trabalhadas por Koyré permitem assinalar um ponto fundamental: a impossibilidade de apreensão da idéia de contínuo. O contínuo apresenta-se como o que não cessa de não se escrever. Não é possível desenhá-lo, abordá-lo pela geometria, e nem mesmo calculá-lo pela aritmética. O desenho, como fica claro no gráfico que Koyré nos apresenta, mostra pelo paradoxo de sua forma a sua insuficiência para escrever o contínuo,

e a abordagem aritmética, simbólica, por sua vez nos coloca frente a frente com a questão do infinito. Entre o desenho e o número, entre o imaginário e o simbólico, encontramos a insistência do abismo apontado por Koyré, equivalente imaterial da hiância assinalada por Lacan.

Os gregos, em sua crença de que a toda grandeza real corresponderia um número, demoraram um certo tempo até se depararem com essa impossibilidade apresentada pelo contínuo. Lacan, referindo-se a Platão, dizia que este, apesar das aparências, certamente não entenderia o que é a psicanálise, "porque existe aí um abismo, uma falha..." (LACAN, 1985:113). Essa opinião sobre Platão certamente se aplicaria àqueles aos quais Lacan se referia em *Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956*, e que, conforme já tivemos a oportunidade de citar anteriormente, tentavam fazer do imaginário um real, e mesmo fazer desse imaginário uma norma do real. Vimos até então que Lacan trabalha, em seu retorno a Freud, com a intenção de mostrar o estatuto irracional do simbólico, e a disjunção que se estabelece entre este e o imaginário. Além disso, ressalta o fato de que essa disjunção faz fronteira com uma hiância que permanece irrepresentável, sendo essa hiância o *topos* da experiência analítica. Seu esforço se faz no sentido de desfazer o equívoco dos pós-freudianos em tentar fazer do Eu o eixo dessa experiência. Tal equívoco tem dois pontos de sustentação. Um deles é o desconhecimento do simbólico e sua irracionalidade, e esse desconhecimento cria as condições para o outro ponto de sustentação que é a tentativa de fazer do imaginário um real, ou seja, recobrir o real fazendo do imaginário um todo, fazendo Um do Eu.

Não podemos, obviamente, debitar essa dificuldade de entender a psicanálise a uma dificuldade com as questões relativas ao movimento, nem tampouco, unicamente, a um problema com a matemática, mas trata-se certamente de um problema teórico, e para

entendê-lo é necessário apreender a articulação de Lacan do Esquema L e o *Além do princípio do prazer*.

4.1 O simbólico e o *Além do Princípio do Prazer*

Seguindo sua elaboração no *Seminário 2*, Lacan introduz o tema da energética. Afinal, lembra-nos, o que fez Freud escrever o *Além do princípio do prazer* (1920) foi o encontro, na clínica, do que ele chamaria compulsão à repetição, a *Wiederholungszwang*, que subverteu o princípio da homeostase do Princípio do Prazer, colocando em questão toda a teoria dos investimentos, cargas e descargas, colocando enfim em questão toda uma energética freudiana que tem no conceito de libido um representante fundamental.

O advento da máquina teria sido determinante para introduzir a questão energética no campo da psicanálise. Afinal, diria Lacan, "a máquina encarna a mais radical atividade simbólica no homem"(LACAN, 1985:99). Contemporânea da ciência, a psicanálise foi inventada num mundo que já convivia com as máquinas, e que assistiu à formulação do segundo princípio da termodinâmica. Se o primeiro princípio estabelece que nas transformações que se processam dentro de um sistema há a conservação de energia, o segundo princípio nos apresenta o conceito de entropia, definindo que, embora exista conservação de energia dentro dos sistemas, essa tende de maneira irreversível à desordem, convertendo-se desta forma em energia não aproveitável (SOARES, 2006b). Por exemplo, um líquido quente se esfria ao simples contato com o ar frio, que por sua vez esquenta. Retornar cada um desses elementos a sua temperatura anterior não se faz com a mesma facilidade, sem um dispêndio maior de energia aproveitável. É o que observamos, por exemplo, nos fogões e geladeiras de nossas casas. Podemos ainda observar que quando

deixamos um copo de vidro cair, ele facilmente se quebra, e certamente não encontraremos no processo inverso a mesma “espontaneidade”. Trata-se de uma via de mão única.

A introdução da noção de entropia nos conduz à noção de pulsão, particularmente à de pulsão de morte. Podemos encontrar também na pulsão de morte uma pressão, uma energia que se conduz numa via de mão única. Assim como Freud a concebeu, a pulsão em sua busca de satisfação tende à desordem, e tem na irreversibilidade de seu trajeto, uma característica preponderante. Afinal, o seu caminho de retorno é barrado, interdito, sendo necessário que ela siga seu trajeto em busca do inorgânico através da vida.

Para Lacan, a pulsão de morte se apresentaria na dimensão mesma do simbólico, em sua insistência, em sua repetição.

"... a máquina se mantém, ela desenha uma certa curva, uma certa persistência. E é pela própria via desta subsistência que algo de diferente se manifesta..." (LACAN, 1985:108).

No desenvolvimento de sua energética, ele diz que, no animal, existiria uma espécie de convergência entre o que é da ordem da aprendizagem e o que diz respeito à maturação do instinto. Seria um chamado do meio ambiente, o que provocaria a emergência do instinto, com a cristalização de formas, comportamentos e condutas. Conseqüentemente, acabaria sendo muito difícil distinguir o que é verdadeiramente aprendizagem do que é uma resposta do instinto.

No homem, também haveria algo dessa capacidade presente no animal, de reconhecer seu objeto natural. Existiria no humano, "a captura na forma,... a tomada na miragem da vida".(1985:115) Isso justificaria parcialmente a Platão, e sua teoria das reminiscências. Contudo, a entrada do simbólico como terceiro termo provoca uma

reviravolta nessa apreensão do objeto, não sendo mais na ordem da reminiscência, mas na da repetição que o homem encontra seu caminho.

O animal, pelas razões expostas acima, encaixa-se muito bem em seu meio, ele reconhece seu parceiro sexual, seu semelhante, encontrando dessa maneira seu lugar em seu ambiente. Vemos que no animal, pelo menos enquanto está na natureza, não se pode verificar qualquer estrutura de disjunção ou hiância.

Já o homem, nos diz Lacan:

"No homem é a má forma que é prevalente. É na medida em que uma tarefa está inacabada que o sujeito volta a ela. É na medida em que um fracasso foi acerbo que o sujeito se lembra melhor dele" (1985:114-115).

E é exatamente isso que a psicanálise desvenda, nos diz em 1954, "a aplicação estritamente inadequada de certas relações simbólicas totais, e isso implica diversas tonalidades, por exemplo, a imissão do imaginário no simbólico, ou inversamente." (1985:114)

Ou seja, o homem tenta superar essa barreira impossível de ser transposta, impossibilidade decorrente, como nos diz Lacan, dessa entropia, dessa entrada da máquina como terceiro termo, subvertendo a relação com o objeto. De maneira distinta do animal, o homem opera na via de um certo excesso, seja simbólico, seja imaginário, na tentativa de tamponar essa hiância fundamental e estruturante. A pulsão de morte é, pois, o efeito dessa entrada do terceiro termo, do simbólico. A persistência do simbólico e sua dimensão estruturante, em disjunção com o imaginário, tendo como efeito uma hiância, é a condição da pulsão de morte. Essa hiância, ponto focal da psicanálise, o sujeito tenta preencher por intermédio dessa totalização simbólica. E essa totalização, Lacan já nos apresentava como sendo o ideal teórico da libido:

"Portanto, a noção de libido é uma forma de unificação do campo dos efeitos psicanalíticos. Gostaria, agora, de lhes fazer notar que seu emprego se situa na linha tradicional de qualquer teoria como tal, que tenha tendência a ir dar num mundo, *terminus ad quem* da física clássica, ou num campo unitário, ideal da física einsteiniana. Nós não estamos no ponto de poder transpor nosso pobre campinho para o campo da física universal, mas a libido é solidária do mesmo ideal. Não é a troca de nada que esse campo unitário é chamado de teórico - é o sujeito ideal e único de uma *theoria*, intuição, até mesmo contemplação, cujo conhecimento exaustivo nos permitiria, ao que se supõe, engendrar tanto todo seu passado como todo seu futuro..." (LACAN, 1985:279).

Lacan então ressalta que não há nada mais afastado da experiência freudiana do que esse ideal totalizador do simbólico, esse ideal da libido.

Na perspectiva clássica, teórica, há uma conjugação entre sujeito e o objeto, ou seja, eles têm que se adequar, numa relação de ser com ser; na psicanálise, de maneira bem diversa, encontramos-nos diante da relação do sujeito com sua falta a ser. O ser ganha algo de existência a partir mesmo dessa falta. E é essa relação do ser com a falta que Lacan chama de desejo. Uma falta que se acha para além de tudo que possa ser nomeado, sendo esse nada que possa ser nomeado a causa fundamental do desejo.

Não há, portanto, um significante que represente no simbólico o ser do sujeito. Dessa maneira, assim como o infinito não escreve o contínuo, o simbólico não escreve o real. E assim, parece-me que podemos entender o estatuto de contínuo que Lacan atribui ao simbólico.

Se para a psicanálise não é possível apreender o ser, ocupando-se da hiância, ela pode designar o seu ponto de fuga, um ponto não apreensível e que é o ponto do surgimento da relação do sujeito com o simbólico. Esse ponto, esse umbigo, é o que Lacan denomina ser, e que não pode ser apreendido cientificamente, mas tem sua direção indicada pelos fenômenos da experiência analítica. Desconhecendo o simbólico, no ideal teórico de totalização do Eu, não haveria nos pós-freudianos lugar para o desejo.

4.2 O imaginário humano não é sem o simbólico

. Na natureza, a função imaginária está presente das mais diversas formas. A captação da imagem pelos parceiros é essencial nos rituais de acasalamento, fundamentais para a sobrevivência das espécies, bem como é também definidora nas situações de rivalidade entre os animais. Contudo, pela presença do simbólico, naquilo que é humano, o imaginário apresenta-se como um “elemento de tipicidade” (LACAN, 1985:53). Ou seja, no homem, a função imaginária se apresenta de maneira radicalmente distinta da maneira como se apresenta na natureza. Lacan nos ensinou que na ordem humana a função simbólica intervém em todos os momentos e em todos os níveis de sua existência, não seria diferente, portanto, no que diz respeito ao imaginário.

No homem, como já assinalamos anteriormente, não há conascimento, coaptação, entre o sujeito e o objeto. Encontraremos em “O *Seminário*, livro 4: A relação de Objeto”(LACAN, 1956-1957), a maneira pela qual Lacan desenvolve, a partir da constituição do objeto, a formação do imaginário no humano.

Nas primeiras experiências da criança, a figura da mãe que a alimenta constitui-se como seu primeiro objeto. Esse objeto tem estatuto simbólico na medida em que é experimentado pela criança em sua alternância de presença e ausência. O que aparece diante da criança quando ela é de alguma maneira satisfeita pelo outro é a imagem desse outro. Isso quer dizer que a mãe constitui-se como o primeiro objeto para a criança pela alternância da presença e da ausência de sua imagem diante dela. Com a inevitável frustração da criança, seja em função da insaciabilidade da demanda, seja da vontade autônoma da mãe, esta decai de sua posição simbólica e passa então a ser tomada em sua dimensão real e caprichosa. A mãe real, em sua onipotência, surge então como possuidora dos objetos que de acordo com seu capricho poderão satisfazer ou não a criança. Esses

objetos, no descimento da mãe de seu estatuto simbólico para real, ascendem à dimensão simbólica sendo então reconhecidos como um dom da mãe. À criança resta a possibilidade de se alojar ali onde ela acredita ser amada pela mãe, tentando em sua interpretação localizar o desejo dela, identificando-se ao objeto imaginado desse desejo, na tentativa de assim iludi-lo (LACAN, 1995:231)¹³.

Podemos dizer que a relação da criança com a imagem dá-se portanto em dois tempos. Num primeiro tempo, a partir da imagem do outro, a criança tem, como nos diz Lacan, sua primeira apreensão do simbólico. Pela relação simbólica com esse outro, o grande Outro se constitui. Num segundo tempo, a criança se identifica com a imagem por ela interpretada, no encontro com os objetos simbólicos da mãe. Portanto, não há no humano relação direta, pura, com a imagem. Como bem assinalado por Lacan, a imagem somente é apreendida pela criança em sua referência simbólica.

Essa tipicidade é a marca diferencial e definitiva do homem. O homem se toma a partir do Outro, e é outro para si mesmo. A unidade por ele conquistada é alienada e virtual, e como encontramos no texto sobre o Estádio do Espelho, o sujeito se reconhece “ali onde a instância do Eu, numa linha de ficção, somente se unirá assintoticamente ao devir do sujeito” (LACAN, 1998:98). Entre o irracional do simbólico e a ilusão de unidade do imaginário, encontramos já no “Estádio do Espelho” uma referência de Lacan à hiância, aqui apenas suplantada numa linha de ficção, e mesmo assim de forma assintótica, ou seja, numa linha de ficção virtualmente infinita.

¹³ Mais à frente teremos a oportunidade de voltar a esta articulação, mas retirando dela outras conseqüências.

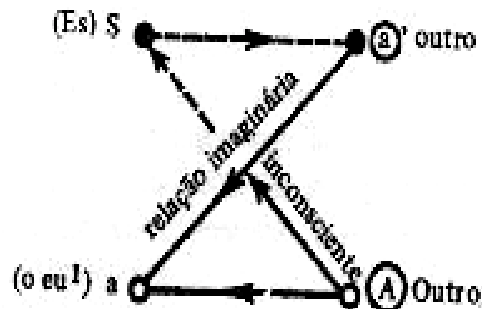
“A própria imagem do homem fornece uma mediação, sempre imaginária, sempre problemática que não se acha, pois, nunca completamente efetivada. Ela se mantém através de uma sucessão de experiências instantâneas, e esta experiência, ou bem aliena o homem de si próprio ou bem vai dar numa destruição, numa negação do objeto” (LACAN, 1985:211).

O sujeito, como dissemos, de maneira bem diferente do animal, não tem qualquer relação direta com o objeto, é em relação ao Outro que as relações com o objeto ganham sentido, e ganham sentido porque na relação com o Outro esse objeto pode ser nomeado. Além disso, o Eu, já nos dizia Freud, é esse objeto privilegiado, a partir do qual todos os objetos são olhados. Assim, é por não se confundir com o objeto, por estar diante deste sempre em uma relação assintótica, infinitamente separados, numa relação de falta, que o sujeito deseja. E é também por não se confundir com sua imagem, com sua percepção, que o homem não se cala pela influência do simbólico. Essa mesma sorte faltou aos planetas, silenciados que foram pelo avanço da ciência. Lacan nos diz que os planetas que antes tanto pareciam dizer foram calados, em função da descoberta por Newton das fórmulas da gravitação universal. Por se confundirem consigo mesmos, por não poderem ser tomados por outros, foram, por sua redução ao simbólico, condenados ao silêncio.

Esse é mais um alerta para nos lembrar da importância da hiância na constituição do humano. Esse real mais além de qualquer esforço simbólico, mais além de qualquer delineamento imaginário, mais além do princípio do prazer é fundamental ao humano. No próximo capítulo terei a chance de me ocupar mais detidamente da importância dessa perspectiva na continuidade do pensamento de Lacan.

Antes, para concluir, lembremos o Esquema L. Esse esquema, que se apresenta simplificado na questão preliminar, o esquema do *Além do princípio do prazer*, é a

topologia¹⁴ lacaniana do inconsciente nesse momento de seu ensino. É a topologia de um inconsciente estruturado pelo discurso contínuo do Outro, resultando que em S , em *Das Es*, encontre-se o sujeito em sua abertura, um sujeito que não sabe o que diz, mas que se reconhece na unidade de a , acreditando que esse eu seja ele, e em a' , seus semelhantes.



“É a partir da ordem definida pelo muro da linguagem que o imaginário toma sua falsa realidade, que é, contudo, uma realidade verificada. O eu, tal como o entendemos, o outro, o semelhante, estes imaginários todos, são objetos. É verdade que eles não são homogêneos às luas – e, a cada instante, corremos o risco de esquecer isto” (LACAN, 1985:307).

O esquema de Lacan é uma forma de nos fazer lembrar aquilo que a cada instante podemos nos esquecer.

¹⁴ “Ao fim desses anos de crítica, eis-nos, pois, armados de um certo número de termos e de esquemas. A espacialidade destes últimos não deve ser tomada no sentido intuitivo do termo “esquema”, mas num outro sentido, perfeitamente legítimo, que é topológico – não se trata de localizações, e sim de relações de lugares, interposição, por exemplo, ou sucessão, seqüência”(LACAN,1995:10).

Capítulo II – Pulsão de morte: a supressão da hiância

No primeiro capítulo, provocado pelo texto da “Questão preliminar”, ocupei-me em mostrar o estatuto que o simbólico e o imaginário apresentavam para Lacan naquele momento de sua elaboração. Assim, deparamo-nos com um simbólico contínuo e um imaginário que na especificidade do humano é experimentado de maneira atravessada por esse simbólico. Simbólico e imaginário se tensionam, deixando uma hiância impossível de se recobrir na qual podemos localizar o real, o resto não apreensível.

“Os sujeitos vivos animais são sensíveis à imagem de seu tipo. Ponto absolutamente essencial graças ao que a criação viva toda não é uma imensa suruba. Mas o ser humano tem uma relação especial com a imagem que lhe é própria – relação de hiância, de tensão alienante. É aí que se insere a possibilidade da ordem da presença e da ausência, ou seja, da ordem simbólica. A tensão entre o simbólico e o real esta aí subjacente. Ela é substancial, se consentirem em dar ao termo substância seu sentido puramente etimológico. Trata-se de um *upokemeinon*”(LACAN, 1985:403).

Essa afirmação presente quase ao final do *seminário 2* de certa maneira sintetiza o que desenvolvemos até então, delimitando um pouco esse estatuto do aparelho psíquico estabelecido por Lacan nos anos 50 e suas conseqüências para a concepção do que se pode chamar de humano. Aquilo que caracteriza o humano e que se repercute na constituição do aparelho psíquico se dá na tensão alienante de uma hiância, hiância que é fruto da articulação entre o simbólico e o imaginário.

Será necessário agora, no segundo capítulo, avançar na investigação das repercussões clínicas que tal concepção de real, simbólico e imaginário apresenta. Ou seja, investigar que estatuto terá esse aparelho psíquico que tem sua topologia no Esquema L e que, como lembrado no capítulo anterior, veio substituir para Lacan, o “Esquema Ótico”

que ele mesmo produziu e que por sua vez substituiu os esquemas de Freud do “Projeto” e da carta 52.

1. O sujeito e o Eu: modelos para entender o descentramento

Convém mais uma vez lembrar que um ponto por demais ressaltado por Lacan é o descentramento existente entre o sujeito e o Eu. Embora no primeiro capítulo a importância desse descentramento já tenha sido abordada, gostaria de retomá-lo com alguns modelos, que funcionam como um exercício de pensamento proposto por Lacan e que nos permite vislumbrar a importância que ele depositava nessa idéia, e o papel organizador que essa disjunção simbólico/imaginário tem na seqüência de suas elaborações. A partir de agora, contudo, tentamos dar uma dimensão e uma aplicabilidade mais clínica a essa disjunção.

1.1 O impasse imaginário

Lacan nos propõe um modelo que nos permita pensar a dimensão imaginária do Eu e, podemos dizer, o imperativo lógico de seu descentramento do sujeito. Ele sugere que pensemos em maquininhas, “para as quais somos capazes de fornecer, graças a órgãos intermediários de todo o tipo, uma homeostase e algo que se assemelha a desejos”(LACAN, 1985:70). Essas máquinas seriam construídas inacabadas, bloqueadas, só podendo constituir-se finalmente como um mecanismo em si mesmo ao perceber uma outra máquina, totalmente semelhante, mas que numa experiência anterior já teria adquirido sua unidade. Dessa maneira, cada máquina estaria condicionada à percepção do estágio alcançado pela outra. Lacan assinala que isso corresponde ao elemento de fascinação.

Com este modelo, ele nos mostra como que uma máquina estaria totalmente alienada na outra. Ou seja, aquilo para o que se dirigir a primeira máquina sempre estará na

dependência daquilo para o que vai se dirigir a outra. O que resulta disso é um impasse que, lembra Lacan, é próprio à constituição do objeto humano. É isso que ele chama de dialética do ciúme: “um eu, inteiramente pendente da unidade de um outro eu, é estritamente incompatível com ele no plano do desejo” (LACAN, 1985:71).

Essa incompatibilidade se deve ao fato de que serei eu ou ele quem terá um objeto desejado, o que exatamente por isso faz desse objeto desejado um objeto temido, ele tem de ser de um ou de outro produzindo uma situação de rivalidade. Essa rivalidade inaugural é meramente virtual, mas exemplifica muito bem a necessidade de um terceiro. Para que a primeira maquininha inacabada, alienada na outra que já se fez unidade, possa chegar a um bom termo, para que elas não se destruam no ponto de convergência de seu desejo, que nesse momento inaugural virtual, pelo menos no que diz respeito a esse desejo, fez delas um só e mesmo ser, seria necessário que a primeira maquininha pudesse dizer à outra:

“-Desejo isto!”, o que havendo sujeito se transformaria em “Tu, outro, que és minha unidade, desejas isto”(1985:71).

Lacan faz uma ressalva ao nos dizer da impossibilidade desse modelo. Afirma que esse momento virtual inaugural não acontece jamais, pois o humano já se funda na linguagem. A brincadeira das máquinas, contudo, permite-nos perceber a especificidade apresentada pela noção de inconsciente que ele elabora. Esse terceiro é encontrado no inconsciente, “lá onde deve estar situado para que o balé de todas as maquininhas se estabeleça, ou seja, acima delas...”(1985:72). No *Seminário 4* encontramos o mesmo encadeamento de idéias, quando ele se refere ao primeiro encontro com o simbólico da criança, conforme desenvolvemos no capítulo I, com o surgimento da pergunta do desejo, a partir do enfrentamento da presença/ausência da mãe. Posteriormente poderemos ver como que em Schreber, seja no vazio que se abre com a presença/ausência da mãe, seja no

impasse imaginário na relação com Deus que sua temática delirante aponta, esse modelo das maquininhas pode ser bastante esclarecedor¹⁵.

1.2 A atemporalidade da mensagem simbólica

Vimos no primeiro capítulo que o simbólico tem um estatuto contínuo, irracional. Esse contínuo da frase simbólica permite-nos operar com a idéia de atemporalidade do inconsciente. Para melhor entendê-la Lacan nos convida a pensar a partir do modelo fornecido pelas calculadoras.

Ele diz que as pessoas não acreditam que as máquinas de calcular têm memória¹⁶, e que isso se deve ao desconhecimento de que a memória humana é constituída de tal maneira que coloca em causa, a cada instante, as imagens que teriam sido feitas na memória até então. Retornando às máquinas diz que para que estas se recordem no momento de cada pergunta, das perguntas que lhes foram feitas anteriormente, elas foram construídas de modo a manter a primeira experiência sempre circulando nela no estado de mensagem. Em seguida nos apresenta o exemplo:

“Suponham que eu mande um telegrama daqui ao Mans, ao encargo do Mans de reenviá-lo a Tours, de lá a Sens, de lá a Fontainebleau, e de lá a Paris, e assim indefinidamente. Quando chego ao rabo da minha mensagem é preciso que a cabeça ainda não o tenha alcançado. É preciso que a mensagem tenha o tempo de girar. Ela gira depressa, ela não pára de girar, fica dando voltas” (LACAN. 1985:117).

Esse modelo permite-nos esclarecer a afirmação de que o inconsciente é o discurso do outro. Não se trata, segundo Lacan, de uma abstração, nem do outro da díade, o correspondente, ou do outro como escravo. O discurso do outro

¹⁵ Lacan retomará esse modelo posteriormente utilizando-se não mais de máquinas, mas do cachorro da experiência de Pavlov, especialmente nos *Seminários 11 e 24*.

¹⁶ É preciso lembrar que essa lições foram dadas em 1954, ainda nos primórdios dessas máquinas calculadoras.

“é o discurso do circuito no qual estou integrado. Sou um dos seus elos. É o discurso de meu pai, por exemplo, na medida em que meu pai cometeu faltas as quais estou absolutamente condenado a reproduzir... Estou condenado a reproduzi-las porque é preciso que eu retome o discurso que ele me legou, não só porque sou o filho dele, mas porque não se para a cadeia do discurso...” (LACAN, 1985:118).

Portanto, dizer que o Inconsciente é o discurso do outro, com letra minúscula mesmo, mostra a herança que tal definição tem da idéia de intersubjetividade. É possível perceber que lentamente Lacan vai promovendo esse pequeno outro a grande Outro, quando exclui a idéia do semelhante na referência a esse discurso, salientando que é um discurso que se perpetua, dando-lhe uma envergadura mais transcendental.

Aqui se tornam também mais claras as razões que o levaram a dizer que o Esquema L é o esquema do *Além do princípio do prazer*. A persistência contínua da frase simbólica é o que estabelece o discurso que o sujeito se vê forçado a repetir. Assim, a circulação da mensagem esta intimamente ligada às noções de compulsão à repetição e supereu (LACAN, 1985:118).

Para deixar isso mais claro Lacan nos remete à tragédia de Édipo. O inconsciente de Édipo seria aquele discurso fundamental, que embora estivesse escrito desde sempre, que embora todos o conhecêssemos, era ignorado por Édipo. Tal ignorância não impediu que ele fosse desse discurso um brinquedo. Assim, todo o valor da tragédia estaria no desvelamento desse discurso, que seria a realidade, realidade, contudo, desconhecida por Édipo.

1.3 O tríodo

Lacan vai nos explicar que é nessa persistência da mensagem em seu circuito ininterrupto que se encontra o sentido do que Freud chama de “Pulsão de morte”. Para ele,

a idéia de que a Pulsão de morte definiria o fim do “Princípio do prazer” pela dissolução concreta do cadáver é muito abusiva. A pulsão de morte é algo “menos absurdo, menos antibiológico, menos anticientífico”(LACAN, 1985:107).

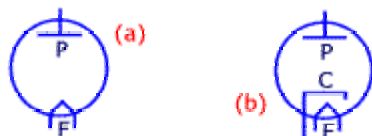
A libido se dirige de volta à morte por um caminho nem um pouco direto. Ela o faz pelos caminhos da vida. Aqui retomo a citação de Lacan: “... a máquina se mantém, ela desenha uma certa curva, uma certa persistência” (1985:108). Seria exatamente essa persistência a grande descoberta da psicanálise, ou seja, a discordância radical das condutas essenciais do homem com relação a tudo o que ele vive. “É algo que vai aos saltos, aos pulos” (1985:113). Assim, como disse no capítulo anterior, a libido mantém um ideal que poderia até ser chamado de teórico, totalizante. A persistência da mensagem, do discurso contínuo do Outro, topologizada no Esquema L, em discordância com o Eu, é esse impossível retorno, que por sua vez é a força motriz da pulsão de morte.

Essa impossível síntese do homem levou Freud a escrever o *Além do princípio do prazer*, pois sua experiência clínica havia lhe ensinado que não seria possível transformar o inconsciente em consciente, que não seria possível transformar em memória tudo que se apresentava como repetição na vida de um homem, e que aquilo que não havia como ser dito, e que permanecia, portanto, sendo repetido, seria talvez a parte mais importante de sua sexualidade (FREUD, 1920:31). Para Lacan, a disjunção entre o imaginário e o simbólico, a resistência que o imaginário representava ao livre trânsito da frase simbólica, seria o responsável pela manutenção da hiância articulada em uma estrutura de discurso, esse impossível percebido por Freud.

O Esquema L busca mostrar essa disjunção, em que “a resistência e a significação do inconsciente correspondem uma com a outra que nem o avesso e o direito, que aquilo que funciona segundo o princípio do prazer no sistema dito primário aparece como

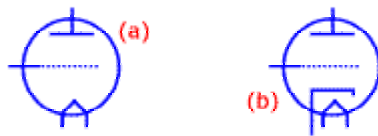
realidade no outro e inversamente” (1985:155). Para desenhar esse esquema, Lacan inspira-se no mecanismo das válvulas eletrônicas, precursoras dos transistores.

As válvulas eletrônicas ou termiônicas inspiram-se no efeito termiônico, em que há uma emissão de elétrons por um metal aquecido, efeito que foi descoberto por Thomas Edson em 1883. Basicamente trata-se de um filamento que é aquecido dentro de uma ampola sob vácuo (a presença de ar impede a emissão de elétrons) e de um ânodo que quando polarizado positivamente faz com que os elétrons emitidos pelo aquecimento do filamento sejam atraídos pelo potencial positivo do ânodo, fazendo circular uma corrente pelo circuito. Se o ânodo for polarizado negativamente, ele repelirá os elétrons emitidos pelo filamento e não haverá corrente pelo circuito. Isto é o que na prática se chama diodo retificador (SOARES, 2006b).



A figura (a) traz o símbolo padrão para representar o diodo. Os elétrons circulam do filamento *F* (ou catodo na figura (b)) em direção ao ânodo *P*. Gostaria de frisar a importância desse modelo, na medida em que o diodo é responsável pela criação de uma corrente contínua. Ao longo desta pesquisa, o termo “contínuo” já nos mostrou a importância e prevalência nesse momento da elaboração lacaniana, e aqui o vemos também associado à idéia de continuidade, de ausência de interrupção. Entretanto, na verdade, é o modelo do tríodo o que vai ser utilizado por Lacan. “Todos aqueles que manipularam rádio conhecem isso – uma válvula tríodo – quando aquece no catodo, os eletronzinhos vêm bombardear o ânodo. Se houver algo no intervalo a corrente elétrica passa ou não conforme

isso se positive ou negative. Pode-se realizar uma modulação da passagem da corrente à vontade ou, mais simplesmente, um sistema de tudo ou nada” (LACAN, 1985:156).



Nesta figura podemos perceber que entre o catodo e o anodo existe um terceiro elemento, a “grade de controle”, que faz a regulação apontada por Lacan. Essa grade corresponderia à resistência da função imaginária do Eu. O Eu desempenha, no modelo lacaniano do esquema L, uma função de obstáculo, de filtro ao discurso do inconsciente. Não se trata de uma relação de negativo a positivo; se não houvesse essa relação de atrito, iluminação, aquecimento, os efeitos de comunicação no nível do inconsciente não seriam apreensíveis.

Podemos então entender o Esquema L como o esquema em que a corrente contínua do Inconsciente circula, mas é modulada pela grade reguladora do Eu, que às vezes deixa, às vezes não deixa passar a mensagem.



2. Mais de uma maneira de morrer

Vimos que a disjunção estabelecida entre o simbólico e o imaginário, representada no Esquema L por Lacan, apresentava para ele fundamental importância. O fascínio da imagem, se experimentada como no modelo das maquininhas, sem a intervenção da dimensão simbólica, precipitaria o sujeito no desastre, no colapso da redução ao outro. Da mesma maneira, uma existência meramente simbólica lançaria o sujeito numa indiferença, num desconhecimento absoluto, na inapreensibilidade da experiência do inconsciente. Assim, essa hiância constituinte e constituída pela disjunção do simbólico e do imaginário, do sujeito e do Eu, mostra ser inquestionável quando se pensa na estrutura. O real aqui já se apresentava como intratável.

2.1 A Síndrome de Cotard

A libido, em seu ideal totalizante, buscaria o ultrapassamento dessa hiância. Aí está, como já disse, a “intencionalidade” da pulsão de morte. Vencer o impossível demarcado pela disjunção entre o simbólico e o imaginário representaria esse encontro com a morte. Esse encontro poderia ocorrer por duas vias.

Uma via seria aquela que se encontra desenvolvida no modelo das maquininhas. Por essa via o sujeito se reduziria a não ser nada além do que sua própria imagem. Como exemplo dessa morte remeto-me à citação de Lacan sobre a melancolia:

“No meio deste mundo miraculoso, encontramos velhíssimas senhoras, velhíssimas solteironas, cuja primeira declaração junto a nós é - *Não tenho boca*. Elas nos informam que tampouco têm estômago, e que, ademais, não morrerão nunca. Em suma, elas têm uma relação muito grande com o mundo das luas. A única diferença é que, para estas velhas senhoras, vítimas da síndrome chamada Cotard, ou delírio de negação, no final das contas, é verdade. Aquilo a que elas se identificaram é uma imagem à qual falta toda e qualquer *hiância*, toda e qualquer aspiração, todo vazio do desejo, isto é, o que constitui propriamente a propriedade do

orifício bucal. Na medida em que se opera a identificação do ser à *sua pura e simples imagem*, não há tampouco lugar para a mudança, ou seja, para a morte. É justamente disto que se trata na temática delas – elas, ao mesmo tempo, estão mortas e não podem mais morrer, elas são imortais – como o desejo. Na medida em que aqui o sujeito se identifica simbolicamente com o imaginário, realiza, de certa maneira, o desejo”. (LACAN, 1985:299-300-grifos nossos).

Lacan desenvolve essa interessante elaboração sobre a melancolia logo após expor suas idéias sobre o silêncio dos planetas. Dessa forma, como ele nos disse, essas senhoras não conseguem se fazer outro para elas mesmas, se arredondam, transformam-se como que em planetas.

A partir dessa problemática redução ao imaginário, podemos entender a preocupação de Lacan em retomar a importância do simbólico contrapondo-se à prática psicanalítica dos pós-freudianos que se afirmava naquele tempo. A “Psicologia do Ego” sustentava que a capacidade de síntese do *Ego* seria o objetivo da análise. Integrar o sujeito com o Eu, reduzir a análise à relação imaginária do sujeito com esse primitivo outro que ele é, é fazer desse sujeito algo redondo, um corpo circular como um planeta, sem furo, sem diferenças e, portanto, sem mudanças. Mas, lembra-nos Lacan, “a experiência nunca é levada até seu derradeiro término, não se faz o que se diz fazer... Graças a Deus, os tratamentos falham, e é por isso que o sujeito se salva” (1985:305).

Caberia ressaltar que para Lacan o Eu seria a aparição mais próxima, mais acessível da morte, sendo a relação entre o Eu e a morte bem estreita. Como no humano o Eu, embora imaginário, constitui-se preso à trama simbólica, ele está na conjunção entre esse discurso comum e aquilo que é sua realidade psicológica. Nesse ponto de desvio que a relação imaginária apresenta no homem produz-se a hiância por onde a morte se presentifica.

Essa afirmação sobre o imaginário será importante no próximo capítulo, onde a questão da função da forma e da beleza será um pouco mais desenvolvida.

2.2 A tragédia de Édipo

Essa referência ao discurso comum dirige-nos à outra via em que a libido, em sua busca totalizante, pode encontrar a morte. Trata-se da via em que o ser se reduz a não ser nada mais que esse discurso comum que o atravessa, o ser se reduz à sua frase simbólica. “A última palavra da relação do homem a este discurso que ele não conhece é a morte” (LACAN, 1985:263).

Édipo é aquele a quem Lacan recorre para nos permitir melhor apreender a relação do sujeito com o discurso. Afinal, foi Édipo quem realizou plenamente seu destino, e tal realização resultou em sua própria dilaceração. É nesse momento final de sua vida, que é relatado por Sófocles em “Édipo em Colona”, que ele profere a frase assinalada por Lacan: “Será que é no momento em que não sou nada é que me torno um homem?” (SÓFOCLES, 1990:123). É aí, segundo Lacan, “que começa o para além do princípio do prazer. Quando a fala realizou-se completamente, quando a vida de Édipo passou inteiramente para dentro de seu destino...” (LACAN, 1985:290). Nesse momento revela-se a ausência de qualquer sentimento humano. Na medida em que os sentimentos têm estatuto imaginário, sua ausência aponta para o fato de que o que quer que aconteça nesse momento, acontece à revelia do imaginário.

Acompanhemos o seguimento que Lacan dá a este ponto.

Ele alerta que na frase em questão, a palavra homem não tem qualquer significação. O que está em jogo é a realização do destino de Édipo, destino que foi anunciado pelos oráculos a seus pais muito antes de ele ter nascido, e que desde que Édipo foi exposto

pendurado por um pé, ele o realiza. Tudo estaria desde então escrito, e Édipo o realiza até o fim, até que o assuma por seu ato.

Ressalta ainda o momento em que Édipo, respondendo ao coro, diz que na verdade não pode ser considerado responsável pelo que se passou. Afinal, afirma que foi o povo de Tebas que teria lhe dado a mulher como recompensa por ele tê-los livrado da Esfinge, e que, quanto a Laio, ele não sabia quem era, e teria lhe espancado por ter sido forçado a isso¹⁷(LACAN, 1985:289).

Embora o momento em que Édipo se mutila explicita a assunção de sua culpa, para Lacan, em um tempo bem anterior ele já havia aceitado seu destino, mais precisamente no momento em que aceitou ser rei. Pois, como rei, ele atraiu para a cidade todas as maldições, tudo de acordo com as ordens dos deuses. E para Lacan, é absolutamente natural que tudo recaia sobre Édipo já que ele é o nó da fala, e apesar dele se achar inocente, aceita seu destino até o fim já que se dilacera, vindo posteriormente pedir que em Colona o deixem deitar-se no recinto sagrado das Eumênides, realizando a fala até o fim¹⁸.

Essa posição central de Édipo na fala ilumina-se ainda mais, pois enquanto ele busca seu descanso em Colona, em Tebas, as maldições perpetradas após o seu exílio fazem com que tentem buscá-lo novamente, o que aparece de forma explícita na fala de Ismene:

“Segundo dizem, os tebanos vão querer-te
vivo ou após a morte, pois o salvarás”.

¹⁷ Minha cidade ofereceu-me um prêmio
por meus serviços, que eu preferiria
em tempo algum ter recebido dela...
(SOFOCLES,1990:132)

Digo-te; quando o matei
e massacrei agia sem saber
Sou inocente diante da lei,
pois agi sem premeditação (1990:133).

¹⁸ Sendo inclusive a aceitação de seu destino o que revela a dimensão do herói trágico.

“Dizem que seu sucesso depende de ti”.(1990:123)

Ameaçada, Tebas mandaria seus sábios e embaixadores, enfim, seus representantes para trazer de volta Édipo. Ao ficar sabendo que será visitado pelos representantes de Tebas, ele profere a citada frase em que expressa a constatação de que quando encontra o seu nada é que adquire algum valor.

Para Lacan, “Édipo em Colona” pode ter seu tema reduzido à frase proferida pelo coro:

“Mais vale, no final das contas, não ter nascido...”.

“Édipo em Colona, cujo ser se acha todo inteiro na fala¹⁹ formulada por seu destino, presentifica a conjunção da morte com a vida”.

2.3 O horror do Sr. Valdemar

Lacan nos oferece ainda um outro exemplo para deixar bem claro o que pensa sobre essa conjunção da vida com a morte, dessa redução do ser a sua fala.

Trata-se do conto de Edgar Allan Poe, “O caso do senhor Valdemar”.

Nesse conto o narrador, em primeira pessoa, nos diz que durante os últimos três anos esteve interessado na prática do magnetismo, e que meses antes teria lhe ocorrido o pensamento de que ninguém havia ainda sido magnetizado *in articulo mortis*. Foi a partir desse pensamento que o Sr. Ernesto Valdemar lhe pareceu uma boa escolha. Já o conhecia, já o havia hipnotizado algumas vezes, com alguns insucessos a bem da verdade, mas isso era debitado a seu precário estado de saúde, o que inclusive era o fator que aguçara a sua

¹⁹ Ao longo dos seminários desse período Lacan utiliza-se, de maneira eventualmente pouco clara, dos termos fala, discurso comum, mensagem, frase contínua.

lembrança quanto às possibilidades do magnetismo diante da morte. Para a surpresa de nosso narrador, o senhor Valdemar aceitou de pronto a experiência quando esta lhe foi sugerida.

O fato é que após alguns meses, conforme o combinado, vinte e quatro horas antes da previsível morte do Sr. Valdemar, P (é a forma como o narrador se nomeia) é chamado para executar sua experiência. Bem próximo de seus últimos suspiros, o Sr. Valdemar é magnetizado através de alguns passes.

Como conseqüência, mesmo com sua morte, o Sr. Valdemar, ou melhor, o cadáver do Sr. Valdemar, deitado em seu leito, continua sua fala.

“Quero dizer que o som era de uma dicção distinta... maravilhosamente distinta mesmo, e arrepiante. O Sr. Valdemar falava, evidentemente respondendo à pergunta que eu lhe havia feito poucos minutos antes. Perguntara-lhe, como se lembra se ele estava adormecido²⁰. Ele agora respondia”:

“_ Sim... Não... Estava adormecido... E agora... agora... estou morto” (POE, 1985:63).

Por quase sete meses o Sr. Valdemar mantinha o mesmo estado, a mesma fala e um corpo ainda agregado. Finalmente, após esse período decidem despertá-lo. Após algumas tentativas escutam da mesma horrenda voz:

“- Pelo amor de Deus!... Depressa, depressa... Faça-me dormir... ou então, depressa... acorde-me... Depressa... Afirmo que estou morto!” (1985:64).

“Enquanto eu fazia rapidamente os passes magnéticos, entre ejaculações de ‘Morto!’, ‘Morto!’, irrompendo inteiramente da língua e não dos lábios do paciente, todo seu corpo, de pronto, no espaço de um único minuto, ou mesmo menos, contraiu-se...

²⁰ A cada instante, antes da morte, P indagava ao Sr. Valdemar se ele dormia.

fracionou-se, absolutamente podre, sob minhas mãos. Sobre a cama, diante de toda aquela gente, jazia uma quase líquida massa de nojenta e detestável putrescência” (POE, 1985:65).

O conto de Poe ilustra de maneira fantástica essa conjunção da vida e da morte, mostrando-nos que já no *Seminário 2* o tema das duas mortes, que viria a ser desenvolvido com mais detalhes por Lacan no *Seminário 7*, já lhe era bem caro.

Gostaríamos de assinalar, contudo, que para o desenvolvimento de nosso tema neste trabalho, o conto do senhor Valdemar explicita algo que nos outros dois exemplos, da melancolia e da tragédia de Édipo, embora presente, poderia passar despercebido. Essa redução do ser à fala, ao discurso comum, essa conjunção entre a vida e a morte apresenta-se como que eternizada, atemporal. Tal acento se faz necessário, pois o que vimos desenvolvendo como o eixo organizador do pensamento de Lacan nos anos 50, é o estatuto contínuo do simbólico em disjunção com a imaginária unidade, presentes no Esquema L.

A atemporalidade dos três exemplos serve para expor esse estatuto incomensurável, indeterminado do simbólico e a dimensão mortífera de seu encontro, seja pela idéia de imortalidade dos melancólicos, seja pelo destino desde sempre traçado de Édipo, seja pela fala ainda que morto do Sr. Valdemar. Nesses exemplos, a realização simbólica da imagem ou a redução do ser à fala mostram seus efeitos nefastos, reforçando o imperativo lógico da disjunção presente no Esquema L.

3. O Esquema L e a lógica estrutural

Como vimos ao longo deste capítulo, a partir da disjunção do simbólico com o imaginário, e da hiância real subjacente a essa disjunção, Lacan monta um esquema topológico inspirado no funcionamento de uma válvula tríodo. Ele ainda nos oferece uma série de modelos para que a estrutura do Esquema L se esclareça.

A partir do modelo das maquininhas é possível entender melhor os efeitos devastadores que surgem em determinadas relações humanas, que dominadas pelo fascínio, evoluem para situações catastróficas, no destempero da paixão ou da agressividade. Fica patente como é fundamental a intervenção do terceiro termo, que nesse momento se apresenta como a mensagem contínua simbólica, para evitar os efeitos tão graves dessa fascinação.

A partir da referência à Síndrome de Cotard apreende-se como que no humano reconhecer-se como outro é tão importante para a suportabilidade de uma vida um pouco mais afastada da morte. E finalmente as referências à tragédia de Édipo e ao conto do Sr. Valdemar nos mostram os efeitos bastante inquietantes da redução à frase simbólica.

O que queremos fundamentalmente ressaltar com essa breve recapitulação é que as vicissitudes da clínica para as quais esses modelos funcionam como analogia, estão intimamente ligadas às “deformações” e atravessamentos dessa estrutura básica do Esquema L, decorrentes da tentativa da libido seja de fazer Um com o imaginário, seja de completar o simbólico. Sigamos agora com Lacan numa apreciação estrutural e por que não dizer clínica do Esquema L.

3.1 O sonho da injeção de Irma

O sonho da Injeção de Irma, o sonho inaugural de Freud, ganha, segundo Lacan, um aspecto todo diferente se pensado a partir do tríodo. Assim, no sonho é possível perceber dois elementos inconscientes: um é a revelação da fala criadora que se constitui no diálogo com Fliess, portanto o eixo simbólico, e o outro é o elemento transversal, iluminado pela corrente da fala que passa, o eixo imaginário. Neste, o que vai estar inicialmente em jogo no sonho é a questão das relações de Freud com uma série de imagens sexuais femininas,

tensionadas que estão por sua relação conjugal, e que têm um caráter eminentemente narcísico.

Porém, mais além do narcisismo estará em jogo a fala que esse sonho deseja passar, pois um sonho, antes de qualquer coisa, tem como desejo fazer passar uma mensagem (LACAN, 1985:163).

3.1.1 As circunstâncias do sonho

Sabemos que Irma era paciente de Freud e amiga da família. Essa proximidade, ressalta Lacan, implica em dificuldades no que diz respeito à contratransferência. E na verdade, Freud encontrava-se realmente em dificuldades com sua paciente, pois havia para ele uma recusa de Irma em melhorar. Para ele nesse momento, ainda bastava a revelação do sentido inconsciente de um conflito para que esse se debelasse. Irma, embora apresentasse uma melhora de seus sintomas, apresentava a persistência de alguns, particularmente a propensão a vômitos.

“Esse tratamento terminara com êxito parcial; a paciente ficara livre de sua angústia histérica, mas não perdera todos os sintomas somáticos. Nessa ocasião, eu ainda não discernia com muita clareza quais eram os critérios indicativos de que um caso clínico de histeria estava afinal encerrado, e havia proposto à paciente uma solução que ela não parecia disposta a aceitar” (FREUD, 1972:113, Vol. IV).

A persistência dos sintomas de Irma, de acordo com o que à época pensava Freud, somente poderia ser explicada por uma “desobediência”. Ele havia há pouco tempo interrompido esse tratamento quando recebe, por Otto, notícias de sua paciente. Este lhe diz que ela estava muito bem, porém não tanto.

Freud identifica um tom irônico na fala de Otto e acredita que este pode ter participado de chacotas a sua condução desse caso. Ele até então acreditava que havia

proposto a Irma uma boa solução²¹ para o seu caso. A desaprovação de Otto traz à tona os próprios conflitos de Freud, sendo o elemento provocador do sonho.

“Eu estava consciente de que as palavras de meu amigo Otto, ou o tom em que as proferiu, me aborreceram. Imaginei ter descoberto nas mesmas uma reprovação, tal como no sentido de que prometera demasiado à paciente e, certa ou erradamente, atribuí o suposto fato de Otto estar tomando partido contra mim a influência dos parentes de minha paciente, que, segundo me pareceu, nunca haviam olhado com bons olhos o tratamento. Contudo, minha impressão desagradável não ficou clara e não externei nenhum sinal disso. Na mesma noite, escrevi a história do caso de Irmã, com a idéia de entregá-lo ao Dr. M. (um amigo comum que era, na época, a principal figura de nosso círculo), a fim de me justificar. Naquela noite (ou mais provavelmente na manhã seguinte), tive o seguinte sonho, que anotei imediatamente após despertar” (FREUD, 1972:114, Vol. IV).

3.1.2 O sonho

“Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha ‘solução’. Disse-lhe: ‘Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.’ Respondeu ela: ‘Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.’ — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. — Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa *branca*; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-

²¹ Aqui convém ressaltar a ambigüidade que não passou despercebida a Freud e nem a Lacan, do vocábulo solução. Quer seja em alemão ou francês, o mesmo conserva o duplo sentido de uma solução que se injeta como o de uma solução de conflito.

esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. — Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: ‘Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.’ Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido)... M. disse: ‘Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.’... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa” (FREUD, 1972:115, Vol. IV).

Em seu trabalho de interpretação, Lacan assinala que uma particularidade dos sonhos é que estes não estão no tempo. Tal observação reflete o que ele vai desenvolver ao longo de seu trabalho com esse sonho, ressaltando que a função dos sonhos é passar a mensagem, a fala atemporal do sujeito, o que nos remete ao estatuto atemporal do simbólico.

Esse sonho pode ser dividido em dois momentos. No primeiro, os personagens cumprem mais ou menos os mesmos papéis que cumprem na vida desperta. Freud mostra-se tal como é, ou seja, nesse momento do sonho, seu Eu encontra-se no mesmo nível de seu EU vigil. Ele encontra-se com Irma, e a repreende por não ter aceitado sua solução. Quando

esta lhe fala de seu padecimento, ele insiste para que abra a boca. Lacan ressalta nesse momento as outras mulheres envolvidas na imagem condensada de Irma, e aponta para o enfrentamento de Freud com a resistência feminina. Aqui ele está delineando a dimensão imaginária do sonho, em que o que está em jogo é o Eu de Freud em sua relação narcísica com essas mulheres, bem como a função de resistência do Eu.

“Elas põem em destaque que Irma está longe de ser a única em causa, se bem que só ela apareça no sonho. Entre as pessoas que estão *sich streichen*, há duas em particular que, apesar de serem simétricas, não deixam de ser bastante problemáticas – a mulher do próprio Freud que, naquele momento, como se sabe por outros meios, está grávida, e uma outra doente” (LACAN, 1985:196).

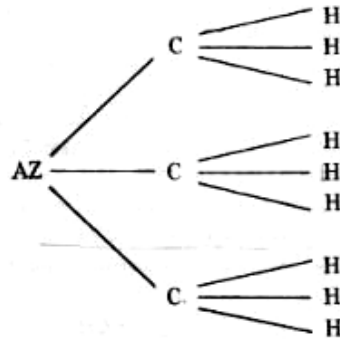
“Em suma, é num leque, que vai desde o interesse profissional, o mais puramente orientado até todas as formas de miragem imaginária, que se apresenta aqui a mulher e se situa a sua relação com Irma” (LACAN, 1985:197).

É no fundo da garganta de Irma, contudo, que se revela, para Freud, o horror do real da carne, na presença da membrana diftérica modelada em forma de cornetos nasais.

“Tudo se mescla e se associa nesta imagem, desde a boca até o órgão sexual feminino, passando pelo nariz – Freud, justamente antes ou logo depois, foi operado, por Fliess ou por outro, dos cornetos nasais. Eis aí uma descoberta horrível, a carne que jamais se vê, o fundo das coisas, o avesso da face, do rosto, os secretados por excelência...” (LACAN, 1985:197).

Em seu sonho Freud vai mais além da imagem, atravessa a hiância e depara-se com o impossível de se ver. Após essa visão aterradora, entramos no segundo momento do sonho. Aparecem então o Doutor M, Otto e Leopold. Os três apresentam, cada um a sua vez, uma fala absurda, e finalmente chega-se à conclusão que Irma apresenta uma infecção decorrente da aplicação por Otto de uma injeção, provavelmente através de uma seringa

suja, de uma solução, trimetilamina, solução essa que aparece para Freud no sonho, na literalidade de sua fórmula.



Lacan conclui que é aí que está, no sonho, o inconsciente, aquilo que está fora de todos os sujeitos (1985:202).

3.1.3 A tragédia de Freud

Para Freud, o desejo motivador do sonho seria descartar de si qualquer responsabilidade no fracasso do tratamento de Irma, e tal intento apresentava-se para ele como na história da pessoa a quem se repreende por haver devolvido um caldeirão furado, e que responde o seguinte: primeiro, ele o devolveu intacto, segundo o caldeirão já estava furado quando o tomou emprestado, e terceiro não o tomou emprestado. Lacan nos alerta para o fato de que Freud, embora estivesse tão interessado em desenvolver a função do desejo inconsciente, contentou-se em explicar um sonho pela satisfação de um desejo nitidamente pré-consciente. Ele então se propõe a ir além de Freud, afinal, assim como na análise, encontra-se diante da possibilidade de interpretar um sonho a partir da interpretação do relato daquele que sonha. Ressalta o fato de Freud continuar dormindo no

momento crucial do sonho, quando de hábito qualquer um acordaria. Esse momento define-se pela visão da garganta de Irma, o ponto de virada do sonho, a visão da angústia, a “última revelação do *és isto - és isto, que é o mais longínquo de ti, isto que é o mais informe*” (LACAN, 1985:198-grifos do autor).

Diante da presença, da visão do objeto em sua unidade, o que aparece é a dimensão rasgada do desejo. Tal rasgamento se mostra pela regressão tópica do sonho, pela perda da unidade narcísica do Eu, resultando no desaparecimento do *Ego* de Freud, acompanhada pelo que Lacan chama de imisção de sujeitos, o aparecimento dos três palhaços, os três médicos, cuja fala ele diz, podem ser tomadas como frases interrompidas.

“Estes personagens são todos significativos, uma vez que são personagens da identificação na qual a formação do *ego* reside”(LACAN, 1985:199).

Esse momento Lacan denomina como a entrada do bufão, dizendo ser esse o papel que estes sujeitos desempenham em função do apelo de Freud e ressalta o sentido jurídico do termo: Freud apela para o consenso de seus semelhantes, de seus iguais, de seus confrades, de seus superiores.

Gostaria de ressaltar a importância dos conceitos a que Lacan faz referência nesse momento do sonho: frases interrompidas e imisção dos sujeitos. O que vemos no relato de Freud é que, pela regressão tópica, aparece por detrás da unidade imaginária do Eu a série de maquininhas que o fascinaram, mas que se mantiveram num circuito sem colapamento, sustentadas pela ordem simbólica. Lacan, a respeito da relação do modelo das maquininhas, ainda acrescenta: “Para que o sistema não se resumisse numa vasta alucinação concêntrica, cada vez mais paralisante, para que pudesse girar, era preciso que interviesse um terceiro regulador”(LACAN, 1985:214). E ainda nos diz que, sob um outro ângulo, no humano essa

presença do simbólico faz com que o objeto sempre se apresente numa espécie de exterioridade. “Se for você, não sou eu. Se for eu, é você que não é”²² (1985:214). Essas observações de Lacan remetem-nos a elaborações que ele fará posteriormente sobre as psicoses, e que abordaremos mais à frente nesta investigação.

Retomando o sonho, é em seu final que aparece o elemento que vai esclarecer tudo. De uma voz de ninguém surge a trimetilamina. O sonho, que culminou no primeiro momento, ainda na presença do *Ego* de Freud, na imagem horrível do objeto, no segundo momento culmina naquilo que, segundo Lacan, não se pode deixar de identificar como sendo a fala, o rumor universal. A fórmula não fornece resposta alguma ao que quer que seja. Contudo, a estrutura triádica de todo o sonho, culminando na fórmula acéfala da trimetilamina, revela por essa acefalia a impossibilidade da localização de um significante para o Sujeito. A acefalia da fórmula da trimetilamina revela o impossível de localizar, o ponto em que o sujeito se insere na cadeia simbólica.

“Tal qual um oráculo, a fórmula não fornece resposta alguma ao que quer que seja. Mas a própria maneira pela qual ela se enuncia, seu caráter enigmático, hermético, é justamente a resposta à questão do sentido do sonho. Pode-se calcá-la na fórmula islâmica – *Não há outro Deus senão Deus*. Não há outra palavra, outra solução ao problema de vocês, senão a palavra”(LACAN, 1985:202- grifos do autor).

Assim, no ápice do sonho, não há outra palavra, outra solução senão a própria palavra. Para Lacan este sonho não é apenas um objeto que Freud decifra, mas é sua fala, o eixo S – A do esquema L, daí seu valor exemplar.

"Isto, que tem um caráter quase delirante, com efeito o é, ou pelo menos seria se Freud não se endereçasse a nós²³. Freud fala por intermédio desse sonho, e sem tê-lo querido, sem tê-lo primeiro reconhecido, e reconhecendo-o unicamente em sua análise do sonho, ou seja, enquanto

²² É importante lembrar que, nesse momento, o objeto para Lacan tem estatuto imaginário e confunde-se com o outro.

²³ Aqui vemos mais uma referência de Lacan a um conceito utilizado na clínica da psicose. Posteriormente, ainda nesse capítulo, teremos chance de retornar a esse ponto.

está falando conosco – ele nos diz algo que ao mesmo tempo é e não é mais ele: Sou aquele que quer ser perdoado por ter ousado começar a sarar estes doentes, que até agora não se queria compreender e que se proibia a si mesmo de sarar. Sou aquele que quer ser perdoado por isto. Sou aquele que quer não ser culpado por isto, pois se é sempre culpado quando se transgride um limite até então imposto à atividade humana. Quero não ser isto. Em lugar de mim há todos os outros. Sou aí apenas o representante deste vasto, vago movimento que é a busca da verdade onde, eu, me apago. Não sou mais nada. Minha ambição foi maior do que eu. A seringa estava suja, sem dúvida. E justamente na medida em que a desejei demais, em que participei desta ação, em que quis ser, eu, o criador, não sou o criador. O criador é alguém maior do que eu. É o meu inconsciente, é esta fala que fala em mim, para além de mim"(LACAN,1985:216).

Assim como Édipo em busca de seu inocentamento, Freud denuncia seu Apolo!²⁴

Sua inocência é sua fala.

Sigamos textualmente com Lacan:

“A entrada em função do sistema simbólico em seu mais radical, mais absoluto emprego, acaba abolindo tão completamente a ação do indivíduo, que elimina, da mesma feita, sua relação trágica com o mundo... A consideração estritamente filosófica do mundo pode, com efeito, colocar-nos numa espécie de ataraxia em que qualquer indivíduo se acha justificado em função dos motivos que o fazem agir, e que são concebidos como se o determinassem totalmente. Qualquer ação, por ser artimanha da razão, é igualmente válida. O emprego extremo do caráter radicalmente simbólico de toda a verdade faz, pois, com que a relação com a verdade perca sua agudeza. No meio do andamento das coisas, do funcionamento da razão, o sujeito se acha desde o início da jogada, não sendo mais que um peão, impelido para dentro deste sistema, e excluído de toda participação que seja propriamente dramática e, por conseguinte trágica, na realização da verdade (...) Eis o que nos leva a colocar a questão da juntura do imaginário e do simbólico” (LACAN,1985:214).

²⁴ Na tragédia de Sófocles, ao perceber sua culpa, Édipo denuncia a responsabilidade de Apolo em tudo que se passou.

3.2 A análise e o lugar do analista

O que Lacan nos mostra com a interpretação do sonho inaugural de Freud é que o que está em jogo em uma análise não é propriamente falando os elementos da vivência de um sujeito ou os acontecimentos de sua vida, mas o seu destino.

“Uma fala é matriz da parte não reconhecida do sujeito, e eis aí o nível próprio do sintoma analítico - nível descentrado com relação à experiência individual, visto ser aquele do texto histórico que a integra” (LACAN,1985:61).

Portanto, o que tal concepção enceta é que o sintoma somente será afetado pela experiência analítica a partir de uma intervenção que incida nesse nível descentrado. A análise para Lacan, nesse momento, deve levar em consideração aquilo que ele vai em determinado momento chamar de autonomia do simbólico.

O “Sonho da Injeção de Irma” nos demonstra, pela forma como Freud o relata, e pela maneira como Lacan o decifra, que o inconsciente é esse discurso obstaculizado pelo Eu, mas que pode ser “explorado segundo seu ritmo, sua modulação, sua própria mensagem, de maneira totalmente independente daquilo que o interrompe” (1985:156). É esse movimento mesmo que Lacan nos diz ser o sentido do que Freud delineia no “Além do princípio do prazer”. O inconsciente não é de forma alguma o *Ego* do sonhador. O *Ego* de Freud se retira da cena a partir do momento maior da angústia, no momento em que ele se vê identificado ao que a garganta de Irma revela, a saber, a imagem da morte, ou ainda, quando essa revela o objeto e a dimensão rasgada do desejo. Assim, como acentuou Lacan, essa relação do sujeito com o objeto quando mediada pelo simbólico se dá numa forma esvaecente, em que ou eu sou ou você é. Diante do objeto somente restou ao *Ego* de Freud retirar-se. Nessa retirada ele apela para o congresso de todos aqueles que sabem. Para além

do *Ego*, o que está em jogo no sonho, o inconsciente, é aquilo que é do sujeito e não é do sujeito. É isso que conferiria a esse sonho o seu valor: a busca da significação como tal.

“É no meio de todos os seus confrades, no meio do consenso da república dos que sabem – pois se ninguém tem razão, todo mundo tem razão, lei paradoxal e ao mesmo tempo tranquilizadora –, é no meio deste caos que se revela a Freud, neste momento original em que nasce sua doutrina, o sentido do sonho... - não há outra palavra-chave do sonho a não ser a própria natureza do simbólico” (LACAN, 1985:203).

Para tanto, um limiar precisou ser transposto. Na primeira parte, o Eu de Freud, na segunda a multidão. Multidão estruturada como a multidão freudiana, diz Lacan, que prefere utilizar o conceito imisção dos sujeitos.

“Os sujeitos entram e se intrometem – este pode ser o primeiro sentido. O outro é o seguinte – um fenômeno inconsciente, que se desenrola num plano simbólico, descentrado, como tal em relação ao ego, ocorre sempre entre dois sujeitos. Logo que a fala verdadeira emerge, mediadora, ela faz deles dois sujeitos muito distintos do que eram antes da fala. Isto quer dizer que eles só começam a ser constituídos como sujeitos da fala a partir do momento em que a fala existe, e não há antes não” (LACAN, 1985:204).

A partir desse sonho, Lacan pode sustentar que o sintoma analítico se produz na corrente de uma fala que tenta passar, e para passar precisa vencer essa dupla resistência estabelecida entre o ego do sujeito e sua imagem, o eixo a-a'. Segundo ele, estas duas interposições oferecem uma resistência suficiente, elas se iluminam dentro da corrente, fosforescem, fulgem.

Para isso é necessário que o sujeito atravesse a janela onde sempre vê a sua imagem. Ao ultrapassar esta barreira, a interposição entre o sujeito e o mundo cessa. Se é a partir do ego que todos os objetos são olhados, é pelo despedaçamento desse ego que os objetos são desejados. Dessa forma, o sujeito não pode desejar sem se dissolver. Essa dissolução o reduz à dimensão da fala, e é sempre na juntura da fala, no nível onde esta aparece que se manifesta o desejo. O desejo surge no momento em que se encarna numa palavra.

“A consciência no homem é por essência tensão polar entre um *ego* alienado do sujeito e uma percepção que fundamentalmente lhe escapa, um puro *percipi*. O sujeito seria estritamente idêntico a esta percepção, se não houvesse este *Ego* que o faz, se é que se pode dizer, emergir de sua própria percepção numa relação tensional. Em certas condições, esta relação imaginária atinge ela mesma seu próprio limite e o *ego* se esvaece, se dissipa, se desorganiza, se dissolve. O sujeito é precipitado num enfrentamento com algo que não pode, de modo algum, ser confundido com a experiência cotidiana da percepção, algo que poderíamos dar o nome de um *id*, e que chamaremos simplesmente, para não haver confusão, de um *quod*, de ‘o que será que é?’ A questão que vamos colocar hoje é a deste enfrentamento do sujeito para além do *ego* com o *quod* que procura advir na análise”(LACAN,1985:224-225)

É dessa forma que Lacan nos aponta o caminho para pensar a análise e o lugar do analista. Se o caminho da análise é o mesmo que o Sonho da Injeção de Irma revela, naquele momento do ensino de Lacan, o analista ideal (um ideal que serve como marco de orientação, embora saibamos que enquanto ideal é impossível) seria aquele sujeito em que o Eu estivesse ausente. Afinal a análise deve visar à passagem de uma fala verdadeira, que junte o sujeito a um outro sujeito do outro lado do muro da linguagem. Muro que a relação com o Outro constitui. É a relação derradeira de um sujeito a esse Outro, um Outro verdadeiro e que dá a resposta que não se espera, que definiria o ponto terminal da análise.

Caberia ao analista, ao longo de toda a duração da análise, se fazer um espelho vazio para que fosse possível perpassar tudo o que se passa entre o eu do sujeito e os outros. Isso permitiria a análise progredir no sentido de fazer o sujeito gradualmente assumir como sua essas relações que a todo o momento se apresentam na transferência., e nas quais ele não se reconhece. Ao final da análise, atravessando o muro da linguagem, onde está o *ES* a letra *S* do esquema deverá estar com a palavra e entrar em relação com o Outro, o verdadeiro. Ali onde o *S* estava deverá advir o *Ich*. *Wo Es war, soll Ich werden*.



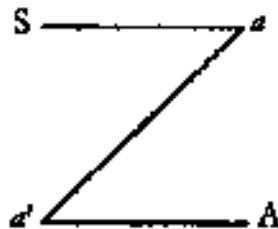
Dissipar a confusão imaginária e restituir ao discurso seu sentido de discurso é justamente nisto que o exercício dialético da análise consiste. Isso nos reconduz ao trabalho de Sócrates no *Mênon*, sobre o qual discorreremos no primeiro capítulo. Somente se chega à solução do problema, ao quadrado que é duas vezes maior que o quadrado original, destruindo-se o primeiro quadrado, e recompondo-se com ele um segundo quadrado. Essa reconstrução só é possível porque as assunções simbólicas que escapam ao escravo não escapam a Sócrates.

3.3 O esquema L e a psicose

O sonho de injeção de Irma permitiu-nos a partir do esquema L, apreender como se organizava o pensamento de Lacan no que diz respeito à neurose, bem como em relação aos objetivos da psicanálise e até mesmo ao lugar do analista. Até então privilegiámos o *Seminário 2* para mostrar a maior parte do encadeamento desse pensamento. Sabe-se que no ano seguinte a esse seminário, Lacan ministraria seu seminário dedicado às psicoses. A partir de agora iremos nos ocupar da investigação do como Lacan pensava as psicoses naquele momento, verificando as articulações desse pensamento com o estatuto que vinha

determinando ao aparelho psíquico até então, e que se desenhava como já dito no esquema L.

Como apontamos no início dessa dissertação, em seu *texto De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* Lacan nos apresenta uma versão simplificada do esquema L, dizendo que neurose ou psicose depende do que acontece em A, ou seja, a estruturação de uma neurose ou uma psicose é determinada pelo que se produz nesse eixo simbólico do esquema. Lacan nos delinea uma diferença entre as estruturas e não um déficit da psicose em relação à neurose.



3.3.1) Diferenças

A afirmação de que o inconsciente é uma linguagem²⁵ praticamente inicia o *seminário 3*, mas somos logo alertados pela fala de que isso não implicaria que tal afirmação fosse reconhecida. O que está em jogo nas razões dessa ressalva é a observação de que o psicótico não conhece a língua que fala. A questão, contudo, não é saber por que o

²⁵ Sabemos dos desenvolvimentos posteriores de Lacan sobre essa tese de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. Não é nosso interesse, contudo, ocuparmo-nos das mudanças ocorridas. A nossa pesquisa é delimitada pelo momento em que essa noção vigora.

inconsciente que se encontra aí, a flor da terra, permanece excluído para o sujeito, mas porque ele aparece no real.

Podemos perceber já nessa primeira intervenção de Lacan, que ele não se surpreende com o desconhecimento do sujeito de sua mensagem. Afinal, foi para explicar esse descentramento entre o Eu e o sujeito que ele passou boa parte do ano anterior ensinando a partir da idéia da pulsão de morte o que se passava (ou não passava) no inconsciente. Entretanto, ele busca problematizar o fato de que, no inconsciente teria havido uma primeira *Bejahung*, uma admissão ao sentido simbólico, de tudo aquilo que teria sido recalcado, e que, portanto na psicose haveria apenas um desconhecimento. Tal admissão simbólica se revelaria nos fenômenos referentes ao retorno do recalcado, como sintomas ou sonhos, por exemplo. Na psicose, contudo, ele observa, a partir de Freud, que o sujeito recusa o acesso a seu mundo simbólico de alguma coisa que ele experimentou, e que não haveria dúvida que se trataria da ameaça de castração. Como efeito da *Vewerfung*, essas experiências anteriores do sujeito teriam um desenvolvimento absolutamente diferente. Para explicar esse efeito ele recorre novamente ao modelo das máquinas calculadoras.

Lembremos que a partir do modelo dessas máquinas Lacan nos mostrou que o que chamamos de memória, é a persistência na máquina, transitando em seu circuito, de uma mesma mensagem, uma mensagem contínua. Para nos falar da psicose, ele nos diz que para alimentar essas máquinas, ou seja, para fazer cálculos a partir delas, são necessários cifras. Contudo, para que possamos introduzir coisas no circuito, é necessário respeitar o ritmo próprio da máquina, senão isso fica abaixo do limiar e não pode entrar nela. Sucede desta maneira, que tudo que é recusado no simbólico, no circuito da máquina, retorna no real.

A distinção essencial estaria então sustentada na idéia de que o “recalcado neurótico não se situa no mesmo nível de história no simbólico que o recalcado de que se trata na psicose, mesmo se há relações do modo mais estreito entre conteúdos”(LACAN,1985a:22).

Retomando o esquema L, Lacan esclarece:

“Nosso esquema figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seu desvio pelos dois eu a e a’, e suas relações imaginárias. Uma triplicidade está aqui indicada no sujeito, que abrange o fato de que é o eu do sujeito que fala normalmente a um outro, e do sujeito, do sujeito S, em terceira pessoa...”.

“Porém no sujeito normal, falar-se com seu eu não é nunca plenamente explicitável, sua relação com o eu é fundamentalmente ambígua, toda assunção do eu é revogável. No sujeito psicótico, ao contrário, certos fenômenos elementares, e especialmente a alucinação que é sua forma mais característica, mostram-nos o sujeito *completamente* identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental. É ele que fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos equívocos do termo, a inicial S e o Es alemão” (LACAN,1985a:23 - grifo nosso).

Não são poucos os momentos em que Lacan nos diz que autenticar tudo o que no sujeito é da ordem do imaginário é fazer da análise a antecâmara da loucura. O parágrafo anterior nos deixa muito claro que autenticar o imaginário é referendar esse outro que fala do sujeito e com o qual o psicótico se identifica maciçamente. Ao que parece nesses primeiros momentos do seminário das psicoses, Lacan nos conduz a entender que na psicose, a fala do sujeito, essa mensagem contínua do Outro, encontra-se alienada ao outro, ao semelhante, sendo o fenômeno alucinatório seu paradigma, e sendo isso uma decorrência da *Verwerfung*.

A questão da fala então reaparece. Lacan insiste em que não se deve compreender o paciente, fazer da linguagem apenas uma forma de se fazer entender. O que está em jogo é a realidade da fala. Já o vimos anteriormente, nos dizer que, no que diz respeito à neurose, não devemos nos ocupar dos elementos factuais da história do sujeito, mas sim com seu destino, sua fala, naquilo que ela é autônoma e repete o discurso comum que o atravessa.

Ocupando-se das psicoses ele retoma o mesmo eixo, e dessa vez recorrendo ao auxílio de “de Clérambault”. O que está em jogo na psicose é o automatismo mental²⁶, preciosa observação clínica estabelecida por este seu mestre na psiquiatria, na qual encontra um paralelo fenomenológico à sua autonomia do simbólico, que se apresenta mais exposta na psicose.

“Será que o doente fala? Se não distinguirmos a linguagem e a fala, é verdade, ele fala, mas fala como uma boneca aperfeiçoada que abre e fecha os olhos, absorve líquidos etc.”(LACAN,1985a:45)

A novidade trazida por Freud, naquilo que ele restitui a Schreber o lugar de sujeito, é a constatação de que a diversidade de fenômenos da psicose é um efeito da fala, das vicissitudes que a fala sofre na psicose.

3.3.2 As vicissitudes da fala na psicose

Falar é fazer falar o outro enquanto tal nos diz Lacan, ressaltando que esse outro ele escreve com A maiúsculo. Em seguida nos dá uma interessante definição desse Outro:

“E porque com um A maiúsculo? Por uma razão sem dúvida delirante, como a cada vez se é forçado a empregar signos suplementares àquilo que é fornecido pela linguagem. Essa razão delirante é a seguinte. *Você é minha mulher* – afinal, o que sabem vocês disso? *Você é meu mestre* – de fato, vocês estão tão certos disso? O que constitui precisamente o valor fundador das falas, é que o que é visado na mensagem, como também o que é manifestado no fingimento, é que o Outro está aí enquanto Outro absoluto. Absoluto, isto é, que ele é reconhecido, mas que ele não é conhecido. Da mesma forma, o que

²⁶ *Par Automatisme je comprends les phénomènes classiques: pensée devancée, énonciation des actes, impulsions verbales... (De Clérambault. 1987:492) ...la pensée qui devient étrangère lè devient dans la forme ordinaire de la pensée, c'est-à-dire dans un forme indifférenciée, et nonn pas dans une forme sensorielle définie: la forme indifférenciée est constiuée par un mélange d'abstractions et de tendances, tantôt sans éléments sensoriels, et tantôt avec des éléments plurisensoriels à la fois vagues e fragmentaires...”(1987:493) “Dans l'Automatisme Mental, la pensée s'emancipe d'abord, lè plus souvent, sous as forme indifférenciée, qui est celle de la pensée normale”. (1987:527)*

constitui o fingimento é que vocês não sabem no fim de contas se é um fingimento ou não. E essencialmente essa incógnita na alteridade do Outro que caracteriza a ligação da palavra no nível em que ela é falada ao outro”(LACAN, /1985a:49 - grifo do autor)

No primeiro capítulo tivemos a oportunidade de mostrar como que Lacan se referia ao Outro da linguagem como da ordem do contínuo e não do todo. Aqui, nessa passagem do *Seminário 3*, parece-me bem importante assinalar, que o Outro, absoluto vale dizer, esse Outro que é o que parece falar, tem um estatuto delirante, e é antes de qualquer coisa um suplemento necessário para que o sujeito possa manter o indecível de seu fingimento. Vemos Lacan falar do Outro como uma resposta a uma incógnita.

Essa fala que vem do Outro, fala ao outro, e do outro como objeto, objeto que é o reflexo, a imagem do próprio sujeito. O que desvela a estrutura delirante dessa fala é o fato de que ao falar, naquilo que o sujeito fala ao outro de si mesmo, ele “fala um pouquinho mais do que desejaria”.(1985a:49) Falar um pouco mais do que desejaria, é o comentário que faz Lacan a respeito de uma apresentação de paciente que ele havia realizado, em que apenas após mais de uma hora e meia de entrevista, foi possível escutar na fala da paciente alguma coisa que apontasse para uma estrutura psicótica. Até aquele momento, a paciente se mantinha num limiar em que nada do que se pudesse chamar de delirante havia aparecido. Só então ela fala um pouquinho mais do que desejaria. Ela profere a palavra *galopiner* que ultrapassa a dimensão imaginária na qual ela conseguira até então se sustentar na entrevista, saindo do registro dos semelhantes. A palavra *galopiner*, apresentando-se mais além do imaginário, revela assim seu estatuto de neologismo, uma língua que o sujeito desconhece, e que permite a Lacan apontar essa fala como fenômeno elementar, atestando, por conseguinte uma psicose.

Ora, não é nenhuma aventura teórica aproximar esse pequeno exemplo de uma entrevista de paciente com o Sonho da injeção de Irma de Freud. O *galopiner* da paciente está no mesmo nível daquilo que Lacan chama de “a entrada do bufão” em Freud. Assim como no sonho de Freud, há um limiar transposto e que revela a fala mais além do Eu. Ultrapassada a barreira imaginária, o que surge é a imisção dos sujeitos, os outros, os semelhantes que falam do sujeito, que aqui está em posição de objeto. É que o sujeito humano “no começo é originariamente uma coleção incoerente de desejos – aí esta a verdadeiro sentido da expressão *corpo espedaçado*” (LACAN,1985a:50 – grifo do autor).

Por conseguinte, o que devemos buscar são os elementos que nos permitam entender, porque aquilo que aparece em Freud após um sonho que é sonhado de maneira decisiva, onde Freud apesar da angústia continua sonhando, suportando a evasão de seu Eu, resultando em sua aparição despedaçada, na paciente psicótica de Lacan surge a céu aberto, como a fala de um outro invadindo o sujeito. Porque na psicose esse mais além do Eu retorna no real?

3.3.3 A alusão

Em sua tentativa de nos mostrar as distinções existentes na psicose, mais particularmente quais os motivos que levariam a fala do sujeito aparecer no real na estrutura psicótica, Lacan nos leva a um estudo da frase alusiva. Para tanto nos apresenta a conhecida entrevista com a paciente que lhe relata a alucinação verbal *porca!* Ela escuta essa injúria ao andar pelo corredor saindo de sua casa, quando no caminho cruza com seu

vizinho. Ela informa que teria inicialmente falado: *Eu venho do salsicheiro*, enquanto que em resposta seu vizinho teria lhe proferido a injúria *Porca!*²⁷

Para explicar essa alucinação Lacan se remete ao esquema L:

“O a minúsculo é o senhor que ela encontra no corredor e não há A maiúsculo. O minúsculo é o que diz *Eu venho do salsicheiro* E de quem se diz *Eu venho do salsicheiro?* De S. O minúsculo a lhe disse *Porca*. A pessoa que nos fala, e que falou, enquanto delirante, a', recebe sem nenhuma dúvida em alguma porta sua mensagem em forma invertida, do outro, com a minúsculo, e o que ela diz concerne ao além que ela própria é enquanto sujeito, e de que por definição, simplesmente porque ela é sujeito humano, não pode falar a não ser por alusão” (LACAN,1985a:64 – grifo do autor).

Essa impossibilidade de dizer o que é, caracteriza o humano, é inerente à sua condição de humano. Ali no ponto de surgimento da relação do sujeito com o simbólico, como já vimos anteriormente, há uma falta, falta que se apresenta como umbigo do sonho, na acefalia da fórmula da trimetilamina, nas frases interrompidas dos colegas de Freud, médicos que aparecem em seu sonho, e na frase alusiva que nossa paciente escuta de seu vizinho.

Haveria somente duas maneiras de falar desse S, desse sujeito que somos mais radicalmente. Ou falamos dirigindo-nos ao Outro, e nele recebendo a mensagem que nos diz respeito de uma forma invertida, ou indicando sua direção pela alusão. É exatamente esse segundo caminho que Lacan nos mostra no caso de sua paciente paranóica. Esse segundo caminho mostra-se como uma singularidade estrutural fundamental. O que a utilização do esquema L nesse caso revela, é a ausência do grande Outro. O esquema se mostra sem *A*. A não assunção simbólica, a *Verwerfung* apontada por Freud, é aqui no *Seminário 3*, tomada por Lacan como uma exclusão do Outro. Por essa exclusão, a

²⁷ Na “Questão preliminar” Lacan nos diz que a alucinação precede a frase alusiva. Como não é minha intenção nessa dissertação aprofundar nos meandros que esse caso exige, negligenciarei esse detalhe.

mensagem surge através do semelhante, excluída que está do simbólico, pelo efeito dessa forclusão. É por isso que Lacan nos diz que é no afastamento entre o outro e o Outro, no ângulo aberto dessas duas relações que se situa toda a dialética do delírio. “Na fala delirante, o Outro está verdadeiramente excluído... o próprio sujeito não põe nisso nenhuma verdade, e que fica em face desse fenômeno, bruto no fim de contas, na atitude de perplexidade. É preciso muito tempo antes que ele tente restituir em torno disso uma ordem a que chamaremos ordem delirante”(LACAN,1985a:65). Mais a frente, Schreber nos ajudará a esclarecer esse ponto.

Capítulo III - O problema e suas soluções

Nos primeiros capítulos desta investigação vimos como que nesse primeiro momento do ensino de Lacan o simbólico se apresenta como uma mensagem contínua, e que por isto mostra sua acefalia, e como que a barreira imaginária seria, pela constituição do Eu, o que possibilitaria ao sujeito não somente se localizar nessa acefalia, nessa presença contínua e transcendental do simbólico como também escapar da tensão à aniquilação produzida pela pulsão de morte, permitindo assim a prevalência de uma hiância real, inassimilável. Em função dessa impossível totalização o sujeito manteria sua exterioridade, não se reduzindo nem a seu destino simbólico, nem a seu duplo especular.

Ao final do capítulo II buscamos aproximar Neurose e Psicose, utilizando os elementos trabalhados por Lacan no Sonho de Injeção de Irma e seu relato sobre a apresentação da paciente que lhe fala da injúria alucinada *porca!*. Permanecemos ao final com a questão referente à diferença entre as duas estruturas. Afinal, por que razões o que em Freud apareceria apenas a partir do atravessamento da barreira do Eu no sonho, na paciente entrevistada apareceria a céu aberto. Vimos que no *Seminário 3* Lacan refere-se a uma ausência do Outro nas psicoses. Tal afirmação apresentará um estatuto diverso adiante em suas elaborações, particularmente a partir do *Seminário 5* e na “Questão preliminar”. Embora não devemos desconsiderar a importância dessa afirmação da ausência do Outro se a tomarmos em relação ao que temos do chamado último ensino de Lacan, que se ordena em torno da inexistência deste, o que nos interessa neste momento é o estatuto que Lacan dá à neurose e à psicose.

Na neurose o Eu se constitui a partir de algo que entrecruza, e por que não dizer, enlaça o imaginário com o simbólico. Devemos acrescentar que sabidamente o Édipo é o operador deste entrecruzamento. A estrutura por ele constituída, entretanto, pode ser ultrapassada, como revela, por exemplo, o esforço de Freud em seu *Sonho da Injeção de Irma*. Esse ultrapassamento teria como força motriz a pulsão de morte. Somente com esse atravessamento²⁸ o simbólico mostraria sua dimensão irracional e acéfala, presente no sonho na fórmula da trimetilamina. Na psicose, pela inoperância do Édipo, tal entrecruzamento se mostra precário ou mesmo inexistente. Muitas vezes esse não entrecruzamento do imaginário com o simbólico, o que Lacan chama, no *Seminário 3*, de ausência do Outro, se apresentaria a céu aberto, cabendo à frase alusiva, ou alucinação invasiva, a revelação da estrutura acéfala e irracional do simbólico.

Neste capítulo tentamos demonstrar como Lacan articula seja esse efeito do Édipo, que permite essa estruturação da neurose, sejam os efeitos de sua ausência na psicose. Para tanto será preciso delimitar um pouco mais o problema a partir de Schreber, bem como fazer uso de elaborações presentes nos seminários posteriores de Lacan, particularmente os *Seminários IV, V e VII*, bem como da “Questão preliminar” e “Significação do falo”, textos presentes em seus *Escritos*.

1. O problema de Schreber

1.1 A dimensão simbólica do problema

A noção de inconsciente, tomado como uma frase contínua, obriga-nos a admitir que esta frase recobre toda a trama da experiência de vida humana, ou seja, ele está sempre lá. Contudo, diz Lacan, se há justamente alguma coisa da ordem do contínuo, não é a todo o

²⁸ Tal atravessamento estaria presente também na experiência da análise

momento. “Há leis de intervalo, de suspensão, de resolução propriamente simbólicas, há suspensões, escansões que marcam a estrutura de todo cálculo, que fazem com que não seja justamente de maneira contínua que se inscreva, digamos, essa frase interior” (LACAN,1985a:132). É importante para o homem sair-se bem com essa modulação contínua, de forma que isso não o ocupe em demasiado. É por isso que é necessário que sua consciência se desvie dessa modulação, por mais que esta persista. Seria essa a função do Eu, a de evitar ser tomado por essa frase que está sempre circulando, seja alucinatoriamente, seja pelo imperativo de pensar. A função do Eu, nesse momento do ensino de Lacan, seria então evitar que tenhamos que ficar perpetuamente ouvindo essa articulação que organiza nossas ações como ações faladas. Contudo, e nisso Lacan é bem claro, mesmo que nossa consciência se afaste da frase inconsciente, ela em toda a sua complexidade persiste, continua sempre a circular e está sempre pronta a aparecer das mais diversas formas, camufladas e surpreendentes.

“... nos casos de psicose, vemos se revelar, e da maneira mais articulada, essa frase, esse monólogo, esse discurso interior de que eu lhes falava. Somos os primeiros a poder discernir isso porque, numa certa medida, nós já estamos prontos para ouvi-lo. Portanto, não temos razão para nos recusar a reconhecer suas vozes no momento em que o sujeito nos dá testemunho disso como de alguma coisa que faz parte do próprio texto de seu vivido” (LACAN,1985a:133).

1.2 A decomposição imaginária e a frase simbólica

Ao longo de seu estudo sobre Schreber no *Seminário 3*, Lacan retomará o modelo das maquininhas, que já apresentamos anteriormente. Nesse modelo, ele ressalta a importância de um elemento simbólico mediador, de um terceiro, para evitar a catástrofe que seria o encontro das máquinas tomadas numa relação de fascínio.

“É apenas um apólogo para mostrar-lhes que a ambigüidade, a hiância da relação imaginária exigem alguma coisa que mantenha relação, função e distância. É o sentido mesmo do complexo de Édipo” (LACAN,1985a:114). Na medida em que Lacan estabelece que o sentido do Édipo é manter essa função e distância, podemos deduzir que a função mediadora do simbólico, no que diz respeito a essa função e distância, não se faz sem o pai. A relação imaginária, que não sendo exclusiva no humano tem neste uma tipicidade, “está destinada ao conflito e à ruína” (LACAN, 1985a:114). Ele nos esclarece que a dimensão de lei presente no simbólico, lei articulada ao pai, é o que permite ao humano se instaurar na diferença, permitindo, por exemplo, reconhecer-se como macho ou fêmea, mantendo uma ordem que impediria a colisão do conjunto reduzido a uma pura relação de semelhantes. Essa nova lei, a lei do Nome-do-pai é então fundamental para uma certa harmonia.

Lacan retoma esse ponto para explicar que é exatamente esse fracasso da lei simbólica que explicaria o fato de encontrarmos no relato de Schreber uma “verdadeira invasão imaginária de sua subjetividade, uma dominância da relação em espelho, e uma impressionante dissolução do outro enquanto identidade” (LACAN,1985a:115). Nessa dissolução da identidade duas classes de figuras apareceriam: Os homens feitos às pressas e os personagens que invadem o corpo de Schreber, as almas, o que resta daqueles que morreram. Lacan, contudo, ressalta que apesar dessa dissolução da identidade, a relação imaginária não se enrola sobre si mesma, não se dissolve num preto hiante, o que se poderia esperar das maquininhas, mas conserva uma certa estabilidade. Essa estabilidade pode ser mantida, em função daquilo que ele chama de uma rede de natureza simbólica. Essa rede se faria perceber pelo fato de que ao longo do delírio de Schreber haveria uma fundamental matização de suas alucinações.

Percebe-se que à medida que não há laço com o Outro, a proliferação imaginária se faz com seres produzidos por uma matização simbólica, mas sem relação com a vida. Essa proliferação imaginária em sua precária relação simbólica “vai desde o cochicho imperceptível até a voz das águas quando ele é confrontado à noite com Arimã. Ele retifica, de resto, mais adiante – não há ali só Arimã, devia haver Ormuzd também, os deuses do bem e do mal não podendo ser dissociados” (LACAN,1985a:117). Lacan ressalta que nessa relação a Arimã, há um momento de confrontação, em que a palavra *Luder* surge como injúria. Este seria o ponto culminante da fala. Ora, a injúria surge onde há uma decomposição da linguagem, e essa decomposição revela-se em Schreber por sua língua fundamental, aquilo que Lacan aponta como sendo esta exclusão do Outro. Ele lembra que há na língua fundamental algo que revela a função da frase em si mesma, remetendo-nos aos fenômenos das frases que surgem em sua a-subjetividade como frases interrompidas e que deixam o sentido em suspenso.

Vemos, então, primeiro uma decomposição do mundo de Schreber conseqüente a foraclusão, e que é caracterizada pela profusão de seres imaginários, a-subjetivos, a-subjetividade que se revela pelo fato de que esses seres se apresentam apenas a partir da autonomia da frase simbólica em sua dimensão rasgada²⁹. Para além dessa proliferação, a frase apresenta-se em sua dimensão de pura alteridade na alucinação *Luder*.

“Uma frase cortada no meio é auditiva. O resto esta implicado enquanto significação. A interrupção chama uma queda, que pode ser indeterminada sobre uma vasta

²⁹ Inspirados na fala de Lacan sobre a dimensão rasgada do desejo, utilizaremos em alguns momentos essa referência também para o simbólico, numa outra forma de expressar o seu caráter incomensurável e indeterminado.

gama, mas que não pode ser qualquer uma. Há aí uma valorização da cadeia simbólica em sua dimensão de continuidade” (LACAN,1985a:119).

Outro ponto de fundamental importância é o fato de que há na relação do sujeito tanto com a linguagem como com o mundo imaginário um temor de que toda essa fantasmagoria se reduza a uma unidade e de que essa unidade aniquile a existência de Deus. É por isso que os raios não podem parar de falar. O sujeito aqui ao mesmo tempo em que é criador, que sustenta o outro, é paradoxalmente dependente desse outro, pois não consegue ser tomado como *ele*, como terceiro, mas como *tu*. Sem o *ele* Schreber perde aquele que abonaria o seu ser, e a redução desse *ele* a um só parceiro, Deus, demonstra a dissolução de seu mundo. Schreber é condenado a pensar para manter em torno dessa proliferação imaginária, articulada a Deus, a perenidade de seu mundo.

Quando há o desencadeamento da psicose, acontece uma “verdadeira reação em cadeia ao nível do imaginário, na contradiagonal de nosso quadradinho mágico” (LACAN,1985a:104). É assim que Lacan se refere à decomposição imaginária, um efeito contradiagonal, um “desmoronamento” de seu eixo. Em consequência, não podendo restabelecer seu pacto com o Outro, não sendo possível uma mediação simbólica, essa mediação passa a ser feita por uma proliferação imaginária compensatória, nos quais se introduz de maneira a-simbólica o sinal central, imaginário, de uma mediação possível. A exigência significante se mantém nesse mundo imaginário, sendo a língua fundamental de Schreber um signo dessa persistência. A relação do sujeito com o mundo se reduz ao espelho sendo, portanto, reduzida a relação com Deus, em sua forma decomposta, e, desta maneira, o delírio de Schreber nos mostra a estrutura decomposta original da relação imaginária no homem.

Diferente das maquininhas, e como vimos no primeiro capítulo, o imaginário no humano não se faz sem o simbólico. É o que mostra a decomposição do mundo de Schreber, que se explicita na relação com o outro, e que tem em seu esforço de recomposição os efeitos da língua fundamental. Esta, por sua vez, revela que esse imaginário mantém relações com o simbólico, faltando-lhe, contudo, uma modulação. As frases interrompidas de Schreber mostram, assim como as falas interrompidas dos médicos amigos de Freud em seu sonho, a dimensão contínua da frase inconsciente, e assim como a trimetilamina, Lacan toma a injúria *Luder* como esse ponto culminante da frase. Esse ponto culminante se apresenta onde não há mais o *ele*. Portanto, assim como no sonho de Freud, ou no delírio de Schreber, a continuidade da frase inconsciente se escancara ali onde não há mais um ponto terceiro onde o sujeito possa se alojar.

1.3 A dialética do engano e o esforço de Schreber

Lacan nos assinala que a partir do caso Schreber é possível perceber em grau último, que a relação psicótica funciona numa dialética, que ele chama de fundamental, que é a dialética do engano. Esta se explicita pelo relato de Schreber de que Deus não teria uma relação completa, a não ser com cadáveres, que Deus não compreenderia nada dos seres vivos. Para Lacan não se trata de uma relação lógica, mas de uma relação corporal, vivida. É um Deus com o qual se mantém uma relação erótica que, como vimos, oscila entre a aproximação ameaçadora de uma incorporação, ou um afastamento insuportável pelo abandono que representa, e que não é apenas um semelhante, mas, como ser primeiro, uma garantia do real. Ele chama a essa relação de transversal em relação àquela que ele chama de autêntica. Ela é transversal por se encontrar numa transversal em relação ao simbólico, assim como o imaginário se mantém ao eixo da fala.

“... nesse delírio Deus é essencialmente o termo polar em relação à megalomania do sujeito, mas é na medida em que Deus aí está preso em seu próprio jogo. O delírio de Schreber vai nos desenvolver com efeito que Deus, por ter querido captar suas forças e fazer dele o resíduo, o lixo, a carcaça, objeto de todos os exercícios de destruição que ele, a seu modo intermediário, permitiu efetuar, está preso em seu próprio jogo. O grande perigo de Deus é, afinal de contas, o de amar demasiado Schreber, esta zona transversalmente transversal. Teremos de estruturar a relação do que garante o real no outro, isto é, a presença e a existência do mundo estável de Deus, com o sujeito Schreber enquanto realidade orgânica, corpo espedaçado” (LACAN,1985a:84)

Boa parte das alucinações, da fantasmagoria e das construções mágicas de Schreber é feita de elementos de uma equivalência corporal e que tem seu pivô nesta lei transversal, visto que nesse momento ele se encontra reduzido ao imaginário, devendo-se lembrar que essa redução ao imaginário é entremeada de elementos simbólicos. Eis então que o esforço de Schreber é se reestruturar na relação com Deus, reorganizar no mundo estável de Deus um novo Eu, a partir do corpo despedaçado que a falta da mediação simbólica produziu.

É interessante assinalar que no Sonho da Injeção de Irma, Lacan já nos apresentava esse corpo despedaçado pelo enfrentamento de Freud no sonho, da presença real do corpo que Lacan acentua na frase *tu és isto*, no momento em que ele se depara com a garganta de Irma, momento que é seguido pela fala de seus companheiros médicos, que por sua vez, falam por alusão. Somente após a profusão desses semelhantes é que a alteridade simbólica, mais além do imaginário e escrita na fórmula da trimetilamina, aparece. Podemos fazer uma série com o aparecimento do neologismo *galopiner* após o atravessamento imaginário na apresentação de paciente, relatada no capítulo II, a frase alusiva da paciente *Eu venho do salsicheiro* e a alucinação *porca*, e também a alucinação *Luder* de Schreber, em seguimento à decomposição imaginária e à presença de frases interrompidas.

Em Freud esses fenômenos foram possíveis pela sua insistência em continuar sonhando, não se despertando quando normalmente qualquer um despertaria, com isso

atravessando a barreira do Eu. Em Schreber, bem como nas outras duas pacientes psicóticas entrevistadas por Lacan, isso ocorre pela forclusão do Nome-do-pai, ou seja, pela impossibilidade do Édipo em zelar pela função e distância nessa relação entre o simbólico e o imaginário.

Vimos anteriormente que no *Seminário 2* Lacan nos dizia que a análise se efetuará na fronteira entre o imaginário e o simbólico. O que interessa conseqüentemente à análise é o que se apresenta na hiância desse entrecruzamento entre o simbólico e o imaginário, e ao longo do segundo capítulo pudemos mostrar uma série de situações em que essa hiância, tensionada pela pulsão de morte, é ultrapassada. Podemos sintetizar essas diversas situações tomando como referência o que Lacan articula sobre Schreber. O problema de Schreber é a impossibilidade de constituir um *ele*. É possível afirmar que esse *ele* é fruto da escansão imaginária da frase contínua simbólica, escansão que podemos chamar de Eu e que Lacan nos afirma ser efeito do Édipo. Quando Freud sonha e em seu sonho ultrapassa o Eu, ultrapassa o efeito do Édipo, surge o *Tu és isto*, em toda a sua dimensão rasgada. Na psicose, a própria forclusão do Nome-do-pai é responsável por esse efeito.

2. O Eu e o falo

Pudemos ver que é uma escansão essencial o que faz a diferença entre a psicose e a neurose. Avancemos um pouco mais, agora retomando a “Questão preliminar”. Nela encontramos a seguinte descrição do inconsciente:

“Ensinamos, seguindo Freud, que o Outro é o lugar da memória ... que ele considera como objeto de uma questão que permanece em aberto, na medida em que condiciona a indestrutibilidade de certos desejos. A essa questão responderemos com a concepção da cadeia significante, na medida em que, uma vez inaugurada pela simbolização primordial (que o jogo do *Fort! Da!*, evidenciado por Freud na origem do automatismo de repetição, torna manifesta), essa cadeia se desenvolve segundo ligações

lógicas cuja influência sobre o que há por significar, ou seja, o ser do ente, se exerce pelos efeitos dos significantes descritos por nós como metáfora e metonímia” (LACAN, 1998:581-582).

A evolução de qualquer saber implica em mudanças conceituais e mesmo axiomáticas. Um percurso ao longo do ensino de Lacan certamente nos defronta com essas mudanças. É o que se revela nessa citação da “Questão preliminar”. Paralelamente às alterações sofridas pelo estatuto que ele dá ao Outro, a própria noção de cadeia simbólica vai paulatinamente sendo transformada. Conceitos como os de metáfora e metonímia, sob a influência de Jakobson, passam a ocupar parte importante em seu pensamento. Acreditamos, contudo, ser possível manter o laço associativo desses novos elementos com os que estavam em jogo até então, principalmente a dimensão contínua do simbólico. O próprio Lacan permanecerá ainda por algum tempo, mesmo que mais esporadicamente, referindo-se a esse estatuto do simbólico, fora o fato de que o Esquema L permanecerá sendo utilizado de maneira explícita, mas, sobretudo implícita ainda por algum tempo.

2.1 A simbolização primordial

Como vimos na referida citação, Lacan nos fala de uma simbolização primordial do sujeito que o jogo do *Fort Da* revela e que foi apontado por Freud em *Além do princípio do prazer*”. Essa simbolização primordial constitui-se num momento inaugural do automatismo de repetição.

É bem conhecida a interpretação que Freud dá à brincadeira de seu neto, que consistia em arremessar e recolher o carretel preso a um fio (FREUD, 1976:26), sendo que

junto a esses movimentos expressava os fonemas *Fort e Da*³⁰. A dimensão simbólica da brincadeira, revelada pela estrutura de oposição dos dois fonemas, é ressaltada por Lacan. Essa inauguração simbólica, ele nos lembra, faz-se a partir da relação da criança com a alternância de presença e ausência de sua mãe. Assim, a partir dessa alternância da presença e ausência, a criança se introduziria na dimensão repetitiva do simbólico.

No primeiro capítulo mostramos como que no *Seminário 2* essa repetição era entendida a partir da percepção de que, na medida em que o simbólico fracassa na tentativa de apreender o ser, ali onde o sujeito se inaugura em sua relação com esse mesmo simbólico, ele repete; repete na tentativa de realizar esse impossível, de captar esse ponto de fuga. Conforme vemos na citação de Lacan, essa mesma repetição significativa é responsável pelo desenvolvimento da cadeia significativa, decorrente do esforço do simbólico de dizer do ser.

No *Seminário 4*, é possível encontrar um melhor desenvolvimento desse ponto relativo a esse momento inaugural. Ali encontramos a afirmação de que o significante funciona sobre o fundo de uma experiência de morte.

“A experiência em questão nada tem a ver com o que quer que seja de vivido. Se nosso comentário do *Além do princípio do prazer* há dois anos³¹, pôde mostrar alguma coisa, foi realmente que se trata apenas de uma reconstrução, motivada por certos paradoxos da experiência, precisamente pelo deste fenômeno inexplicável – que o sujeito é levado a se comportar de uma maneira essencialmente significativa, repetindo indefinidamente algo que lhe é, propriamente falando, mortal” (LACAN,1995:50).

Nesse seminário essa repetição passa a ser elaborada a partir da referência imaginária do objeto. “A relação central de objeto, aquela que é dinamicamente criadora, é a da falta” (1995:51). Aquele ponto de fuga, ponto inaugural da articulação do sujeito com

³⁰ Em alemão, respectivamente “lá” e “aqui”.

³¹ Aqui, portanto, ele se refere ao *Seminário 2*.

o simbólico, ponto inapreensível, é abordado nesse momento pelo viés da falta constituinte e criadora do objeto, o objeto perdido de Freud. Em termos freudianos, toda *Findung* do objeto é uma *Wiederfindung*, ou seja, o objeto não será jamais nada além que um objeto reencontrado. E mais, existirá sempre discordância entre o objeto reencontrado com relação ao objeto procurado (1995:52).

O que está em questão é o esforço de Lacan em estabelecer como se dá a entrada da criança no simbólico e como isso se faz de forma articulada ao desejo. Ou ainda, como que a partir de *Das Es* constitui-se um Eu. O que ele busca saber pode ser sintetizado pela seguinte pergunta: como que a frustração, aqui tomada a partir da relação da criança com a presença e ausência da mãe, como que ela introduz a ordem simbólica? O sujeito, diz Lacan, não está nem isolado nem independente, e também não é ele quem introduz a ordem simbólica.

“Existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo, que a criança simboliza ou realiza mais ou menos. Já a criança, que tem sua relação com a mãe, não sabe nada disso... O fato de que, para a mãe, a criança esteja longe de ser apenas a criança, já que ela é também o falo, constitui uma discordância imaginária, sobre a qual se formula a questão de saber de que maneira a criança tanto menino como menina, é induzida, ou introduzida, aí” (LACAN, 1995:56).

A frustração é o centro de onde se deve partir para articular essas primitivas relações da criança. Essas relações que são as responsáveis pelas primeiras fixações ordenam-se em torno da *imago* primordial do objeto real seio materno. Lacan acentua, contudo, que para entender melhor esse processo é necessário perceber que desde a origem a frustração está constituída por duas vertentes que estarão reunidas até o final. Uma delas é a existência do objeto real, que bem antes de ser percebido como objeto exerce efeitos sobre o sujeito, pois enquanto real mantém com este uma relação direta. Entretanto, os momentos de ausência desse objeto, os momentos em que falta, introduzem uma outra vertente que é a noção de

agente, que nesse caso é a mãe. O que a brincadeira do neto de Freud denuncia, nesse jogo de presença e ausência que ele realiza com o carretel, é a primeira constituição do agente da frustração. Portanto, a ausência do objeto seio, articulada em seqüência lógica a um agente responsável por essa ausência, introduz a criança na dialética da presença e da ausência.

“O objeto materno é chamado, propriamente, quando está ausente – e quando está presente, rejeitado, no mesmo registro que o apelo, a saber, por uma vocalização” (LACAN,1995:68).

Estará aí esse momento inaugural da ordem simbólica. Nele verificamos esse momento em que a criança situa-se entre um agente e sua presença e ausência, um mais e um menos que já são os primeiros elementos da ordem simbólica.

“Sem dúvida, este elemento não basta por si só para constituí-la, já que é necessário, em seguida, uma série, agrupada como tal, mas já há virtualmente na oposição mais e menos, presença e ausência, a origem, o nascimento, a possibilidade, a condição fundamental, de uma ordem simbólica” (LACAN,1995:68).

2.2 A série simbólica

Se a criança se encontra inserida de forma primordial na ordem simbólica, resta saber como essa ordem se complexifica, como que essa primeira relação a um objeto primordial se abre para outros elementos.

Isso se opera a partir do momento em que a mãe, agente dessa relação, cai de sua posição simbólica, de uma posição em que era tomada apenas enquanto ausente ou presente, e se torna real. Isso acontece a medida que a criança percebe a impossibilidade da mãe de responder a seus apelos. Quando a mãe aparece respondendo apenas a seus próprios

critérios e não em relação direta aos apelos da criança, ela torna-se real, e tornando-se real torna-se uma potência. Esse ponto é fundamental, pois, marca o início da estruturação de toda a realidade posterior, mesmo se tratando de uma realidade delirante, como vimos acontecer com o Deus de Schreber.

Ora, até então, a criança mantinha com os objetos uma relação direta, objetos que ela apreendia em sua dimensão real. Com a percepção de que esses objetos estão na dependência dos critérios desse agente que é a mãe, eles são reduzidos a não serem mais do que um dom dessa mãe. Assim, os objetos que eram reais passam a ser simbólicos, tomados na dialética da presença e ausência, enquanto a mãe, até então tomada nessa dialética, passa a ser real, tendo esses objetos como marca simbólica do valor real de sua potência. Pode-se perceber que estamos desde então numa relação que não tem nada de dual, pelo contrário, ela é um triângulo formado pela mãe, seus objetos e a criança, naquilo que Lacan chama de ternário imaginário. O objeto agora pode tanto satisfazer uma necessidade, como simbolizar uma potência favorável, passando, portanto, a apresentar duas ordens de propriedade satisfatória. Lacan ainda assinala a importância de se perceber que esse processo denota que para criança uma onipotência se constitui, mas que não é a dela própria, mas a onipotência da mãe.

Todo esse desenvolvimento sobre o que empreende a entrada da criança no simbólico ainda não é suficiente para nos permitir localizar qualquer elemento que aponte para a diferenciação neurose/psicose. Até esse momento o que está em jogo é apenas essa entrada. Permanece a questão: Por que a dimensão rasgada do simbólico aparece no sonho de Freud diferentemente da psicose onde aparece na vida desperta?

Desde Freud sabemos que uma criança pode ocupar para uma mulher o lugar de falo. É necessário, para tanto, que a mãe espere alguma coisa dessa criança, e que encontre

na criança algo dessa realização fálica. Da mesma maneira, esse encontro é também sempre marcado pelo fracasso, pois se a criança imaginariamente pode representar para a mãe esse falo, em sua presença real ela mostra a impossibilidade de colmar a esses anseios. A criança também percebe que falta algo a mãe, e na busca de se aliviar de seu desamparo, tenta se oferecer a ela como aquilo que lhe falta. Ela se orienta em direção ao desejo dessa mãe, oferecendo seu ser como sendo o que satisfaria esse desejo. Para isso é necessário que ela consiga incluir-se nessa relação como objeto do amor da mãe, sendo condição para tal inclusão a sua percepção de que produz prazer para esta.

“A questão é saber em que momento, e como, a criança pode ser introduzida diretamente à estrutura simbólico-imaginário-real, tal como se produz para a mãe (...) Em que momento a criança pode, em certa medida, sentir-se despossuída ela mesma de algo que exige da mãe, percebendo que não é ela quem é amada, mas uma certa imagem?” (LACAN,1995:72).

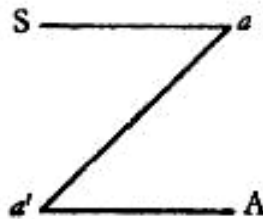
O que Lacan nos diz é que se a relação da criança para com esta mãe, que é tomada como potência e possuidora de dons simbólicos que são experimentados em sua alternância de presença e de ausência, não for experimentada para além do registro da frustração, a criança permanecerá sujeita aos caprichos da lei insensata dessa mãe. É preciso que essa relação não se dê apenas no nível do duplo especular, mas que a criança possa ir além da frustração, tomando a relação com os objetos no registro da castração simbólica.

2.3 A metáfora paterna e o falo

Referindo-se a Gisela Pankow, Lacan diz no *Seminário 5* que é fundamental encontrar no campo das palavras aquela que seja capaz de fundar a fala como ato no sujeito

(LACAN,1999:151). Prosseguindo, ele afirma que é somente na dimensão metafórica que essa invocação se realiza (1999:163), sendo essencial para isso que o sujeito tenha adquirido a dimensão do Nome-do-pai.

Como em outros momentos, para organizar seu pensamento, mais uma vez ele utiliza o Esquema L, que apresentamos no primeiro capítulo, desta feita articulando-o ao triângulo edípico:

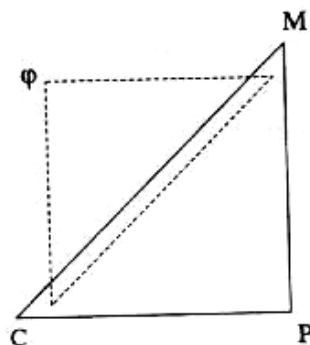


Lembra-nos de que o que acontece em S, *Das Es*, depende do que se coloca de significantes no A. Isso fica mais claro quando esclarece que dos quatro pontos cardeais do Esquema L, três são dados pelos três termos subjetivos do complexo de Édipo como significantes encontrados em cada vértice do triângulo. O quarto termo que não se encontra recoberto pelos significantes do Édipo é exatamente o S. É justamente por isso que ele é “inefavelmente estúpido, pois não tem seu significante. Está fora dos três vértices do triângulo edípico e depende do que venha a acontecer nesse jogo” (LACAN, 1999:164).



Assim, vemos aparecer no desenvolvimento do esquema L, o que no *Seminário 2* aparece como o ponto de fuga, ponto inapreensível onde o sujeito se insere na cadeia simbólica, e que se revela nas frases interrompidas, nas alusões ou na acefalia da fórmula da trimetilamina; ou que no *Seminário 4*, em sua vertente imaginária, aparece como o objeto irrecuperável.

Mas é desse ponto não constituído em que se encontra que o *S* terá que participar do jogo fazendo-o com suas imagens, com sua estrutura imaginária. Ele vai representar-se em algo imaginário que se opõe ao significante do Édipo e que também deve ser ternário.



A base do triângulo imaginário é formada pelo corpo despedaçado e sua imagem unificadora, ou, como prefere Lacan, pela relação do eu com sua imagem especular. Ela se confunde com a base do triângulo edipiano formada pela mãe e pela criança. O terceiro ponto do triângulo imaginário é o falo, que se apresenta, dessa maneira, entre a relação do corpo despedaçado e sua imagem unificadora, ou entre a mãe e a criança. É nesse ponto, diz Lacan, que se pode ver o efeito da metáfora paterna.

$$\frac{\text{Nome-do-pai}}{\text{Desejo da mãe}} \bullet \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-pai} \left(\frac{\text{A}}{\text{Falo}} \right)$$

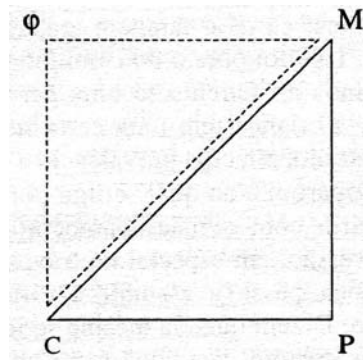
A metáfora paterna tem como efeito produzir o falo como significação do desejo da mãe. "É na relação com a mãe que a criança experimenta o falo como o centro do desejo dela" (LACAN,1995:230).

A criança enquanto se relaciona com a mãe na dialética da frustração, não deixa de ser apenas mais um de seus objetos. Contudo, a incidência do Nome-do-pai permite-lhe ir além dessa dialética, produzindo a significação das idas e vindas da mãe. Trata-se do falo que como significação somente se apresenta caso se realize a substituição do significante do desejo da mãe pelo significante do pai. Isso quer dizer que a mãe deve tomar o pai como uma lei que se encontra acima de seus caprichos, o que vai permitir à criança identificar-se especularmente com o objeto do desejo dessa mãe. A partir do momento que a criança interpreta o desejo da mãe, busca se fazer à imagem deste. Como consequência, o falo passa a ser o objeto imaginário com que a criança tem que se identificar para satisfazer esse desejo, estando aí a base de toda a relação narcísica.

2.4 Neurose e psicose

Na constituição, a partir do Esquema L, daquilo que Lacan nos apresentará como Esquema R, e que apresenta a topologia da constituição da realidade na neurose, podemos ver que em sua posição a significação fálica, como efeito da metáfora paterna, é o que sustenta a relação de disjunção no entrecruzamento do simbólico e do imaginário, mantendo desta forma a hiância tão cara ao sujeito. O falo tem, por conseguinte, tanto uma vertente simbólica como uma vertente imaginária.

“Há nesse desenho uma relação de simetria entre *falo*, que está aqui no vértice superior do ternário imaginário, e *pai*, no vértice inferior do ternário simbólico. Veremos que não há aí uma simples simetria, mas uma ligação. Como é que já se faz possível eu adiantar que essa ligação é de ordem metafórica?” (LACAN, 1999:189- grifos do autor).



Com esses elementos podemos esclarecer a questão com a qual vínhamos nos deparando e que diz respeito à diferenciação neurose e psicose. O Nome-do-pai, à medida que produz a significação fálica como significação do desejo da mãe, introduz para a criança a dimensão simbólica, permitindo-lhe que por identificação à dimensão imaginária

desse falo constitua um Eu (que como vimos é *ele*), que como terceiro funcionará como elemento estabilizador de suas relações com seus objetos, mantendo na dimensão unificada de seu corpo a barreira, a escansão necessária para impedir a redução do sujeito a sua dimensão simbólica. Foi este o desenvolvimento de idéias que Lacan apresentou em seu Estádio do Espelho. Esse seria o encontro do sujeito com o que é propriamente uma realidade e ao mesmo tempo não é, ou seja, uma imagem virtual. O espelho

“... vem em socorro de uma atividade à qual, desde logo, o sujeito só se entrega por ter de satisfazer o desejo do Outro, e, portanto, almejando iludir esse desejo. Esse é todo o valor da atividade jubilatória da criança diante de seu espelho. A imagem do corpo é conquistada como algo que, ao mesmo tempo, existe e não existe, e em relação ao qual ela situa seus próprios movimentos, bem como a imagem daqueles que a acompanham diante desse espelho (...) Qualquer possibilidade de que a realidade humana se construa passa literalmente por aí” (LACAN, 1999:233-234).

Na psicose, na impossibilidade de interpretar o desejo da mãe que se mantém caprichoso, regulado apenas pela própria lei materna, o sujeito encontra-se impossibilitado de constituir um Eu, de estabilizar suas relações imaginárias com os objetos mantendo-se na dialética da frustração, o que resulta na decomposição de seu mundo, e na invasão de sua subjetividade pela frase simbólica.

Se a partir do Esquema L, Lacan nos diz que neurose ou psicose dependem do que vai acontecer em *A*, podemos, a partir desse último desenvolvimento, começar a esclarecer as elaborações presentes na “Questão preliminar”. A começar de sua identificação ao falo, é possível ao sujeito, na neurose, encontrar em *A*, respostas às questões sobre a sua existência. A pergunta “Que sou eu nisso?” que concerne à posição sexual, onde ser homem ou mulher apresenta sua face de contingência, ou questões sobre a vida e a morte ou sobre a procriação, encontram nesse enlaçamento de *S*, *Das Es*, aos significantes do Édipo, uma via de articulação. Via essa aberta à dimensão da fantasia, na qual a profusão imaginária

não se faz sem a função diretiva do significante. Na psicose outro recurso deverá ser utilizado pelo sujeito.

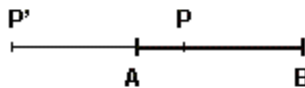
3. O falo como razão

Antes de desenvolver um pouco mais a solução psicótica a partir da “Questão preliminar”, um ponto ainda fundamental permanece enigmático. Como pode o falo funcionar como esse articulador do simbólico e do imaginário, como esse operador que permite o entrecruzamento da dimensão contínua do inconsciente com a imaginária unidade do Eu?

Para tentar responder a esta questão, uma afirmação de Lacan em *A Significação do falo* servir-me-á de eixo. "O falo como significante dá a razão do desejo (na acepção em que esse termo é empregado como 'média e razão extrema' da divisão harmônica)" (LACAN,1998:700).

Diz-se que um segmento AB está dividido harmonicamente por dois pontos P e P' quando a razão das distâncias do ponto P aos pontos A e B é igual à razão das distâncias de P' aos mesmos dois pontos.

$$\frac{PA}{PB} = \frac{P'A}{P'B}$$



Os pontos P e P' são chamados de conjugados harmônicos. O que seria então uma divisão harmônica em média e extrema razão?

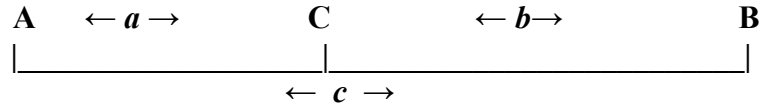
3.1 O segmento áureo

No livro de Paul-Henri Michel *De Pythagore a Euclide* encontramos um belo trabalho que pode nos ajudar a apreender o que é uma divisão em média e extrema razão. Ele utiliza-se das referências presentes no *Elementos* de Euclides, pois, segundo Michel, este é o único texto importante sobre matemática em que podemos encontrar, numa perspectiva histórica, todos os elementos relativos a essa divisão. Ele nos explica que se colocarmos sobre uma reta AB, um ponto C, esse ponto divide essa reta em dois segmentos AC e CB. Se o ponto C se acha a igual distância de A e de B, os segmentos AC e CB são iguais, a divisão é chamada simétrica e essa reta pode ser nomeada como racional, podendo ser representada por um número. Se esse número for, por exemplo n , temos $AB = n$, $AC = CB = \frac{1}{2} n$.



Se por outro lado, o ponto C é desigualmente distante de A e de B, a divisão é chamada assimétrica.

Uma reta qualquer se presta a uma infinidade de divisões assimétricas, mas algumas entre elas podem ser consideradas como privilegiadas e merecem reter nossa atenção. Seja uma reta AB cortada em C de tal maneira que $AC \neq CB$, três grandezas diferentes aparecem: a reta inteira AB, e cada um de seus segmentos AC e CB. Pode-se por convenção denominar essas três grandezas por a , b , c , sendo que a representaria o segmento AC, b o segmento CB e c a reta inteira AB.



Entre essas três grandezas, seis relações podem ser estabelecidas: $\frac{a}{b} = \frac{a}{c} \frac{b}{a} = \frac{b}{c} \frac{c}{a} = \frac{c}{b}$ e

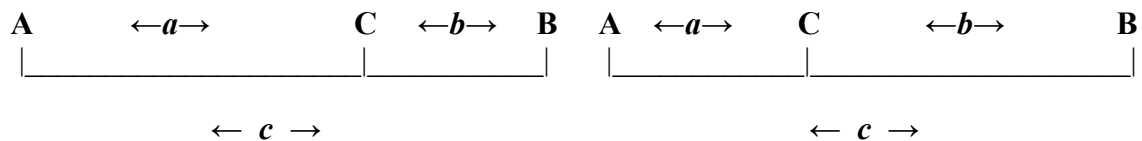
uma série de proporções podem ser estabelecidas entre essas relações nas mais diversas combinações (MICHEL,1950:524). Não me ocuparei do desenvolvimento das diversas combinações que Paul-Henri Michel nos mostra em seu livro, nem como essas combinações podem ser feitas. O que nos interessa é que ao final de diversas operações, elas podem ser sucessivamente reduzidas a não mais que duas:

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{a} \text{ e } \frac{a}{b} = \frac{b}{c}$$

Sendo que essas duas podem ser assim expressas:

$$a^2 = bc \text{ e } b^2 = ac$$

Essas duas proporções expressam o que geometricamente se expressa pelas duas divisões assimétricas da reta:



Nos dois casos o produto da reta inteira c multiplicada por um de seus segmentos (a ou b) é igual ao quadrado do outro segmento, ou, nos lembra Paul-Henri Michel, como diziam os matemáticos gregos, em linguagem puramente geométrica, o retângulo formado pela reta inteira e um de seus segmentos é igual ao quadrado construído sobre o outro segmento.

Como a reta c é composta pelos dois segmentos a e b , nas equações, o termo c pode ser substituído pela operação $a+b$. Assim, a proporção $\frac{a}{b} = \frac{c}{a}$, torna-se $\frac{a}{b} = \frac{a+b}{a}$ e a proporção $\frac{a}{b} = \frac{b}{c}$ torna-se $\frac{a}{b} = \frac{b}{a+b}$. No primeiro caso, $\frac{a+b}{a}$ é evidentemente maior que **1**, o que significa que $\frac{a}{b}$ também o é, e conseqüentemente a é maior que b ($a > b$). No segundo caso $\frac{b}{a+b}$ é também, evidentemente, menor do que **1**. Pela mesma linha dedutiva, podemos concluir que $\frac{a}{b}$ também é menor que **1**, e que portanto a é menor que b ($a < b$).

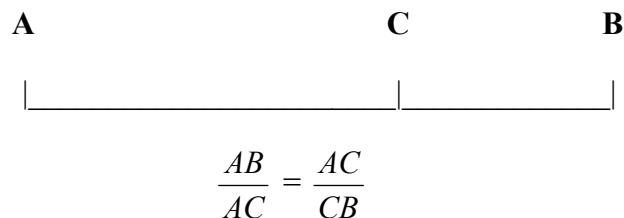
Nos dois casos as relações entre a reta AB e seus segmentos são idênticas, o segmento a da primeira reta sendo igual ao segmento b da segunda reta.

Como conclusão de todo esse raciocínio, P-H Michel mostra-nos que todas as divisões que são possíveis de serem efetuadas em uma reta se for levado em consideração a igualdade estabelecida pela proporção, ou seja, que alguma proporção entre os segmentos seja mantida, podem ser reduzidas a apenas duas: uma que é a divisão simétrica, segundo a qual $a=b=\frac{c}{2}$, ou seja, aquela em que a reta é dividida em dois segmentos iguais; a outra é uma divisão assimétrica privilegiada, aquela divisão em que o segmento maior se relaciona com o menor, assim como a soma dos segmentos (a reta inteira) se relaciona com o maior. A isso se chama igualdade de relação ou identidade de “razão”. É essa divisão assimétrica que os antigos chamavam de seção em extrema e média razão. Essa é a terminologia da terceira definição do Livro VI dos “Elementos” de Euclides. Portanto, uma reta é dita cortada em extrema e média razão, quando a reta inteira está para o maior segmento, assim

como o maior segmento esta para o menor. Essa reta constituída por essa proporção em seus segmentos se chama “Segmento Áureo”, e chama-se φ (*Phi*) a letra que designa o valor dessa razão e que pode também ser conhecida como “Número de Ouro”.

3.2 A incomensurabilidade da “razão”

Não é particularmente difícil chegarmos ao valor dessa razão do segmento áureo. (HUNTLEY, 1970:26)



Se tomarmos o segmento AC como nosso x , e o segmento CB como 1 teremos a seguinte equação: $\varphi = x + \frac{1}{x} = \frac{x}{1}$ o que nos leva a $\varphi = x^2 + x + 1 = 0$. O resultado dessa

equação é $\varphi = x = \frac{\sqrt{5}+1}{2} = 1,61803\dots$ Temos como resultado um número irracional,

portanto indeterminado e incomensurável. Essa, contudo, é a vertente positiva do valor da razão, pois existe uma negativa. Para tanto basta que em vez de AC tomemos o segmento CB como nosso x , e AC tenha por sua vez o valor de 1. A equação se apresentará assim:

$\varphi = x + \frac{1}{1} = \frac{1}{x}$ e conseqüentemente $\varphi = x^2 + x - 1 = 0$, $\varphi = x = \frac{\sqrt{5}-1}{2} = 0,61803\dots$ Essa

vertente do valor da razão é notada como $-\varphi$, e também é um número irracional.

Não se trata de um mero artifício da notação, a razão $-\varphi$ é realmente a recíproca negativa de φ . Se multiplicarmos uma pela outra teremos -1 como resultado. Isso pode ser

assim demonstrado: $\frac{1}{\varphi} = \frac{2}{\sqrt{5}+1} = \frac{\sqrt{5}-1}{2} = -\varphi$. De modo sintético temos $\frac{1}{\varphi} = -\varphi$.

Acrescentemos que o phi é único número que se diminuirmos dele uma unidade, ele se torna o seu próprio recíproco: $\varphi - 1 = \frac{1}{\varphi}$ ³²

Paul-Henri Michel acredita que os pitagóricos já tinham conhecimento da divisão em média e extrema razão, por mais que a obra de Euclides possa transparecer que não. Nos primeiros livros de sua geometria, parte de sua obra que se dedica aos pitagóricos, ele não se refere à proporção. P-H Michel justifica essa ausência pelo fato de que os pitagóricos considerariam o problema da média e extrema razão essencialmente aritmético. (MICHEL,1950:563). Como a solução do problema da média e extrema razão leva ao irracional, podemos perceber que os pitagóricos se viram diante do mesmo problema que encontraram com o triângulo retângulo do teorema de Pitágoras. Entretanto, o problema do triângulo poderia encontrar uma solução racional, desde que se ocupassem de triângulos que não pusessem em jogo os números irracionais, os chamados triângulos retângulos de “lados inteiros”. Ora, para o segmento áureo não existe solução racional; Michel então assinala que se Euclides fosse se ocupar desse impasse em seu *Elementos*, teria que mudar de método dentro do mesmo problema, passando do método geométrico para o aritmético. Para evitar esse inconveniente, ele teria escolhido, na parte de seu “Elementos” em que se

³² O número phi possui ainda uma enorme série de propriedades, mas como as intenções desta pesquisa não são matemáticas, deixarei de abordá-las, limitando-me apenas àquelas que neste trabalho me serão necessárias.

ocupa dos pitagóricos, ocupar-se apenas de problemas puramente geométricos, independentes de proporções e números.

A observação de Paul-Henri Michel de que o problema suscitado pelo segmento áureo aos pitagóricos é da mesma ordem de problema suscitado pelo triângulo retângulo, referenda a idéia com a qual nos ocupamos no início desta investigação, onde trabalhamos a ruptura produzida na matemática pelo número irracional, e que se caracterizava pela ruptura entre a aritmética e a geometria. Foi esse exatamente o elemento que ocupou a Lacan em seus comentários sobre o *Mênon* de Platão. Dessa forma, podemos deduzir que essa discussão entre a *Doxa* e a *Epistémé*, entre o imaginário e o simbólico, presente no *Seminário 2*, permanece em suas elaborações dos anos 50, aparecendo agora diante de questões relativas à relação possível entre a dimensão rasgada, despedaçada do simbólico e a pretensa unidade imaginária.

3.3 A “Divina Proporção”

A LA DIVINA PROPORCIÓN

A tí, maravillosa disciplina,
 media, extrema razón de la hermosa
 que claramente acata la clausura
 viva en la malla de tu ley divina.
 A tí, cárcel feliz de la retina,
 áurea sección, celeste cuadratura,
 misteriosa fontana de mesura
 que el universo armónico origina.
 A tí, mar de los sueños angulares,
 flor de las cinco flores regulares,
 dodecaedro azul, arco sonoro.
 Luces por alas un compás ardiente.
 Tu canto es una esfera transparente.
 A tí, divina proporción de oro.



Rafael Alberti

Em 1509, ilustrado por Leonardo da Vinci, foi publicado, em Veneza, o livro de Luca Pacioli, “*De Divina Proportione*”, livro que anos antes, em 1498, ele havia oferecido ao Duque Ludovico Sforza de Milão. Da Vinci, fascinado que era pela beleza da forma, teria ficado encantado ao travar conhecimento com o segmento áureo, através de seu encontro com Pacioli. Em seu tratado, Pacioli discorre sobre as relações do segmento áureo com os poliedros regulares, com o corpo humano e com a arquitetura, revelando sua admiração e localizando cinco atributos divinos nessa proporção:

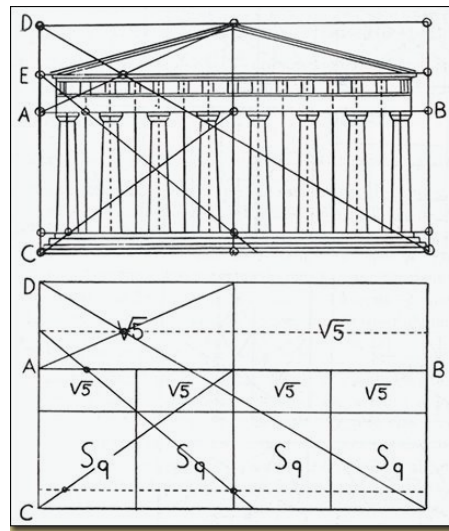
“... concordante com os atributos que pertencem a Deus... O primeiro é a unicidade... O segundo atributo concordante é aquele da Santa Trindade; ou seja, do mesmo modo que em Deus uma só substância reside em três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, da mesma

maneira convém que uma mesma relação ou proporção se encontre sempre entre três termos”. Terceiro atributo: “Assim como Deus que não pode definir em termos próprios as palavras não nos podem fazer entender, assim nossa proporção não se pode jamais determinar por um número que possamos conhecer nem exprimir por qualquer quantidade racional, mas é sempre misteriosa e secreta, e qualificada pelos matemáticos de irracional”. Quarto atributo: “Assim como Deus que não pode jamais mudar e é todo em tudo e todo inteiro em cada parte, da mesma forma nossa presente proporção é sempre a mesma e sempre invariável...” Quinto atributo: “Assim como Deus confere o ser à Virtude Celeste chamada Quintessência, e por ela aos quatro outros corpos simples, ou seja, aos quatro elementos Terra, Água, Ar e Fogo... da mesma maneira nossa santa proporção dá ser formal ao céu, assim como Platão que em seu Timeu atribui ao céu a figura do corpo chamado dodecaédro... aquele que não se pode formar sem nossa proporção...”. (GARDES,2001)

Ao longo da história da humanidade, não são poucas as referências ao estatuto místico e belo dado ao segmento áureo. Da Vinci pode ser tomado como destaque, mas no Renascimento, muitos escultores, pintores e arquitetos interessaram-se pelo segredo da beleza estética, fazendo uso da matemática, e buscaram na proporção áurea a razão dessa beleza. Ao que parece, contudo, desde o antigo Egito ela já era utilizada, sendo encontrada na Estrela do Rei Get (BAGNI; D'AMORE,2006:80). Na antiga Grécia, um escultor em particular notabilizou-se pelo uso do retângulo áureo. Esse retângulo é considerado como uma das mais harmônicas expressões geométricas da beleza. Trata-se de um retângulo construído de forma a que seus lados preservem entre si a proporção áurea³³. Esse escultor chamava-se Phídias, e entre muitas obras, uma das que mais se destaca é o Parthenon de

³³ Em nossa contemporaneidade, ironicamente, os cartões bancários apresentam a forma de um retângulo áureo.

Atenas, que preserva em sua fachada as formas geométricas do retângulo áureo. E foi em homenagem a esse artista grego que, no início do século XX, o Número de Ouro recebeu a notação φ , que em grego é a primeira letra de seu nome.



Ainda hoje, diversas são as publicações, produções artísticas, websites e manifestações místicas que creditam à Divina Proporção, ao Número de Ouro, uma possibilidade formal de se alcançar a beleza.

4. A solução de Lacan

4.1 O φ e o ϕ

“Acontece que, precisamente por não ser o pequeno Hans um simples amante da natureza, ele é um metafísico. Ele porta a questão ali onde ela reside, isto é, no ponto onde há algo que falta. E ali ele pergunta onde está a razão, no sentido em que se diz *razão matemática*, dessa falta-a-ser” (LACAN, 1995:338).

Como pudemos ver, a média e extrema razão do segmento áureo, o Número de Ouro cria uma proporção entre dois pontos de uma reta qualquer, virtual infinita, pela introdução de um terceiro ponto que mantém entre os segmentos criados entre essas interseções uma proporção que abre a possibilidade inclusive de que outros pontos possam em série e infinitamente ser adicionados a essa reta, conservando a mesma proporção, desde que seja respeitada a razão entre eles. Deve-se assinalar que o número dessa razão, o ϕ , não se insere nessa reta, ele, como razão que é, permanece em exterioridade, fora da série, mas mantendo a estabilidade desta, estabilidade alcançada a partir dos primeiros três termos dessa relação, que somente se inaugura com o advento mesmo dessa razão. Anteriormente a ela, não poderíamos falar de qualquer relação ou proporção, apenas de uma reta virtual infinita qualquer.

Essa razão, que devemos ressaltar é um número irracional, portanto incalculável, que não encontra sua solução pela aritmética, se esclarece pelas proporções geométricas. As relações entre os segmentos que se mantêm em média e extrema razão permitem inclusive criar figuras geométricas consideradas por muitos, ao longo da história da humanidade, e mesmo em nossos dias, como as formas mais belas. Biólogos, botânicos e matemáticos já localizaram a Divina Proporção na natureza de plantas, moluscos e, assim como Da Vinci, nas proporções do corpo humano. Esse Número de Ouro é, portanto, uma razão notável seja na aritmética, seja na geometria, seja na *doxa* ou na *epistemé*. Ele permite um certo encobrimento do real, em sua articulação imaginária e simbólica.

Não creio que deveríamos creditar ao acaso, a uma mera coincidência, o fato de Lacan se utilizar da letra grega ϕ para nos apresentar a significação fálica. Ele nos anunciou que o falo é a razão do desejo se tomada em referência à média e extrema razão do

segmento áureo. As propriedades do Número de Ouro ressaltadas logo acima enquadram-se muito bem, numa perspectiva metafórica, às propriedades do falo. Mas para tanto é necessário retomarmos a definição de divisão harmônica, pois ela acrescenta um pequeno detalhe que pode passar despercebido, mas que considerando o rigor de Lacan não se apresenta por acaso.

Lembremos que na divisão harmônica, além dos três pontos com os quais nos ocupamos, os dois primeiros e o terceiro que vem estabelecer a proporção áurea, existe um quarto ponto, exterior aos dois primeiros, mas que mantém com o terceiro uma relação que se sustenta pela condição de que esse quarto termo mantenha com os dois primeiros à mesma relação que os dois primeiros mantêm com o terceiro. Em função dessa relação o terceiro e quarto termos são chamados na divisão harmônica de conjugados harmônicos. O Nome-do-pai, como terceiro termo na relação da criança com a mãe, mantém com o quarto termo, produzido por sua incidência mesma, uma relação que conforme já tivemos a oportunidade de mostrar, é referida por Lacan como sendo mais que “uma simples simetria, mas uma ligação. Como é que já se faz possível eu adiantar que essa ligação é de ordem metafórica?” (LACAN, 1999:189). Não poderíamos chamar o Nome-do-pai e o φ de conjugados harmônicos?

Esta interrogação torna-se ainda mais interessante a partir do seguinte exercício:



Para que tenhamos aqui uma divisão harmônica é necessário que C e D sejam conjugados harmônicos, ou seja, estejam no segmento numa simetria que preencha as seguintes condições:

$$\frac{AD}{AB} = \frac{AB}{BD} \quad \text{e também} \quad \frac{AB}{AC} = \frac{AC}{CB}$$

Tal simetria deverá chegar à conclusão de que $AC = BD$. Testemos então esta hipótese:

Se o segmento AB for considerado como sendo 1, teremos $AC = \frac{1}{\varphi}$, $BC = \frac{1}{\varphi^2}$ e $AD = \varphi$. É

interessante notar como todos os segmentos se expressam pela proporção áurea. Seguindo a equação:

$$\frac{AD}{1} = \frac{1}{BD} \quad \text{assim como} \quad \frac{1}{AC} = \frac{AC}{CB}$$

$$AD \cdot BD = 1 \quad \text{assim como} \quad AC^2 = CB$$

$$\varphi \cdot BD = 1 \quad \text{assim como} \quad AC^2 = \frac{1}{\varphi^2}$$

$$BD = \frac{1}{\varphi} \quad AC = \frac{1}{\varphi} \quad \text{logo} \quad BD = AC$$

Para fazer nosso exercício ficar um pouco mais interessante, vamos chamar AD de NP, lembrando que esse segmento se apresenta porque o ponto D se acrescenta à reta que apenas continha os pontos A e B. Esse segmento inaugural composto pelos dois primeiros

pontos AB chamemos de DM. E chamemos de x o segmento BD, cuja medida queremos descobrir. As mesmas equações teriam a seguinte apresentação:

$$\frac{AD}{AB} = \frac{AB}{BD} \quad \text{assim como} \quad \frac{AB}{AC} = \frac{AC}{CB}$$

$$\frac{NP}{DM} = \frac{DM}{x} \quad \text{assim como} \quad \frac{DM}{AC} = \frac{AC}{CB}$$

$$\frac{NP}{1} = \frac{1}{x} \quad \text{assim como} \quad \frac{1}{AC} = \frac{AC}{CB}$$

$NP \cdot x = 1$ assim como $AC^2 = CB$ Sabemos que $AC = \frac{1}{\varphi}$ e que $BD = AC$,

$$\text{Logo } NP \cdot \frac{1}{\varphi} = 1$$

Podemos escrever um trajeto para essa equação da seguinte maneira:

$$\frac{NP}{DM} \cdot \frac{DM}{x} \rightarrow NP \cdot \frac{1}{\varphi}$$

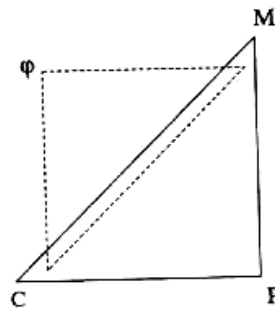
O resultado dessa equação é 1.

O ponto D agindo sobre o segmento AB, pela divisão harmônica e de forma simétrica ao ponto C que também se instaura de forma conjugada, instaura uma proporção

que até então não existia. Essa proporção é a razão ϕ , e os quatro pontos passam a existir ordenados em torno dessa constante.³⁴



Ou então:



Ou:

$$\frac{\text{Nome-do-pai}}{\text{Desejo da mãe}} \bullet \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-pai} \left(\frac{\text{A}}{\text{Falo}} \right)$$

A fórmula da metáfora paterna ao que parece, também não por acaso, assemelha-se à equação da divisão harmônica. O fato é que assim como o Número de Ouro, o falo estabiliza a relação dos três termos do complexo de Édipo; ele se instala ali onde não havia

³⁴ Tal resultado revela uma progressão que é chamada de Série de Fibonacci (MICHEL, 1950:606) que mantém importantes relações com o Número de Ouro, mas que por razões práticas para a escrita deste trabalho, optei por não desenvolver.

qualquer proporção, onde não havia qualquer relação, inaugurando-os³⁵. O falo é, nesse momento do ensino de Lacan, um significante que embora fora da cadeia ele a estrutura. A significação fálica do desejo da mãe permite à criança buscar na imagem desse desejo, imagem que ela antecipa em seu reflexo no espelho, a mais bela das formas, onde ela constitui narcisicamente a unidade de seu corpo, que é motivo de júbilo. Portanto ele articula a dimensão contínua do simbólico, sua dimensão rasgada, à unidade ilusória do imaginário.

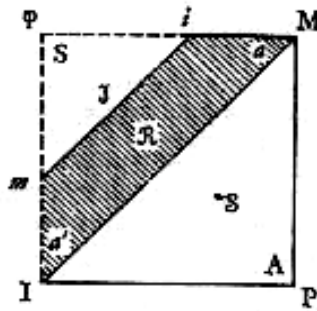
4.2 A solução neurótica

Sabemos com Lacan que a relação sexual não existe. Esta, contudo, não é a crença neurótica. O neurótico acredita na dimensão imaginária do falo. Se como vimos no *Seminário 2*, no humano é a má forma que reina, o neurótico aposta na bela forma, eterna como em Platão. Por mais que a hiância real, a castração esteja sempre a surpreendê-lo, ela está para ele recalcada. Assim, na articulação do simbólico ao imaginário, ele se lança a essa identificação com a imagem, “Ali onde a instância do Eu, numa linha de ficção, somente se unirá assintoticamente ao devir do sujeito” (LACAN.1998:98). É importante observar que já em seu Estádio do Espelho, Lacan tinha a clareza de que essa identificação à imagem se faria de maneira assintótica. Afinal, a imagem do falo é uma aposta neurótica na negação da castração, aposta esta que constrói o seu mundo. Contudo, a dimensão irracional do simbólico persiste, e o falo, como aquele operador que dialetiza a unidade

³⁵ Essa pelo menos é a crença neurótica, de que há uma relação possível. Ocupar-me-ei desse ponto um pouco mais à frente.

ilusória da imagem com o incomensurável da linguagem, somente se apreende assintoticamente.

Ao que parece, mesmo os leitores de Lacan não perceberam que o Esquema R não é um quadrado, o que o obrigou a acrescentar uma nota em 1966, explicando que se tratava de uma topologia a partir do plano projetivo (LACAN,1998:560). Não há beleza da forma!



O neurótico, contudo, constitui sua realidade a partir dessa dupla via que o falo, como razão do desejo da mãe, abre e que se revela no Esquema R. Em sua dimensão imaginária, ele aponta o caminho para que o sujeito se lance em sua primeira *Urbild*, permitindo assim a constituição do campo imaginário de sua realidade. Contudo é em sentido diverso ao do imaginário, em direção à dimensão simbólica do significante que esse campo se amplia. Tal movimento de ir e vir se faz possível pela capacidade dialética do falo de articular o uno e o múltiplo.

“Esse esquema comporta um duplo movimento de báscula. Por um lado, a realidade é conquistada pelo sujeito humano na medida em que chega a um de seus limites sob a forma virtual da imagem do corpo. De maneira correspondente, é pelo fato de o sujeito introduzir em seu campo de experiência os elementos irrealis do significante que ele consegue ampliar

o campo dessa experiência até a medida em que ele é ampliado para o sujeito humano”(LACAN,1999:236).

4.3 A solução elegante de Schreber

Tomando como referência o valor de razão matemática de φ , as conseqüências da forclusão do Nome-do-pai apresentadas por Lacan na “Questão preliminar” e que são sintetizadas pelo Esquema I se esclarecem. Como vimos anteriormente, transportado para o esquema da neurose, na divisão harmônica o significante do pai entra como conjugado harmônico ao significante φ . Com a forclusão do Nome-do-pai, o termo paterno não se acrescenta ao simbólico e por conseqüência o φ também não. O Esquema I revela o efeito da forclusão pelo desmoronamento do que dava sustentação ao Esquema L, o esquema do discurso, através da escrita $P\emptyset \Phi\emptyset$. Com a não incidência da metáfora, e conseqüente desmoronamento da estrutura do discurso, vemos aparecer diversos fenômenos que podem ser divididos em três modalidades, que nos arriscaremos a organizar em torno de três tempos. Um primeiro tempo constitui-se dos fenômenos resultantes da dissolução imaginária com o aparecimento da dimensão irracional do simbólico. Esses fenômenos apresentam-se na experiência delirante de Schreber pela destruição da Ordem do Mundo, pelo “Assassinato d’almas”. “Trata aí de uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito revelada”, por exemplo, pela presença dos homens feitos às pressas (LACAN,1998:565). Esse período caracteriza-se pelos fenômenos alucinatórios tais como as frases interrompidas, a invasão dos raios divinos e particularmente a *Gründsprache*, a língua fundamental. Estes seriam os chamados fenômenos esquizofrênicos. Nesse momento Deus revela a gravidade de seu desconhecimento dos homens, um Deus em que “toda interioridade lhe está vedada”(1998:569). Entretanto, é em

torno de sua relação com esse Deus de exterioridade, um Deus imaginário portanto, que Schreber reconstruirá seu mundo.

O segundo tempo caracteriza-se por esta reconstrução do mundo pela megalomania, essa via de compensação pelo imaginário, aquilo que no *Seminário 3* Lacan denomina como lei transversal, e que Schreber estabelece em torno da figura desse Deus, que embora se apresente desdobrado “não deixa de ter o suporte intuitivo de um hiperespaço”(1998:568). Desde o início de sua crise, Schreber preocupava-se com o risco de, após ser abusado, ser deixado largado (*liegenlassen*) por seus algozes. Devido a isso, e na dependência de Deus para manter o seu mundo, ele é tomado pela compulsão a pensar. É com seu pensamento, que Schreber regula a aproximação ou distanciamento de Deus, evitando o “Pensar em nada”, o que decretaria seu desamparo absoluto que o “Milagre do urro” revela. Lacan utiliza-se desse esforço de Schreber para mostrar na psicose, a tipicidade que no humano o imaginário apresenta:

“Com isso acabaremos, enfim, por nos espantar com o fato de que o sujeito atormentado por esses mistérios não hesite, por mais Criado que seja, em antepor com suas palavras as ciladas de uma consternadora estupidez de seu Senhor, nem em se manter em oposição e contra a destruição que ele O acredita capaz de empregar em relação a ele... Não haveria aí, um estranho contraponto em relação à criação contínua de Malebranche, nesse criado recalcitrante, que se sustenta contra sua queda unicamente por meio da sustentação de seu verbo e por sua confiança na fala?”(LACAN,1998:569).

O homem não é um planeta, Lacan sempre ressaltou a dimensão criadora da palavra, e Schreber sustentando-se em sua fala, mesmo sob a tensão da hipertrofia imaginária, mantém, ainda que nesse momento de maneira bastante precária, uma hiância, um pouco de

realidade, contrapondo-se assim a idéia da criação contínua por Deus, sustentada por Malebranche³⁶.

Esta reconstrução imaginária abriu para Schreber, pela via delirante, o campo da frustração, ordenado em torno da presença-ausência de Deus, localizado por Lacan no *liegenlassen*. O terceiro tempo articulado ao tempo da reconstrução é o tempo da identificação ideal.

“Fora omitido no imaginário do sujeito... aquele traço paralelo ao traçado de sua figura que podemos ver num desenho do Pequeno Hans...”(LACAN,1998:573).

Acreditamos que foi o fato de que Lacan localizou no *liegenlassen*, essa hiância fundamental, que em Schreber não há como ser ocupada pelo falo, que lhe permitiu colocar no Esquema I o *Criador* no lugar correspondente ao ponto *M* do Esquema R. Sabemos que o jogo de presença-ausência é o que permite construir a simbolização primordial da mãe. A *Entmannung*, a eviração, seria a resolução que se apresentaria no lugar dessa hiância, e em consequência da falta da metáfora simbólica que se sustentaria pelo Nome-do-pai. Na “Questão preliminar”, vemos Lacan, diante da psicose de Schreber, dar basicamente o mesmo tratamento que ele dispensa à neurose em “O *Seminário*, livro 5: As formações do inconsciente”.

Ele nos mostra que do lado de Schreber, no campo imaginário, também se abre uma hiância, e ainda ressalta que esta se abre desde muito cedo. Entretanto, em função da *Verwerfung*, ela se abre desnuda, e o sujeito é advertido pelo inconsciente de que na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, restaria a solução de ser a mulher que falta aos homens. Para Lacan, aí reside o sentido da fantasia:

³⁶ Filósofo racionalista que resolveu superar o impasse cartesiano sobre as relações entre a *res cogitans* e a *res extensa*, através da afirmação de que qualquer acontecimento corporal não passa de uma manifestação direta de Deus, visto que esse se mantém em criação contínua do mundo.

"seria belo³⁷ ser uma mulher na hora da copulação"

Em “O *Seminário*, livro 7: A ética da psicanálise”, Lacan desenvolve a idéia de que o belo teria uma função de limite. O belo seria um ponto de transposição que permitiria discernir um elemento do campo do para além do bem, e portanto do para além do princípio do prazer. Lacan ainda aproxima a função limite³⁸ do Ideal do belo com a fantasia do falo (LACAN,1959:359). Ao que nos parece, seria exatamente esta a hipótese que ele desenvolve tanto para a neurose pela presença do falo, como para a psicose em que a “zerificação” desse significante deixa um buraco, vindo uma fantasia de beleza ocupar esse lugar³⁹.

Uma outra comparação evidencia no Esquema I um movimento de balança semelhante ao que encontramos na neurose. Num primeiro momento, Schreber se lança à identificação imaginária com A mulher, sustentada aí pela função limite da beleza, tensionado pelo gozo transexualista. O retorno se daria pela ideal da geração da nova humanidade, lembrando-se que um filho era um antigo ideal de Schreber.

“Uma linha que culminaria nas Criaturas da fala, ocupando o lugar do filho recusado às esperanças do sujeito, seria assim concebível como contornando o furo cavado no campo do significante pela forclusão do Nome do Pai. É em torno desse buraco em que falta ao sujeito o suporte da cadeia significante,... que se trava toda a luta em que o sujeito se reconstrói” (LACAN,1998:570).

O que constatamos é que, para Lacan, a reconstrução delirante de Schreber se faria no campo do imaginário a partir da eviração, e no campo do simbólico a identificação ideal

³⁷ Na edição em português das memórias de Schreber encontra-se "bom" e não "belo", o que se revela como sendo um erro (p.60). Em alemão encontramos: “*Es war die Vorstellung, daß es doch eigentlich recht schön sein müsse, ein Weib zu sein, das dem Beischlaf unterliege*”. A palavra *schön* em alemão refere-se à beleza (SCHREBER,2006- grifo nosso).

³⁸ A título ilustrativo, convém lembrar que o conceito de função limite nos remete também ao φ , visto que este funciona como limite a uma específica relação entre duas séries de Fibonacci.

³⁹ A propósito, parece-nos interessante lembrar que o sonho inaugural da psicanálise, o Sonho da Injeção de Irma, com o qual já nos ocupamos neste trabalho, invade o sono de Freud quando este se encontrava em viagem hospedado numa localidade chamada Bellevue.(FREUD,1985:418)

ordenaria toda a produção alucinatória, ou seja, a produção significativa, onde Lacan valoriza a função criadora da palavra. No imaginário, a reconstrução da realidade teria seu ponto de partida nas atitudes contemplativas de Schreber diante do espelho, coberto de atributos femininos. Lacan escreve:

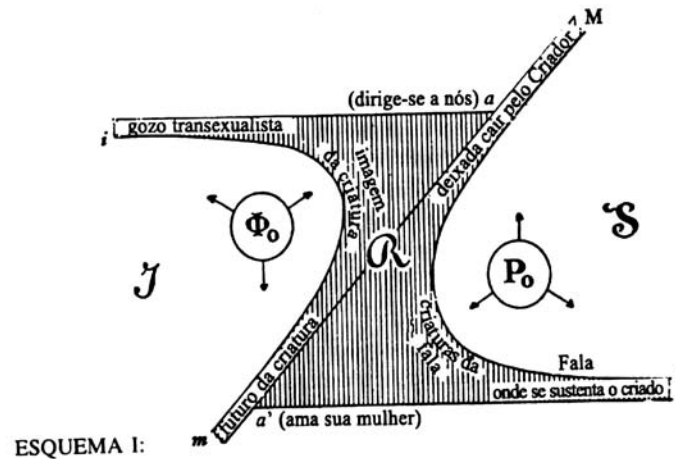
“Muito mais do que isso, devemos assinalar... a singularíssima insistência, mostrada pelos sujeitos dessas observações, em obter para suas exigências mais radicalmente retificadoras a autorização ou, se assim podemos dizer, a mão-na-massa de seu pai... vemos nosso sujeito entregar-se a uma atividade erótica,... com satisfações que lhe são dadas por sua imagem no espelho”(LACAN,1998:575).

Ele dispensa a essa prática de Schreber um estatuto análogo ao júbilo do Estádio do Espelho na neurose.

Convém ainda assinalar a atenção que Lacan dispensa à experiência de morte do Presidente em seu trabalho de reconstrução. Ela teria um papel fundamental na virada que teria se operado, do horror inicial à idéia de eviração ao posterior consentimento, da volúpia à beatitude. É em torno da morte, que Schreber organiza a sua reconstrução:

“... podemos colocar sob o signo da criatura o ponto decisivo de onde a linha escapa em suas duas ramificações, a do gozo narcísico e a da identificação ideal... E também nesse caso, a linha gira em torno de um furo, precisamente aquele em que o “assassinato d’almas” instalou a morte”(LACAN,1998:577).

Vemos assim que todo o trabalho de reconstrução, que o Esquema I sintetiza, ordena-se em torno desse primeiro tempo, do assassinato d’almas.



O plano hiperbólico apenas mostra que a solução encontrada por Schreber é aberta ao infinito, o que no neurótico Esquema R fica elidido. Esse detalhe levou Lacan a valorizar a observação freudiana sobre a realização assintótica do Ideal de identificação à mulher e de procriação em Schreber. Comparando ao Esquema R, vemos que um campo de realidade constitui-se pela manutenção da estrutura do discurso do Esquema L.

“Sem dúvida, esse esquema participa do exagero a que se obriga toda formalização que quer apresentar-se no intuitivo. Isto quer dizer que a distorção que ele manifesta entre as funções aí identificadas pelas letras transpostas do esquema R só pode ser apreciada em seu uso de retomada dialética” (LACAN,1998:577-578).

Sem o recurso da média e extrema razão, para Schreber não há como operar inicialmente com a hiância percebida na ausência da mãe. E foi diante da hiância, impossibilitado de encontrar uma proporção ficcional que lhe permitisse de antemão escrever de forma virtual o infinito, que Schreber se viu precipitado na beleza sem forma da intuição hipnagógica de uma mulher sendo copulada. Tomado na experiência indeterminada e enigmática do desejo do Outro, na feminização produzida pelo

inconsciente, Schreber precisou inventar uma via que tornasse mais aceitável essa solução para seu problema. Como a possibilidade de fazer uma metáfora do infinito lhe havia sido foracluída, em sua reconstrução simbólica estabeleceu uma nova relação entre significante e significado, uma metáfora delirante. Essa nova via simbólica, criação significante que se reordenou em torno do buraco em que se vislumbrava o gozo transexualista, possibilitou-lhe, pela eviração sempre postergada, manter numa temporalidade eternamente adiada, o encontro com a indeterminação intratável do desejo do Outro, metonímia da cadeia simbólica.

Afinal, “... o estado terminal da psicose não representa o caos petrificado a que levam as conseqüências de um sismo, porém, muito antes, a essa evidenciação de linhas de eficiência que faz falar, quando se trata de um problema de solução elegante”(LACAN,1998:578).

CONCLUSÃO

O saber da psicanálise não se articula e nem progride pelos mesmos processos da ciência. Como consequência, abordar este campo discursivo inventado por Freud por intermédio de uma investigação dentro dos moldes acadêmicos é uma tarefa que não se executa sem algumas contradições e riscos bem particulares a essa especificidade do saber psicanalítico. Se nos inspirarmos no próprio Freud, veremos como essas contradições foram se sucedendo ao longo mesmo da elaboração de sua obra. O conceito de pulsão, por exemplo, aquele que Freud chamou de pedra angular da psicanálise, sofreu diversas mudanças à medida que a experiência clínica assim exigia, e ele mesmo não se recatava de dizer que a pulsão era a sua mitologia. Sabendo que o mito é uma tentativa de dizer do impossível, somos levados a afirmar que o conceito fundamental da psicanálise, aquele que organiza o seu campo de saber, é diferente de um conceito experimentável, um construto que tenta tocar o impossível de dizer da própria experiência. Não queremos com isso afirmar que esse encontro com o impossível seria uma exclusividade da psicanálise, mas é necessário resgatar a maneira particular pela qual ela se ocupa dele.

Lacan transitou pelos mais diversos campos do saber, arregimentou das diversas ciências inúmeros conceitos, mas sempre fazendo deles um uso particular, uma mitologia psicanalítica. Ele buscava com tal uso uma cientificidade para a psicanálise e esforçou-se na sua formalização e transmissão. Apesar dos efeitos alcançados com essa formalização, a psicanálise continuou e continua não se deixando apreender totalmente, escapando sempre como um resto. Essa realidade da psicanálise levou Lacan seguidamente a nos alertar para os riscos de nos deixarmos cativar pelo saber que por ela fosse produzido, apostando sempre no real da experiência que escapa a esse saber. Esse impossível da experiência

psicanalítica é uma das maneiras pela qual se pode entender o que aparece no *Seminário 2* como sendo a hiância fundamental na estrutura do sujeito que se sustenta na fronteira do simbólico e do imaginário.

Percebemos que tanto a formalização freudiana como também a lacaniana, na tentativa de organizar o campo da experiência que a psicanálise oferece, sustentam-se nesses construtos. Eles foram sendo criados à medida que a experiência clínica apresentava a exigência de uma nova formalização. Conseqüentemente, uma pesquisa em psicanálise deve levar essa variável em consideração. Em função disso, nossa pesquisa foi conduzida com o mesmo espírito que conduziu Lacan em seu retorno a Freud:

“Para nós, não se trata de sincronizar as diferentes etapas do pensamento de Freud, nem sequer de pô-las em concordância. Trata-se de ver a que dificuldade única e constante respondia o progresso deste pensamento, constituído pelas contradições de suas diferentes etapas. Trata-se através da sucessão de antinomias que este pensamento continua nos apresentando, dentro de umas destas etapas e entre si, de defrontarmos-nos com o que o constitui, propriamente, o objeto de nossa experiência” (LACAN, 1985:189).

Se para Freud as aberrações sexuais serviram como demonstração de que não haveria laço natural entre a pulsão e o objeto, e que dessa forma a sexualidade seria sempre aberrante no humano, para Lacan, sua experiência com a psicose foi possivelmente a responsável por ele não ter se deixado levar pelo erro neurótico comum. Ele desde cedo percebeu que não somente na psicose, como também na neurose, o simbólico não se apresenta como uma série ordenada, e sim um contínuo incomensurável, acéfalo, e o imaginário não constitui por si só uma unidade. A psicose revelou que isso se tratava de um sonho neurótico, o que o sonho inaugural da psicanálise, o da Injeção de Irma, tratou de desmascarar. Como disse Koyré, é por existir o infinito real que infinitos pontos podem ser colocados em uma reta dando a ilusão da unidade. O Um da imagem, contudo, tem

desvelado sua dimensão incomensurável, seja nos paradoxos de Zenão, no impasse dos pitagóricos, seja no número irracional.

Em nossa investigação, encontramos em Lacan o esforço para equacionar as interrogações associadas à idéia de que um simbólico irracional, rasgado, articula-se com um imaginário decomposto, produzindo um sujeito como efeito. Para dar conta desta tarefa, ele buscou, inicialmente, restituir o valor à invenção freudiana diante daqueles que, após a sua morte, desconhecaram a importância do acontecimento simbólico, privilegiando a noção unitária de Eu. Como ele poderia trazer de volta à cena psicanalítica um simbólico incomensurável e rasgado, esse discurso contínuo do Outro, e como seria possível ao sujeito constituir um Eu, um corpo imaginariamente unitário, a partir da experiência inicial do corpo despedaçado? Não seria o caso de desprezar a noção de Eu, mas sim de reposicioná-la em seu real patamar na experiência psicanalítica. Foi preciso inicialmente resgatar a agudeza do *Além do princípio do prazer* que Lacan sempre acusou os pós-freudianos de terem negligenciado. A agudeza que a hiância revela ao não se deixar escrever. Esse contínuo de que Koyré nos fala, que se revela quando se percebe que o Um da imagem é ilusório, e que o simbólico é irracional, esse real que escapa é, nesse momento em Lacan, o *Além do princípio do prazer*. O *Além do princípio do prazer* é o infinito real.

A utilização da noção de falo articulada à noção de Segmento Áureo mostrou-se um artifício digno da genialidade de Lacan. Afinal, a questão humana é como existir em meio a esse infinito real da pulsão de morte. A solução neurótica é construída exatamente em torno do falo. Assim como o Número de Ouro, o falo incidindo sobre esse real, inaugura uma seqüência de pontos em uma série harmônica, um infinito potencial no simbólico e uma unidade no imaginário que somente será alcançada potencialmente no infinito. Aqui se

encontra o valor da assintótica que Lacan anuncia no “Estádio do Espelho” e no Esquema R. O neurótico, contudo, acredita no Um. O neurótico é aquele que aposta que o Esquema R é um quadrado e não um plano projetivo, e pela dimensão enganadora do Eu, recalca o estatuto rasgado do simbólico e da dimensão faltosa do falo imaginário. Ele sustenta sua crença no Um pelo desconhecimento da dimensão do infinito real, e da dimensão virtual da realidade. Se olharmos para a unidade aparente do desenho de uma banda de Möebius, não perceberemos que ela percorre um trajeto contínuo. Essa paralaxe é a mesma que a crença na presença do falo imaginário permite ao neurótico. Ele se faz assintoticamente Um a despeito do despedaçamento real de seu corpo. Esta operação é mediada pelo falo que faz existir uma proporção, uma relação, escandindo o discurso contínuo do Outro. Vemos que já se antecipava a idéia, que viria a ser posteriormente adotada, de que o falo se insere no lugar da falta da relação sexual. O falo determinando a razão matemática da falta-a-ser do sujeito aloja-o na hiância. Essa hiância fundamental revela o *Além do princípio do prazer* para mais além da solução neurótica. Ela é fiadora da existência do sujeito, exatamente pelo impedimento que impõe, pois, expõe o impossível de se completar o simbólico e de se fazer Um com o imaginário.

A psicose, por seu lado, revela o estatuto trágico da invasão irracional e rasgada do simbólico. A experiência atemporal dos esquizofrênicos ensinou a Lacan que na psicose, pela forclusão do Nome-do-pai, o sujeito se vê tomado pela experiência real do infinito, seja pela dimensão irracional do simbólico, seja pela decomposição imaginária. Cabe a ele inventar uma via para constituir um Eu, e conseqüentemente uma nova temporalidade. Vimos que em Schreber, essa construção se fez por um artifício interessante. Schreber não produz uma nova dialética, e comumente encontramos essa impossibilidade na psicose. O

seu artifício, contudo, também é abordar o infinito real pela via do infinito potencial, pela via do indeterminado. No lugar da experiência incomensurável, atemporal, acéfala, Schreber também constitui um vir a ser indeterminadamente adiado, mas que sem a presença da razão articuladora, deve manter em ato esse seu adiamento. Este é o valor das assíntotas em Schreber. No campo imaginário, apresenta-se a abertura ao infinito da solução megalômana, paranóica, tendo a eviração como esse compromisso indeterminado. Já a procriação da nova raça mantém o tensionamento simbólico, pela via do Ideal, que se mantém aberto ao infinito assim como a solução da eviração.

A simplicidade com que podemos ler as soluções neurótica e psicótica, é uma expressão da formalização de Lacan, de sua própria solução elegante.

Há alguns anos, em um de seus seminários ministrado em Belo Horizonte, Jacques-Allain Miller disse que, na verdade, o ensino de Lacan era simples. Lembro-me que esta fala provocou perplexidade e risos na platéia. Afinal, parecia muito mais uma ironia de Miller. Ao longo deste trabalho, tentei mostrar que esta articulação: simbólico, imaginário e real, teve como fio condutor um momento do ensino de Lacan articulado pela crença neurótica: Infinito, Uno e Hiância, mostrados no Esquema L. A psicose mostrou o mais além dessa crença. Foi necessário a Lacan seguir adiante, mas os elementos presentes nessas primeiras elaborações parecem persistir em seu ensino, indo bem além do trajeto que percorri. No *Seminário 7, A Ética da Psicanálise*, as referências ao trágico são evidentes, sendo os temas da beleza e da morte do sujeito revisitados com muito maior aprofundamento. O *Seminário 8, A Transferência* perpassa novamente alguns desses pontos, bem como o *Seminário sobre a Identificação*. A partir do *Seminário da Angústia*, mesmo com a mudança produzida com a formalização do objeto *a*, que entra no lugar de

$-\varphi$, as questões sobre o infinito e o segmento áureo continuam permeando o ensino de Lacan. O *Seminário De um Outro ao outro* ocupa-se sobremaneira do tema.

Ainda hoje não me encontro muito seguro a respeito da afirmação de Miller sobre a simplicidade do ensino de Lacan. Ele era muito erudito e passeava pelos mais diversos campos do saber com uma invejável facilidade. Por outro lado, os elementos que encontrei, a elegância das soluções elaboradas por Lacan e que atravessam seu ensino, me fazem pensar que de alguma forma Miller tinha razão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *The basic works of Aristotle*. Trad.: R. McKeon. New York: Random House, 1941

BAGNI, G.T.; D'AMORE, B. *Leonardo e la matematica*. Firenze: Giunte, 2006. 127p.

DARMON, M. *Ensaio sobre topologia lacaniana*. Trad.: Eliana A.N. do Valle. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 301p.

DE CLÉRAMBAULT, G.G. *L'Automatisme Mental*. In.: *Ouvres Psychiatriques*. Paris: Frénésie Éditions, 1987, p.455-657.

DOR, J. *L'a scientificité de la psychanalyse II*. Paris: Éditions Universitaires, 1988. 185p.

FRANÇA NETO, O. "Considerações matemáticas sobre o gozo na neurose e na psicose". In.: *Ágora*. Rio de Janeiro: Contra Capa, vol. II, n.2p. 81-94, jul.-dez. 1999.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de, v. IV-V).

FREUD, S. *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - Carta 52* (1896). Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 317-324. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de, v. I).

FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1922[1920]). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.13-88. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de, v.XVIII).

FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)* (1912[1911]). Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 23-108. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de, v. XI).

FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]). Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 381-511. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de, v.I).

FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 85-122. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de, v.XIV).

FREUD, S. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago, 1985. 503p.

GARDES, M. *La Divine Proportion de Luca Pacioli* [S.I.] In: La [B@lise nº14](http://www.ac-poitiers.fr/arts_p/B@lise14/pageshtm/page_4.htm) : Introduction à l'esthétique des proportions (deuxième partie), 2001. Disponível em: http://www.ac-poitiers.fr/arts_p/B@lise14/pageshtm/page_4.htm. Acesso em: 14 ago. 2006.

HERZ-FISCHLER, R. *A mathematical history of the Golden Number*. New York:Dover Publications, 1998. 195p.

HUNTLEY, H.E. *The Divine Proportion*. New York: Dover Publications, 1970.

KOYRÉ, A. *Estudos de história do pensamento filosófico*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. 288p.

LACAN, J. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954/1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.416p.

LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses* (1955/1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a. 368p.

LACAN, J. *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956/1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 458p.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957/1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 536p.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959/1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 396p.

LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962/1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 366p.

LACAN, J. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1955). In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 537-590.

LACAN, J. “O estágio do espelho como formador da função do eu” (1949). In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 96-103

LACAN, J. “A significação do falo” (1958). In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.

LACAN, J. “Situação da psicanálise e formação do analista em 1956” (1956). In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 461-495.

MACALPINE, I. *Discussion* In.: SCHREBER, D.P. *Memoirs of My nervous Illness* (1911). London: WM, Dawson & Sons Ltd., 1955. p.369-415

MATTÉI, J-F. *Pitágoras e os pitagóricos*. Trad.: Constança M. César. São Paulo: Editora Paulus, 2000. 159p.

MICHEL, P-H. *De Pythagore a Euclide: Contribution a l'histoire des mathématiques préeuclidiennes*. Paris: Les Belles Lettres, 1950. 630 p.

MONDOLFO, R. *El pensamiento antiguo*. Trad.: Segundo A. Tri. In.: Biblioteca de Obras Maestras Del Pensamento, 1. Buenos Aires: Editorial Losada, 2003. 335p.

PLATÃO. *Mênon*. In.: *Platão – Diálogos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 41-74

POE, E.A. “O caso do Sr. Valdemar”. In.: *Contos escolhidos*. Trad.: Oscar Mendes, Milton Amado. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985. p.56-65.

SCHREBER, D.P. *Memórias de um doente dos nervos* (1911). 2ª.ed. Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 467p.

SCHREBER, D.P. *Memoirs of my nervous illness* (1911). Trad.: Ida Macalpine. London: WM, Dawson & Sons Ltd., 1955. 415p.

SCHREBER, D.P. *Denkwuerdigkeiten eines Nervenkranken* (1911) [S.I.] Disponível em: http://userpage.fu-berlin.de/~quirrrr/Denkwaerdigkeiten_eines_Nervenkranken.htm .

Acesso em: 14 ag.2006

SOARES, M. *Válvulas Termoiônicas I: Alguns Fundamentos*. [S.I.] 2006. Disponível em: <http://www.mspc.eng.br/eletrn/vterm01.asp> . Acesso em: 10 maio 2006a.

SOARES, M. *Termodinâmica e Transmissão de calor*. [S.I.] 2006. Disponível em: http://www.mspc.eng.br/ndx_termo0.asp . Acesso em: 10 maio 2006b.

SÓFOCLES. *Édipo em Colono*. In.: A Trilogia Tebana. Trad.: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p.101-195

TANNERY, P. “Platão: vida, obra, doutrina”. In.: *Diálogos–Platão*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p.13-37.

TERMODINÂMICA. [S.I.] Página do Grupo de Ensino em Física-UFSM, 2006.
Disponível em: <http://www.ufsm.br/gef/Termod.htm> . Acesso em: 12 jun. 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)